BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

PROVOCAÇÃO SEM LIMITES!!

Madonna

ESCANCARA SUA INTIMIDADE NOS CINEMAS DO PLANETA

Polêmica na Indústria do disco Quem matou o Pop Star?

CO-ESTRELANDO
R.E.M. ICE MC
COCTEAU TWINS
LIVING COLOUR
MORRISSEY

AS NOVE VIDAS DE

JIM MORRISON

O FILME • O MITO • A ENXURRADA DE BIOGRAFIAS
VIDA, PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DO POETA
QUE SE ENCHEU DO ROCK'N'ROLL

SCORPIONS
CRAZY WORLD

CRAZY WORLD deu a volta ao mundo e chegou ao Brasil com força total. *Wind of Change* invadiu as rádios dos quatro cantos do país e não deixou dúvidas: todo mundo gosta do SCORPIONS - pode perguntar pra sua mãe!

Em LP, K7 e CD.
PolyGram

"Não quero ser a melhor cantora ou bailarina do mundo... quero ser provocativa, quero ser política"
(Madonna no filme *Truth Or Dare*)

"Pense em nós como políticos eróticos" (Jim Morrison à *Newsweek*)

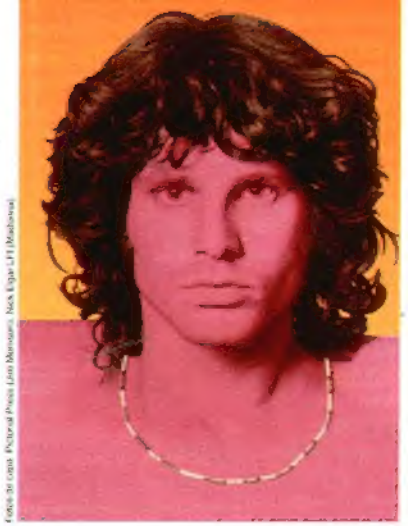
Este mês desviamos o foco para as telas de cinema, onde aparecem duas das figuras mais fortes da história do pop — seus principais "políticos eróticos", mestres em testar limites, ignorar fronteiras e desafiar o "bom gosto" e o "bom senso", entre outras coisas.

Na biografia dirigida por Oliver Stone, o mito criado por **Jim Morrison** para si mesmo renasce mais uma vez — um mito que, na verdade, nunca morreu, só cresce com o tempo. *Ana Maria Bahiana* revê, a partir da pág. 26, as várias faces de Morrison e, de quebra, narra como foi transposta para a tela a meteórica e singular carreira do poeta-xamã que vende hoje mais discos do que quando vivo. E é Ana Maria quem também dá a ficha do documentário realizado com **Madonna** durante a turnê *Blond Ambition* (pág.34).

Enquanto isso, a indústria fonográfica se vê em apuros com a escassez de novos nomes que possam ter a duração de um Jim Morrison ou Madonna. Confira a reportagem de *Sean O'Hagan*, **Pop Stars: Uma Espécie Em Extinção?** — originalmente publicada na *Face* inglesa — na pág. 36.

Para os leitores que escreveram perguntando o que aconteceu com nosso ex-editor *André Forastieri*, ele agora comanda o suplemento *Folhateen*, da *Folha de S.Paulo*. O que não o impede de continuar colaborando todo mês, assinando a partir desta edição sua própria coluna (pág.19), além de reportagens, críticas de discos e shows etc.

Por último, a consolidação do CD no mercado brasileiro não podia passar despercebida. Depois do guia encartado na última edição, ampliamos a seção de *Discos* relativa aos CDs, onde *Celso Pucci* passará a noticiar todas as novidades no universo do som digital — aqui e lá fora. Nos vemos mês que vem na superedição de sexto aniversário!



Fotos de capa: Pictorial Press (Jim Morrison); Nick Elgar (Madonna)

INDICE

6 **SHOWBIZZ**
A volta de Michael Jackson

14 **FAST FORWARD**
Cocteau Twins, DeFalla, Beats International

26 **DOORS**
O filme, o mito, a verdade

34 **MADONNA**
Abrindo tudo nos bastidores

36 **A MORTE DO POP STAR**
Um enigma para a indústria do disco

40 **R.E.M**
Estranhos no paraíso pop

44 **RAP PARTE 2**
Toda a história do gênero

48 **ESTILO**
É muito tapete. Topas?

53 **JUKEBOX**
Phil Spector, um jovem produtor

54 **CONEXÃO BRASIL**
Demo MTV, Bauxita, Aquarela Brasileira

56 **DANCE MUSIC**
Massive, Mundial DMC

58 **AO VIVO**
Jane's Addiction, Living Colour

65 **DISCOS**
Stones, Van Morrison, A Tribe Called Quest

74 **LETRAS**
"Sing Your Life", Morrissey

76 **PARADA**
Continua dando Faith No More

78 **CARTAS**
Marisa Monte, Rock In Rio, Coluna Dance

82 **DISCOTECA BÁSICA**
Suicide (77)

First Conta Itaú

Um dia a gente aprende a escolher o que gosta. E o que não gosta. Um dia a gente decide o que quer ser. E o que não quer. A gastar no que quer. E a economizar para o que quer. Um dia a gente aprende a lidar com o próprio dinheiro.

A conta de quem quer crescer e ser.

É aí que entra a First Conta Itaú. A conta que ajuda você a tomar conta do seu dinheiro. A decidir onde, quando, como e com quem gastar. Com sua conta no Itaú, o Cartão First Conta na mão e sua senha na cabeça, você tira dinheiro nas agências, Balcões Eletrônicos e Caixas Eletrônicos Itaú que estão sempre por perto, a qualquer hora que precisar. Paga suas compras em lojas que têm terminais ponto-de-venda interligados com o Itaú. Faz depósitos e consultas eletronicamente. E ainda pode investir no Fundo Eletrônico Itaú e na Poupança Eletrônica Itaú.

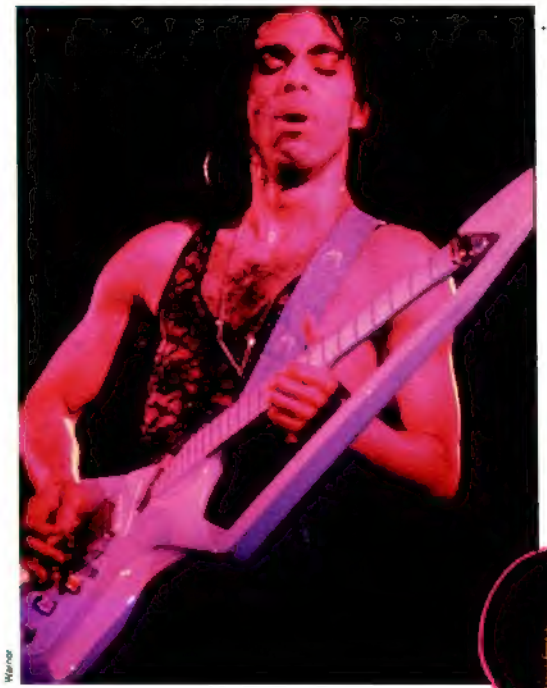
Se você tem 12 anos ou mais e seu pai ou sua mãe são Clientes Itaú, converse com eles. Chega uma hora em que você já pode tomar conta de você mesmo. E todo mundo admira isso. Um dia, a gente nem percebe e já é adulto.

O mundo admira um homem que sabe administrar seu próprio dinheiro.

Itaú
Banco Eletrônico

SHOWBIZZ

PRINCE Esse é um cara com aquilo *purple*, sem dúvida. Para o fim de agosto estará apresentando mais um LP ao mundo, *Diamonds And Pearls*, com 14 canções novas. O diretor de cinema Spike Lee, o vocalista dos Red Hot Chili Peppers, Anthony Kiedis, e o vice-presidente da MTV, Abbey Konovitch, participaram, em abril, de uma audição em primeira-mão do LP. Os três convidados descolados despejaram elogios para o novo trabalho de Prince. Spike Lee dirigirá o video da faixa "Willing And Able". A banda que toca no vinil fresco é a mesma de *Graffiti Bridge*, a New Power Generation. Para variar, Prince apresenta também novos talentos recém-descobertos, como o rapper e compositor Tony M e a cantora/tecladista Rosie Gaines. Ambos se apresentaram em *Nude*, a última turnê do perverso príncipe.



Warner

Nick Elgar/LFI

MICHAEL JACKSON NOVO

Entre julho e setembro, o planeta voltará sua atenção para um disco: *Dangerous*, de Michael Jackson. Pouco se sabe ainda sobre o "evento". Madonna vai participar em uma faixa e com alguns conselhos (ver nota ao lado). Jacko, pela primeira vez, vai se aventurar num rap, que estará num dos singles a preceder o álbum, "Black And White". Segundo fontes seguras, é um rock. O outro single será "Heal The World", uma balada humano-ecológica. Desde *Off The Wall*, de 79, é o primeiro disco de Jacko a não ser produzido por Quincy Jones. O homem da batuta agora é Bryan Loren, que já trabalhou com Sting e Whitney Houston. Pô, até que não é tão pouco assim.

CANTINHO DO FAITH NO MORE

Mr. Bungle, a outra banda de Mike Patton, se prepara para lançar seu primeiro LP. Mariah Carey e Mike Patton. Consta que há algo a mais entre os dois além do ar que respiram. Membros do grupo estarão (junto com uma banda amiga, o PRIMUS) no elenco de *Bill And Ted's Excellent Adventure II*. O FNM também estará na trilha do mesmo.

Jorge Rosenberg Azul

ROCK'N'ROLL RADIO

Se você não se lembra, JOEY RAMONE certamente soube refrescar sua memória. Quando os Ramones estiveram aqui, no fim de abril, Joey programou quase quatro horas do melhor rock madrugada adentro, num especial para a FM Brasil 2000 em São Paulo. Numa iniciativa dos nossos Andrés de plantão, Forastieri e 'Bart'cinski, a session de Joey incluiu, entre outras porradas, Stooges, MC5, Motorhead, Buzzcocks e... ahnn... o tema do Pica-pau.

PROMOÇÃO BIZZ & CMV

"And the prize goes to" GIL VICENTE PULITO, de Lins, interior de São Paulo. Seu depoimento sobre os Rolling Stones rendeu-lhe uma TV em cores estéreo, um videocassete e quatro videos: concerto para Nelson Mandela, 25 anos de Rolling Stones, George Michael e Santana.

VIDEOLANÇAMENTOS

Pela Sony Music Video:
- *Introducing... Live*. As tranças que o tempo esqueceu, TERENCE TRENT D'ARBY.
- *Live Texas Jam 78*. AEROSMITH fazendo aqueles chapéus voar longe.
- Desenhos animados dos NEW KIDS ON THE BLOCK. Se a família Do-Ré-Mi podia...

MADONNA MIA!!

O que o público, acostumado com a bundice travada preconceituosa e "safe sex" destes tempos, deve estar pensando da entrevista que Madonna deu para a *Advocate*, a maior revista gay e lésbica dos EUA? É divertidíssimo imaginar as fãs adolescentes carregando *Advocates* para casa, com suas centenas de fotos de rapazes fortões seminus.

A entrevista começa com depoimento sobre seu filme-documentário *Truth Or Dare* (sobre o qual você lê na pág. 34).

Madonna conta que houve muita pressão por parte de seu empresário para tesourar todos os trechos do filme em que "as pessoas se contorcem nas poltronas". Especialmente quando Kevin Costner aparece rapidamente saindo do camarim de Madonna enquanto ela se vira e enfia dois dedos na garganta, demonstrando seu apreço pelo astro.

E quanto a ela e Michael Jackson? Depois de ter arrasado *marilynescamente* no Oscar, sentou-se ao lado da Grande Jacko e conversou com ele a cerimônia toda, provocando especulação geral. Ela vai participar em uma das faixas de seu novo disco (nome ainda não divulgado) nos seguintes termos: "Eu disse: 'Olha Michael, se você quer fazer uma coisa comigo, você tem que estar disposto a ir até o fim, ou então quem não faz sou eu'. Ele fica dizendo que sim."

E vai adiante: "Queria reformulá-lo. Ele está precisando disso". Madonna quer mudar seu cabelo, roupas e botá-lo para trabalhar com seus dançarinos de vogue para mudar seu estilo totalmente. E Michael estaria interessado? "Ele anda se interessando por algumas coisas surpreendentes."

Sobre os gays: "Sinto que estou sempre trabalhando com homens gays. Por algum motivo, é deles que me sinto mais próxima... eles são marginalizados, e eu me identifico com isso..." Madonna afirmou que eles têm mais sensibilidade por possuírem um lado feminino, "são seres humanos inteiros".

Por encarar com naturalidade o homossexualismo em seu filme e declarações, Madonna espera contribuir para a extinção da homofobia (preconceito contra homossexuais) na indústria musical e de cinema. "Espero — talvez esteja sendo muito idealista — que meu filme mude as coisas em Hollywood nesse sentido." Ela acha que, por culpa dos heterossexuais, a mulher foi mantida numa situação inferior por tempo demais. "Todo homem decente deveria experimentar o gosto da língua de outro homem pelo menos uma vez".

Madonna também escancara o seu bissexualismo. "Todas as experiências sexuais que tive, quando era garota, foram com meninas". Apesar de muitas paqueras com mulheres, só se apaixonou de verdade por homens, porque "no fim das contas, é a aprovação de meu pai que procuro".

Ao ser perguntada se é tão pervertida quanto sua imagem sugere, Madonna metralha: "O que você quer dizer com pervertida? Ver dois homens se beijando me excita, a idéia de duas mulheres fazendo amor comigo me excita. Isso é perversão?" Madonna não gosta de consolos ou vibradores. "Eu gosto de coisas vivas, que respiram. E um dedo resolve muito bem." Falando sobre o tamanho do pau de Tony Ward, ela o define como "grande o suficiente para mim". E completa que tamanho não é documento.

Fuzila a igreja católica: "O catolicismo é uma religião perversa, hipócrita... para ser um bom católico você tem que ter uma vida sexual nula. Isso é errado, é da natureza humana ser sexual, por que Deus vai querer que você negue sua natureza humana?"

Mas, depois de tanta bomba, ela confessa que gostaria de ter uma vida doméstica, a dois, com alguém "capaz de me tomar inteira... que eu considere meu par, intelectualmente, e que realmente me entenda".

CANTÃO DO GUNS N'ROSES

EMBAÇO Permanece um mistério a data em que *Use Your Illusion*, o novo LP duplo da turma do baleia branca, verá a luz do dia. O lançamento mundial estava previsto para fins de junho. Mas parece que eles não estavam satisfeitos com o resultado da obra. Convocaram então o produtor inglês Bill Price (Sex Pistols, Mott The Hoople, Pretenders) para retrabalhar o disco em Nova York. O lançamento definitivo ficou prometido, numa vaga "mais para o fim do ano".

ESTRELISMO As estrelas agora inventaram um contrato que todo repórter ou fotógrafo que for fazer alga com a banda deve assinar. O documento dá ao Guns propriedade e direitos sobre qualquer foto, artigo, reportagem, transcrição ou gravação feita sobre eles. Quer dizer, se a banda não gostou, não pode publicar. E viva a democracia! Revistas americanas como *Rolling Stone*, *Spin* e *Playboy* se recusaram a assinar o contrato.

EM BAIXA? Nem com essa bola toda eles andam! As vendas de ingressos para sua primeira apresentação na Inglaterra por um bom tempo, programada para agosto no estádio de Wembley, tiveram um ritmo muito abaixo do esperado. Os organizadores inclusive desistiram da idéia de um possível show extra.

ECLETISMO A *Rolling Stone* publicou uma foto que só vendo para crer (mas, como eles não vendem, vocês vão ter que crer de qualquer jeito). Nela confraternizam o rapper **Young MC**, os dois **Pet Shop Boys** e bale..opa, Axl Rose. O local são os bastidores do show dos PSB em Hollywood. Axl entornou elogios ao hiperproduzido show. Segundo Neil Tennant, PSB, "ele conhecia bem nosso música. Eu acho que os Guns N'Roses são muito bons compositores".

ROBERTO CARLOS PASSA DOS 50 "O céu é (*puf, puf*) o limite (*puf, puf*), mora?"

Jorge Rosenberg Azul

EM ESTÚDIO: LÁ

— **O AEROSMITH** começou em junho a gravar o sucessor de Pump, que já vendeu mais de seis milhões no mundo inteiro.

— **PIXIES** preparam material novo em Los Angeles.

— Idem para o **CULT**, com o produtor Richie Zito (Heart).

— **NATALIE COLE** fez de seu novo LP um tributo a seu pai, **NAT KING COLE.** Todas as 26 faixas do duplo são versões de diamantões do pai.

— O metalúrgico **VAN HALEN** prossegue firme nas gravações do novo vinil, a ser lançado para o fim do ano. Nome: *For Unlawful Carnal Knowledge*.

EM ESTÚDIO: CÁ

— As gravadoras de todo o primeiro escalão do pop/rock nacional gritaram em uníssono: "Vão trabalhar, vagabundos!" O resultado é que até novembro verão a luz do dia LPs novos de **TITÃS, LEGIÃO URBANA, MARINA, CAPITAL INICIAL, LULU SANTOS, ENGENHEIROS DO HAWAII, PARALAMAS DO SUCESSO**, além de **LOBÃO** e **ED MOTTA** *(ver abaixo)*.

— Ed completa seu terceiro LP no estúdio Nas Nuvens. Uma pista de como pode soar: ele anda ouvindo non-stop Steely Dan e Donald Fagen solo.

— O provável título do novo LP de **LOBÃO** é *Sangue Suor E Esperma*. Participarão aqueles quarenta ritmistas da Mangueira, além da banda habitual. Incluirá a canção "Matou A Família E Foi Ao McDonalds" (ou algo assim).

— Os trashers cariocas de **X-RATED**, contratados pela PolyGram, finalizam seu LP, que deverá ser lançado em agosto. O produtor é Paulo Junqueira.

MORRISSEY E AFINS

• O bardo de Manchester juntou-se a Chrissie Hynde para um single, "My Love Life". Chrissie também vai aparecer no video de "Sing Your Life", do LP *Kill Uncle*.

• Mozza também botou o pé na estrada, começando uma longa turnê inglesa no final de maio. Depois, América, país onde ele não se apresenta há bons anos.

• Quem anda mal das pernas é a *Rough Trade*, gravadora independente que lançou toda a obra dos Smiths. Em prol das finanças, além de muitas demissões, cogita-se até a venda de todo o catálogo da banda. A EMI, dona do passe de Mozza, estaria interessada.

Em-Odeon

OUÇA ESSA

"Fêmea, puro sêmen da paixão coração, tenho de sobra para você."

Enfim, uma faixa seminal de FÁBIO JR. Do seu novo LP.

"Eu gostaria que a MTV não existisse. Eu faço musica. Eu gostaria que fosse só você e o disco."

Um mal- agradecido LENNY KRAVITZ.

"Eu adorava usar sapatos de salto alto. Costumavamos comprar sapatos femininos. O único problema era o tamanho, eu tinha que dobrar os dedos do pé para fazê-los entrar."

Neil Tennant, dos PET SHOP BOYS, chutando a porta do closet.

"Elvis me possuiu. Ele está morando dentro de mim, e está pagando aluguel."

JON BON JOVI, precisando urgentemente de um médico.

"A cicatriz dele foi meu cachorro que fez, quando o pegou tentando roubar grana do meu bolso enquanto eu dormia."

Ex-companheiro de quarto de VANILLA ICE.

"A garotada sai do nosso show dizendo: 'Me sinto muito melhor. Posso falar com minha mãe agora... sem bater nela'."

Tom Araya, SLAYER, conhece seu público.

KRISHNA BOY

Ele virou hare krishna, tem um selo próprio e está num grupo chamado Jesus Loves You. Incrível, não?

Boy George não tem tempo para pensar no passado do Culture Club, e quando tem não mostra saudade.

Desde 89 ele comanda o selo More Protein, subsidiário da Virgin. Concentrado em dance music, o selo trouxe à superfície alguns novos talentos, como o rapper MC Kinky, a cantora Eve Gallagher e o grupo E-Zee Posse, todos com algum hit nas pistas inglesas. O novo grupo de George, Jesus Loves You (nome inspirado num adesivo de carro), acaba de lançar seu LP de estréia, *The Martyr Mantras*.

George está cantando "hare, hare" mesmo e declarou que há um bom tempo não mantém relações sexuais. E frisa que é muito mais feliz hoje do que nos tumultuados dias do Culture Club.

Adrian Gideon Aloma

FESTIVAIS

Sony

MONTREUX O mundo costuma passar batido desse evento, mas nós não. Afinal, há uma noite só para os brazucas. Este ano a coisa não está nada mal, pelo contrário. O festival completa 25 anos, Quincy Janes está na co-produção e a escalação é bem legal: Living Colour, Deee-Lite, George Clinton, Jeff Beck, Harry Conick Jr, BB King, Miles Davis, Neville Brothers, Paul Simon e o próprio Quincy, com um elenco estrelíssimo dos participantes de seu último biscoitão *Back On The Block*. A noite tupiniking terá Gal Costa e Olodum (muuuito bem!), Ney Matogrosso e Rafael Rabello.

LOLLAPALOOZA Perry Farrel, do Jane's Addiction, está organizando o primeiro festival "alterrmatchivo" a excursionar pelos EUA. Será em julho e agosto, e entre os presenças,confirmadas estão Living Colour, Nine Inch Nails, Ice-T, Butthole Surfes, Siouxsie And The Banshees e, claro, o Jane's.

LONDRES

Começam as preparações para os tradicionais festivais do verão inglês: para Reading, em setembro, estão confirmados Iggy Pop e Sonic Youth, e a festa metálica de Castle Donnington promete a presença dos Black Crowes, Metallica e, como atração principal,AC/DC. • O Revenge, de Peter Hook, acaba de anunciar a saída do guitarrista Dave Hicks, devido a diferenças artísticas e pessoais; os irmãos Reid, do Jesus And Mary Chain, agora despediram o baterista Richard Thomas, enquanto o baixista Douglas Hart saiu do grupo por vontade própria, para começar uma nova carreira no mundo dos videos. Mesmo assim, o J&MC promete um disco novo lá por setembro. • Que Tony James (Sigue Sigue Sputnik e Sisters Of Mercy) sempre foi um espertíssimo homem de negócios, todo mundo já sabia. Mas que história é essa de ele largar tudo para trabalhar numa gravadora? Ele nega, mas os boatos persistem. • Mas o absurdo mesmo fica por conta do convite feito por Jimmy Page a David Coverdale, para que substitua Robert Plant, numa reunião do Led Zeppelin. • Lembra do Orchestral Manoeuvres In The Dark? Bom, eles também estão de volta, com a trilha sonora de uma minissérie da BBC, e novo LP logo, logo. Outro que também está reaparecendo é o gênio da guitarra Robert Fripp, que ressuscitou sua banda All Over The World, formada com sua esposa, a cantora/atriz Toyah Wilcox. • Enquanto isso, numa *cottage* do País de Gales, Wayne Hussey está ocupadíssimo, compondo material para o novo disco do Mission. • Sarah Dallin, a loira do Bananarama, anunciou este mês que está esperando um bebê para novembro. O pai é seu noivo, Bessey Walker, dançarino da banda.

ANAMARIA G. DE LEMOS

MONDOMÍDIA

VINIL IMPORTADO **Soft Cell** *Memorabilia* Uma coletânea de hits da tecnodupla que ainda é muito tocada nas rádios daqui. Remixes 91 estão planejados. ***Grindcrusher: The Ultimate Earache*** Napalm Death, Carcass e outros trashers do selo Earache. ***The Complete Stax/Volt Series 1959-1968*** Caixa de nove CDs com o fino em R&B/soul. Vai babando: Otis Redding, Rufus Thomas, Booker T & The MG's, Eddie Floyd etc, etc. ***Fontana Rarities*** Compilação limitada do selo (três mil cópias). Dois volumes com doze compactos dos anos 60. Inclui "Wild Thing", Troggs; o único single solo de Jimmy Page, "She Just Satisfies"; e "I'm The Face", dos High Numbers (depois conhecidos como The Who). VIDEO *The Story Of Genesis* Irresistível "era uma vez..." do grupo que deu ao mundo Gabriel e Collins. Imagens raras do começo, shows, Phil Collins no cinema, entrevistas e tudo mais. **Red Hot Chili Peppers** *Positive Mental Octopus* Coletânea de clips. "Here Comes The Hammer", o longuérrimo vídeo de **MC Hammer** é o mais caro já filmado. Custou 1.4 milhão de dólares. PUBLICAÇÕES ***Deadline*** Comic inglês adulto de alto nível, cujos fãs vão de **Deee-Lite** a **Ramones**. Ambos, aliás, estão na sua edição de abril, com os Deee-groovers desenhados na capa. Inclui ainda um poster da cangurófila Tank Girl. ***Rock'n'Roll Comics*** Duas novas biografias em quadrinhos — não autorizadas — da série americana. Pode encomendar: **Anthrax** e **Faith No More**. COISAS **John Lennon** Armação? Precisamente. Lançada nos EUA a coleção de armações de óculos John Lennon. Entre outros modelos: Walrus, redonda; Imagine, de metal com adornos tartaruga; Revolution, metal simples; Double Fantasy, mais grossas, adornos de tartaruga ou pretos.

CINEMA *New Jack City* É um filme sobre gangues que está varrendo bilheterias nos EUA. **Ice-T**, aquele rapper tenso, faz papel de um policial. O tempo fechou nas estréias em Los Angeles, Chicago, Las Vegas e Novo York, com tiroteio e vandalismo correndo solto. No total, duas mortes e muitos feridos. INDUSTRIA **Janet Jackson** Assinou um contrato multi-zili-mega-hiperquoquilionário com a Virgin (precisamente dezesseis milhões de doletas), deixando o A&M.

Ostell Sastre (F)

CARAS NOVAS

LONDONBEAT *Não que eles sejam o máximo (na verdade,* **Fine Young Cannibals** *cruzado com bandinha de colégio), mas estão, inegavelmente, acontecendo. O single "I've Been Thinking About You" vai fechando farmácias de plantão. Pegou primeiro em treze países, incluindo EUA. Os quatro rapazes, londrinos, evidentemente, estão na estrada há bons cinco anos, antes da grama ficar mais verde do lado deles. O LP corrente (o segundo) é* In The Blood. **BANDERAS** *Duas escocesas carecas e seu dance pop. Lema: "Se está muito alto, você está muito velho" (na verdade, queridas, é do* **Kiss**). *O LP* Ripe *é produzido por Stephen Hague (PSB, Communards) e tem colaborações de* **Barney Sumner** *e* **Johnny Marr. DEFINITION OF SOUND** *Na contramão de Manchester. Enfiaram guitarras, Kinks, psicodelismo e Sweet no que, originalmente, era dance e rap. O LP se chama, apropriadamente,* Love And Life: A Journey With The Chameleons. **SCAT OPERA** *Vozes do hemisfério norte estão entoando coros de aclamação pelo funk/hardcore destes ingleses. Conferimos e constatamos que vale a pena agarrar o LP* About Time.

LOS ANGELES

É a síndrome Milli Vanilli. Agora é com Paula Abdul. A vocalista Yvette Marine processou Paula e a gravadora Virgin por não lhe terem creditado parte substancial do vocal principal de duas faixas do álbum *Forever Your Girl*. Depois, surgiu um cidadão em LA pedindo indenização por perdas e danos, alegando ter comprado o disco achando que fosse uma coisa e, agora, descobriu que Abdul não canta sozinha. Dan Rann, o tal, afirma que foi fraudado como consumidor. Don Was (do Wast Not Was), produtor que trabalhou com Paula em seu segundo álbum, *Spellbound*, declarou-se indignado com as acusações de Yvette. "Paula é uma excelente cantora", disse Don. Falando em *Spellbound*, o disco conta também, na produção, com o talentoso grupo soul americano Family Stand. • Metaleiros de todo o mundo, uni-vos: a Warner Reprise Video lançou uma vídeo-revista quinzenal dedicada inteiramente às artes metálicas. Haverá também uma série de matérias cobrindo diferentes nomes do rock alternativo americano e europeu. A vídeo-revista chama-se *Video Sheet Metal*. • Em setembro, sai o novo álbum de John Cougar Mellencamp, o segundo baixinho mais famoso do rock. É o primeiro disco de John desde que resolveu virar ator: ele estrela e dirige *Falling From Grace*, história de um cantor country que retorna à sua cidade natal para celebrar os oitenta anos do avô. • O Queen teve seus hits remixados. A primeira fornada: "We Will Rock You", com tratamento de Rick Rubin, *boss* da Def Jam/Def American, e participação dos Hot Chili Peppers e "Another One Bites The Dust" em remix hip hop, por Mike Ross, artista do selo Delicious Vinyl.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

NOVA HOT TAPE BASF
HOT...HOT...HOT...

You love it Hot. Hot Tape. Hot music. Hot sound. Nova Hot Tape Basf.
Cassete transparente, alta precisão mecânica com a tecnologia Basf que você já está acostumado.
Design totalmente novo, por dentro e por fora. Óxido de ferro LD que elimina quase todo o ruído de fundo. Mais graves...mais agudos...Hot music. Hot feelings. Hot dreams. Nova Hot Tape Basf.
A Ferro Extra I internacional da Basf para um som extra extra extra Hot.

A FITA INTERNACIONAL
BASF

PONY MVP SPECIAL. JOGUE OS OUTROS NA CESTA.

W/Brasil

No basquete, uma das grandes jogadas é aquela que acontece fora das quadras. Você compra o Pony MVP Special e deixa para trás todos os outros que já teve. Feito em couro supermacio, o Pony MVP Special é totalmente forrado e acolchoado em regiões de maior pressão. E se você é daqueles que gosta de causar impacto, ótimo. O Pony MVP Special tem sola de dupla densidade que permite total agilidade nas suas jogadas. Acerte com Pony MVP Special. O titular do basquete.

PONY
Authentic American

COCTEAU TWINS

O Céu é o Limite

A "voz de Deus" absolve os Pet Shop Boys e condena os Soup Dragons

"Olhe bem para nós. Não é óbvio que somos etéreos, místicos, celestiais?" Robin Guthrie sustenta a expressão séria por alguns segundos, até que seu olhar e o de Liz Frazer se encontram. Então, o casal mergulha numa gostosa gargalhada. No caso de Robin, tal ironia se justifica: à primeira vista, ele parece o mais ordinário dos mortais. Nada indica que seja o responsável por algumas das mais belas texturas já criadas nos limites da música pop. Mas é fácil imaginar todos esses adjetivos (utilizados à exaustão nas críticas ao grupo) sendo aplicados à pequena Liz — frágil e delicada ao extremo, ela parece mesmo prestes a desvanecer em alguma nuvem cósmica.

Eles são uma das poucas bandas que não permitem qualquer interferência externa no seu trabalho, produzindo e mixando todos os LPs. Por que tanta insistência em manter tudo "em família"? "O que há de errado com os discos? Ou com a minha produção?", pergunta Robin, como se eu tivesse ofendido mortalmente a mãe dele. "Essas bandas ficam contratando gente para produzir, remixar, tocar... No final, elas não têm mais nada a ver com o disco." Simon vem em seu auxílio: "Você pode contratar o produtor da moda, e o disco vai ficar ótimo... naquele ano. Depois, vai soar uma merda. Nenhum dos nossos discos é uma merda".

Heaven Or Las Vegas, o último LP, parece apontar uma mudança nos rumos da banda. É, sem dúvida, seu disco mais pop. "Não houve nenhuma mudança drástica", reage Liz. "É a mesma fórmula, só que melhorada." Argumento que, agora, eles usam palavras inteiras nas letras.

SIMON RAYMONDE, LIZ FRAZER E ROBIN GUTHRIE

"Mas sempre usamos! A maior parte do que escrevo usa a língua inglesa!" Pode ser, mas você nunca pensou em escrever algo mais... direto? "Minhas letras *são* diretas", rebate a cantora. Robin percebe minha incredulidade. "Sabemos do que estamos falando. Afinal, não é possível escrever uma canção sobre nada *(pausa)*. Pensando bem, talvez não seja tão impossível assim..."

Já ultrapassamos meia hora de entrevista. Pela fama do grupo, imagino que deve ser alguma espécie de recorde. "Não gostamos dos jornalistas, especialmente os ingleses. Eles tentam influenciar todo mundo e são muito teimosos", proclama Robin. "Ninguém acredita mais no que eles escrevem." Mas todos eles são unânimes em dizer que os Cocteau Twins criaram um som único, indefinível e intransferível. "Eu gosto disso", alegra-se Robin. "Mas não sei... o que *você* acha?" Eu concordo com eles. "Ótimo"

Pouco antes de embarcar para o Brasil, o trio rompeu um contrato de nove anos com o selo independente britânico 4AD. Quando toco no assunto, Robin e Liz mostram-se mais reticentes do que nunca. "Achamos que era uma boa idéia" — é o comentário lacônico de Liz. E para onde vocês vão? "Não sabemos ainda", diz Robin. "Para alguma gravadora que nos dê liberdade e não nos obrigue a fazer dance mixes..."

Alguma coisa contra a dance music? "Não, adoramos dance music!", corrige Robin. "Eu adoro dançar", completa Liz — por sinal, descoberta por Robin numa pista de dança. "Só que nós não fazemos música para dançar", acrescenta ele. E se alguém sampleasse os Cocteau Twins e usasse em um single dance? "Já fizeram isso, uma banda belga", revela Robin, incapaz de lembrar o nome do grupo em questão. "Eu achei ótimo! É lisonjeador." Decido ir mais longe: que tal um remix dançante de uma faixa do trio? "Se nos pedissem permissão, negaríamos", declara Simon. "Mas, se alguém fizesse sem o grupo saber e nos mostrasse depois... quem sabe?"

Os Cocteau Twins não têm, então, nenhuma intenção de engrossar as fileiras da onda de bandas *indie dance*? "Nunca faríamos isso." E o que pensam dos colegas? "Não gostamos dos Soup Dragons, porque sabemos como eles eram antes", ataca Robin. "Eles mudam com as estações. Antes, faziam *guitar rock*. Agora, estão fazendo dance music", completa Liz. Não são os únicos. "Não, mas são o melhor exemplo de oportunismo em que eu consigo pensar", dispara Robin. Happy Mondays? "Não gosto, por causa das letras", responde Simon. "São monstruosas."

Do que, afinal, os Cocteau Twins gostam? "Gostei do último single do Deee-Lite, 'How Do You Say Love' ", lembra Robin. " 'Epic', do Faith No More, é legal", opina Simon. Liz não diz nada — apenas pára repentinamente de folhear as páginas da BIZZ que lhe dei, com uma expressão de êxtase: acaba de encontrar uma foto dos seus amados Pet Shop Boys...

MARISA ADAN GIL

ALTA ROTAÇÃO

A Redação recomenda

Recomendar The Complete Recordings, de Robert Johnson, seria chover no molhado. Portanto, descole *ao menos* outra jóia da coleção Roots N'Blues: The Big Three Trio, de Willie Dixon. C.P.

Parece a introdução de "Rock'N'Roll Lullaby" — o inesquecível tema da novela *Selva De Pedra* — e de repente cai num clima à *la* Brian Eno. A mesma fronteira bizarra entre *soap opera* e vanguarda, explorada por David Lynch nas imagens, se estende à trilha sonora, uma colaboração com Angelo Badalamenti. É a maravilhosa *soundtrack* de Twin Peaks. A.A.

Out Of Time, R.E.M.
Apesar de algumas derrapadas, é um grande LP, que mostra Stipe mais lírico do que nunca em faixas como "Half...", "Losing..." e a lindíssima "Country Feedback". M.A.G.

Muito peso, tinturas psicodélicas e letra acima da média do rock ianque fazem do segundo LP do Jane's Addiction uma ótima pedida. Procurem o Ritual De Lo Habitual. A.C.M.

Yo Raps! Vários
Animada e diversificada coletânea de hip hop. Os veteranos vão do galã LL Cool J ao panfletário Public Enemy. Os novatos, do freak Afros ao yuppie Candyman. C.R.

Sem Cultura

Uma nova guinada de estilo, outro LP, e agora os zoneiros renegam o *thrash*. Edu K e Flávio Santos explicam a coisa para um velho amigo e produtor

Fazia dois meses que Edu K e Flávio Santos não se encontravam. Edu passara os três meses de verão em Florianópolis, assombrando a população em shows solo vagabundos, nos lugares mais fuleiros dos redondezas. A troco de uns cruzeiros e com o pior equipamento que se possa imaginar. Resultado: mesas e cadeiras quebradas e platéias xingadas à exaustão. Em cima da hora da entrevista, ouço um grito. É a empregada assustada com o súbita presença de Edu K, de calça de brim rasgada, enegrecido pelo sol e com a cabeça coberta de dreadlocks (!), que acabava de pular o muro da minha casa...

Vocês sempre se metem em confusão nas turnês...

FLAVIO Em Salvador a gente viu a cara da colonização. O sujeito que nos contratou era um negrinho, e os donos do bar onde íamos tocar eram franceses que não sabiam porra nenhuma do que ia acontecer. Achavam que iam ganhar dinheiro conosco. No dia, viram que não ia muita gente e deram um pau no negrinho... Era sangue para todo lado.

Os thrashers ortodoxos não aceitam o metal de vocês?

EDU Para começar, a gente não faz som para thrasher. Não nos interessa. A gente quer é mulher na platéia. Outro dia, num show, tinha 70% de mulheres, mas elas não podiam chegar perto do palco porque tinha uma cambada de peludos se socando lá na frente...

Vocês são notórios durangos. Como é possível viver sempre sem dinheiro?

EDU Faz uns quatro ou cinco anos que a gente toca sem ganhar nada. As vezes passo uns vinte dias sem comer, só tomando água. Já o Castor gigoleia a mulher. A mina paga os gibis e o rango, ele só fica atirado em casa.

FLAVIO Ele tem medo de sair de casa. Pensa que se sair, morre. É como uma amiga nossa que pegou um elevador com dois negões num hotel, nos Estados Unidos. Ela entrou e eles falaram: "Floor?". Ela logo se atirou no chão e começou a pedir que por favor não a matassem... Os negões só olhando e rindo. No outro dia chegou um envelope ao quarto dela com cinco mil dólares, e um bilhete dizendo que os caras nunca tinham se divertido tanto, que tinha sido a coisa mais engraçada da vida deles. Assinado: Lionel Richie...

Vocês parecem ter uma obsessão com os Engenheiros Do Hawaii. É foto na capa de *Screw You*, e agora a abertura de "Era Um Garoto" no disco novo.

EDU Os Engenheiros são a melhor banda do Brasil. Tenho todos os discos deles e até umas gravações piratas. Fico ouvindo e batendo punheta: "oi, alemãozinho..." A gente botou essa abertura no disco porque é a música que mais enche o saco no rádio. Isso e "Extraño", do Nenhum De Nós. Dizer "O que eu penso dos homens é *extraño*", é esquisito. É que nem o Capital dizendo "Todos os lados ficam de frente", o Lulu Santos pensando que o amor era mole... Os caras estão todos virando viados.

Mas não tem nada decente na música brasileira?

EDU A música brasileira só evoluiu com os Ratos De Porão e o Sepultura. A MPB está estacionada, com exceção do Daminhão Experiência e o Bezerro da Silva, mas para estes ninguém dá a atenção merecida.

FLAVIO Tem o Olodum que também é legal.

Vocês vivem mudando de estilo e copiando a moda musical. Ou é a moda que corre atrás de vocês?

EDU A gente não copia nada. Só caminha junto com o resto do mundo. Falavam que a gente imitava o Red Hot Chili Peppers, depois o Guns N'Roses, agora vão dizer que é o Faith No More. Acredite se quiser: eu sempre pensei nessas coisas antes delas acontecerem. Mas, como a gente é do terceiro mundo, só consegue gravar o disco depois que o som dos gringos já apareceu. Os Titãs sempre copiam tudo e todo mundo acha do caralho.

A música muda porque mudam as drogas?

EDU Drogas? Que drogas? O cara que cheira muita cocaína acaba virando viado.

FLAVIO No nosso primeiro show, juntos, o Castor fez um chá de cogumelo. A gente não tinha ensaiado porra nenhuma e estava tocando num ginásio com uma só luz. Nós três fazendo tudo errado, só a Biba, na bateria, acertando. Por essas e por outras é que ela saiu da banda.

EDU O Castor tomou tudo que tinha na casa dos pais. Tomou a televisão, a caranga... Destruiu a vida dos pais, mas acabou parando com a palhaçada. Hoje nós somos uma banda antidrogas (*risos*)...

Edu, e essa tua coleção de cicatrizes?

EDU A maioria é de garrafada. Também já caí de cara em cima de umas mesas cheias de copos e garrafas. Na cara é onde tenho mais. Uns tempos atrás, eu namorei a Luciene Adami, aquela da *Pantanal*. Depois comecei a namorar a Marielle, cantora do Volkana. Um dia saí do estúdio onde os Volkanas estavam gravando disco e fui para a casa da Luciene... Contei para a Marielle e ela me chamou num canto, num bar. Brigamos, e ela me deu um soco na cara como ninguém nunca tinha dado. Jorrava sangue. Quando fui me lavar no banheiro, vi no espelho que o meu nariz estava virado uns quarenta e cinco graus para lora, quase encostado na orelha...

Você também sempre teve mania de usar roupa esquisita...

EDU No primeiro dia do show de lançamento do selo Plug na Canecão, no Rio, fui de maiô, minissaia, sandália de salto alto e cabelo roxo. Me deixaram entrar. Mas no outro dia fui só de calção e disseram que eu não podia entrar assim... Tive que pedir uma roupa emprestada para o Sadi, do Nenhum De Nós, que é umas dez vezes o meu tamanho.

E o lance de dormir sempre de botas?

EDU Eu sempre dormi de botas porque o fedor dos pés era tão grande que não dava para tirar...

E por que vocês acham que as menininhas gostam de vagabundos fedorentos como vocês?

FLAVIO É porque os vagabundos metem melhor.

Você se considera um bonzinho fazendo de malvado ou um malvado se fazendo de bonzinho?

EDU Um pouco de cada.

E com tanta sacanagem, você não tem medo da AIDS?

EDU Não, porque já sou aidético... Não, não, tô brincando. Já fiz o teste e não tenho. Garotas do mundo, preparem-se!

CARLOS EDUARDO MIRANDA

Paulo Dias Azul

METAL
■ *hard*
■ *heavy* ■ *thrash*

O funk metal estourou pelo mundo. Depois de Red Hot Chili Peppers, Living Colour e Faith No More, bandas como Scatterbrain, Limbo Maniacs, Getto Boys (essa tem até um anãozinho entre seus integrantes), 24-7 Spyz, Heads Up e Mind Funk (era para ser Fuck, mas a censura cortou o barato do líder Reed St. Mark, ex-Celtic Frost) estão botando a ordem metálica para rebolar • O Cult começou a trabalhar no novo disco, produzido por Richie Zito, que já produziu o Heart e o White Lion (aaaargh!!). Os caras ainda não apresentaram nem o substituto do baterista Matt Sorum, que trocou os mocinhos pelo Guns N'Roses, nem o novo baixista • No meio da profusão de novas bandas de metal, quem anda se destacando é o Prong. Começaram hardcore, foram contratados pela Epic/Sony e somam influências dos Swans, do Killing Joke boa fase e de Bauhaus, mais uma certa dose de thrash • Quem anda se proclamando a banda mais pesada do mundo é o Pantera. Um grupo texano que tem cabelo mistura de moicano com rastafari, e cujo disco de estréia para a Atlantic, *Cowboys From Hell*, foi aclamado como uma das melhores coisas de 90 pela crítica gringa • Outro que entra direto em trigésimo lugar nos *charts* britânicos é o Almighty, com *Soul Destruction*, misturando Doors (de novo), AC/DC, pose de malvado e muito peso.

EVIL OTTO

Beats 4Ever

Ex-baixista dos Housemartins (que hoje Norman Cook) comanda a entidade de ritmos *Beats International*

Depois da separação dos Martins, Norman voltou a ser DJ, atividade abandonada para entrar na banda. Logo, passou a fazer remixes — James Brown, Eric B & Rakim — e em dois tempos começou a gravar seu próprio material.

O primeiro LP do Beats, *Let Them Eat Bingo!*, foi há pouco lançado no Brasil. É uma coleção supereclética de ritmos, timbres e estilos. Inclui os hits "Dub Be Good To Me" e "Won't Talk About It", ambos com Lindy Layton nos vocais. Lindy e o rapper MC Wildski são os colaboradores mais assíduos do Beats, uma coletividade de artistas gravitando em torno de Norman Cook e do cantor e compositor Lester Noel.

Com o sucesso do Beats, Norman passou a ser hiper-requisitado para remixes e produções. A mais recente tarefa foi a produção de cinco faixas do novo disco do padrinho do raggamuffin, Shinehead.

Housemartins, um passado de orgulho?

"Eu sempre disse que não gostava do que os Housemartins faziam! Eu gostava de tocar com eles, mas jamais compraria um disco. Eu tenho cinco mil discos, mas você não encontrará na coleção nenhum na linha do Housemartins."

Então, por que diabos tocar no Housemartins?

"Porque sou branco! Na época, eu havia trabalhado como DJ, rolando soul e rap, mas o preconceito vigente era 'branco não toca funk'! Hoje isso não existe mais, tudo graças ao sampler, que permite a qualquer um criar um groove."

Explique como apareceu o Beats International.

"Comecei sozinho. Mas apareceram coisas que eu não sabia fazer, como raps ou algo na guitarra, e chamei alguns amigos. Tudo evolui até virar um grupo! Agora eu e Lester arquitetamos tudo e, quando precisamos de algum especialista, o chamamos."

"Como não podemos garantir empregos para todo mundo, damos uma força de outra maneira, como na produção de seus discos solo. No caso de Lindy Layton, também arranjamos um contrato para ela com outra gravadora."

É verdade que o Clash quis processá-lo pelo uso do baixo de "Guns Of Brixton" em "Dub..."?

"O pessoal do Clash não se importa em ser sampleado, é lisonjeador! Seus advogados é que viram nisso uma oportunidade de ganhar dinheiro fácil. Quando sampleio alguém, estou fazendo uma homenagem, não um roubo. Tudo depende de como você sampleia. O MC Hammer, por exemplo, é óbvio demais. Mas se a coisa for feita direito, é uma mistura cultural incrível! Sampleogem é empréstimo e não roubo."

O que Norman, que tanto remixa o disco dos outros (exemplos recentes: Betty Boo, Jungle Brothers, A Tribe Called Quest), tem a dizer sobre "a arte do remix"?

"Há dois tipos de remix que considero bons: um melhora, salva a música. O outro é o que vai numa direção totalmente diferente. O que acontece num remix é o seguinte: eu recebo a música numa fita *multitrack*, que tem cada parte, baixo, percussão, teclados etc., em faixas diferentes. Eu ouço e tiro o que não gosto, e preencho o vazio com algo novo. Às vezes refaço a faixa completamente... É como uma cover (risos)!"

A dance music, no geral, como vai?

"No ano passado só dava dance nas paradas e nas rádios. Agora tem gente demais fazendo dance, e muitos não amam esse tipo de música. A dance está adquirindo má reputação."

E é por isso que Norman quer conhecer o Brasil?

"Quero ir para um lugar onde a dance ainda esteja fresca, cheia de idéias novas. Adoraria passar alguns meses do ano em lugares como o Brasil, trabalhando com os DJs locais. Acho que a pior coisa que um grupo brasileiro pode fazer é imitar um grupo inglês ou americano. Gostaria de conhecer gente, trocar idéias, aprender e ensinar técnicas novas... e ver como os brasileiros estão casando o dance com seus ritmos nativos. A tecnologia é maravilhosa... ela liberta as pessoas e permite essas misturas."

ANAMARIA G. DE LEMOS
CAMILO ROCHA (edição final)

Tapas & Beijos

MICHAEL STIPE E O MANO CAETANO

CÊS PENSAM QUE NÓIS FUMO IMBORA... Como dizia Paul Newman, "I'm back"! Bem-vindos à primeira edição da nova seção da BIZZ, sob responsa deste que vos fala até segunda ordem. Tenho que dizer que é uma honra para mim ter uma coluna fixa nesta revista, onde trabalhei direto um ano e que acho genial. Todo mês, neste mesmo batcanal, estarei abordando o multiverso pop e assuntos correlatos. Aceito críticas destrutivas, sarros e elogios exagerados. Seja o que for, escrevam pesados dizendo o que vocês estão achando.

MTV NEWS Quando escrevo isso, a MTV passa por uma reformulação. Saem dois VJs, Daniela (porque fez um anúncio de cigarro, o que era proibido em seu contrato) e Rodrigo. Entram outros dois, ainda não se sabe quem, provavelmente cariocas, um provavelmente negro (finalmente), para apresentar o *Yo! MTV Raps*.

Essas medidas ajudam, mas não resolvem. O canal ainda está muito preso ao formato dos EUA, e sem a agilidade e variedade de programas de lá. Precisa de mais shows, mais especiais. Precisa ir para a rua (é caro, mas tem que ser feito). Precisa de mais opinião, e precisa desesperadamente de mais humor, mais tiração de sarro, mais tempero. Rock é desrespeitoso, por definição.

O IMPÉRIO DOS BUNDAS É impressão minha ou o mundo anda muito chato? 90 começou todo pentelho e esperançoso — união da Europa, muro de Berlim, blábláblá. 91 até que deu uma animadinha, com a história do Sadam, do Bush, dos curdos e dos massacres comandados pelo Gorbachev em cima das repúblicas.

Agora voltou tudo à babaquice de antes. O Planeta anda fuleiro, como diz o Paulo Francis, e isso inevitavelmente está se refletindo na cultura que o mundo anda produzindo. A coisa é mais gritante no rock que, afinal, é uma manifestação assumidamente estridente, moleca e deixa-que-eu-chuto, e portanto deveria ser a última a se render à bundice imperante.

Exagero? Leia as revistas internacionais e chore. Madonna, pela milionésima vez, apela para sua já decantadíssima sexualidade para ajudar a bilheteria de seu filme *Truth Or Dare*. Que saco de mulher! Grandes nomes dos 80 como Simple Minds, Cure, U2 estão felizes no Olimpo Yes-Emerson,Lake and Palmer que sua própria geração ajudou a derrubar. Na Inglaterra, continua a caça à "banda do momento", com xerox amarelecidos da década passada como Ned's Atomic Dustbin e An Emotional Fish causando orgasmos em críticas quarentões brochas.

No domínio dos "grandes músicos", pentelhos metidos a Paganini como Steve Vai, Joe Satriani e Yngwie Malmsteen arrotam suas pretensões nas páginas da *Guitar Player*. O R.E.M., última esperança branca do rock independente americano, se rendeu de vez aos ares de Caetano Veloso langue-sulista de Michael Stipe. O novo disco, *Out Of Time*, é chatíssimo — "Losing My Religion"? Estamos é perdendo a paciência.

FAITH NO MORE Desde que escrevi que o Faith No More era o futuro do rock, ando sendo cobrado direto. A pergunta mais constante tem sido "e os Red Hot Chili Peppers?" A resposta eu dei numa seção de cartas aí... Mas esses dias o Júnior, editor da revista de surf *Hardcore* e um cara esperto, me cobrou mandando uma fita com dois discos do Bad Brains, o primeiro mais um outro remixado pelo Rick Ocasek, ex-Cars. Para quem não conhece (e é muita gente que ignora a banda, então não encane), Bad Brains são quatro crioulos que já misturaram funk e metal pesado nos idos de 83.

Agora, tenho que reconhecer: os caras são de primeira. Esse disco remixado pelo Ocasek é uma das melhores coisas que pintam em muito, muito tempo. Ainda acho que o FNM tem mais futuro que os Brains, ou mesmo os Peppers... esses dois são radicais, demais para o mercadão, e não tem um gatinho californiano como o Mike Patton (que, segundo o Barcinski, na verdade é o Chaves/Chapolim). Mas Bad Brains é melhor que Faith No More, de longe. Dê um jeito e grave.

THAT'S ALL FOLKS OK, já estou dez dias atrasado para entregar esta coluna (nervosismo de principiante) e *time's up*. Quanto a vocês todos aí fora, neste limbo de leitores: *keep on rockin'!*

André Forastieri

RAIZ

• country • folk • blues

A segunda fornada da coleção *Roots N'Blues*, da Sony, traz mais seis lançamentos de peso. Em um álbum/CD duplo (*The Complete Recordings Vol. 1*), começam a ser compilados todos os registros da "Imperatriz" Bessie Smith, enquanto a *blueswoman* Memphis Minnie e o violão de aço de Blind Boy Fuller comparecem, respectivamente, em *Hoodoo Lady (1933-1937)* e *East Coast Piedmont Style*. Completam o pacote as coletâneas *Preachin' The Gospel (Holy Blues)*, *Raunchy Business (Hot Nuts & Lollypops)* e *Great Blues Guitarrists (String Dazzlers)* • Uma reedição histórica — *Delta Blues: The Original Library of Congress Sessions From Field Recordings 1941-1942* (Biography) — enfoca o pioneiro Son House, através de gravações feitas pelo folclorista Alan Lomax. • *The Chess Years* apresenta em quatro CDs as sessões que o gaitista Sonny Boy Williamson fez pelo selo de Chicago entre 44 e 64, com canjas de Willie Dixon, Muddy Waters, Buddy Guy e outros • De volta para o futuro: a BMG-Ariola relança o primeirissimo álbum do grupo canadense Cowboy Junkies, *Whites Off Earth Now!!*, gravado em dois canais e editado originalmente por um pequeno selo de Toronto. Já o Green On Red vem com um novo LP — *Scapegoats* (Mercury) — gravado em Nashville e com produção do expert Al Kooper.

CELSO PUCCI

De Vento em Popa

Produção titânica para uma ótima vocalista

O grupo paulista Nau singrou os turbulentos mares do pop brasileiro durante cinco anos. E, como outras bandas contemporâneas suas, não conseguiu achar o caminho das índias do sucesso. O quarteto lançou em 86 um LP pela CBS (hoje Sony Music), penou pelo circuito nanica de danceterias paulistas e sucumbiu à falta de perspectivas em abril de 88, deixando inéditos os teipes do que seria um fantástico segundo disco. Injustiça.

A passagem do Nau deixou um bom fruto, na mínima: a revelação da cantora Vange Leonel, dona de uma voz privilegiada e um estilo particular. Seu timbre, a um tempo áspero e aveludado, vem sendo lapidado desde 80, através de passagens por grupos como Os Camarões, Estereo Tipo e Fax Pá, até, claro, brilhar no Nau.

Com o fim do Nau, Vange tratou de começar a compor um novo repertório. "Eu e a Cimara (*Bedaque, a jornalista e poetisa*) levamos um ano até completarmos onze canções, que iamos gravando num estúdio portátil." E tal e qual uma filha pródiga, ela voltou para a velha conhecida Sony. Contrato debaixo do braço, só faltava um produtor.

Nando Reis, baixista e cantor dos Titãs, já queria produzir um disco da cantora desde os tempos do Nau. Sempre tive vontade de trabalhar com uma cantora, fazer uma coisa que fosse diferente dos Titãs. E quando ouvi a demo achei superlegal. Estava tudo encaminhado, arranjado." Nando acabou trazendo um quarto personagem para essa história: seu companheiro da seção rítmica titânica, Charles Gavin.

Charles na bateria e percussão, Nando no baixo e violões e Vange nos teclados e vocais: o núcleo que gravou o LP da cantora. As participações se restringiram a Serginho Trombone em uma das faixas e ao *backing vocal* de Fernando (Luni) em duas músicas. O leitor atento deve ter percebido que não há guitarras no disco. Charles não vê muito espaço para o instrumento nas canções de Vange. "Eu acho que a construção do trabalho, a partir da própria demo que a Vange gravou, com teclados e violão, foi feita excluindo a guitarra. Ela não teria função. E não ter guitarra acabou atribuindo um certo charme ao disco. Os violões casaram bem, ritmicamente, com as bases que criamos."

Realmente, em músicas como "Mulher Lobo", "Norte Preto" e "S.A.", a pulsação funkeada que caracteriza o som dos Titãs está presente. Mas que ninguém espere uma mistura de Nau com os Titãs. Muito menos a clima folk que a substituição dos cordas poderia sugerir. Vange, Nando e Charles conseguiram criar um pop inteligente em que uma firme base dançante e suporte para camadas de teclados de extremo bom gosto, que se entrelaçam com a voz.

Vange explica que os teclados soam básicos, como órgão, piano ou naipes de cordas, "fora um efeito ou outro". E a garganta recebe influência de quem? "Tenho uma preferência por cantoras de vozes estranhas. Marianne Faithful, Patti Smith. Mas também gosto da Aretha Franklin, da Annie Lennox, da Chrissie Hynde. É um gosto particular. Não consigo encontrar um denominador comum."

Das onze faixas (uma é bônus do CD), dez são da cantora e de Cimara e a outra é "Divino Maravilhoso", de Gil e Caetano, sucesso na voz de Gal. "Não é uma cover gratuita, é uma música que faz parte da minha formação". Agora falta estrear em vinil outro herdeiro do Nau: Os Cetticos. E Visionários, liderados pelo guitarrista Zique.

LUIZ HENRIQUE ROMANHOLI

CHEGOU ARISE.
VOCÊ VAI TER UM
ORGASMATRON.

LP/K7/CD

Gravado
ELDORADO

Incluindo o hit Orgasmatron
Mixagem definitiva

RAP PY ENDING

Correndo por fora, Ice MC ensina o caminho que leva das pistas de dança à trilha da novela da Globo

A presença de Ice MC em São Paulo foi tratada com desdém generalizado. E isso, apesar deste homem pôr os Cocteau Twins, Aswad e Asia na unha do dedinho do pé, em termos de popularidade. Não adianta tentar entender o porquê. O fato é que milhões de pessoas se identificaram na pista com uma lista de estrelas do cinema, gritados sobre uma base house manjadérrima, daquelas à venda em qualquer casa do ramo. E, goste ou não, é prova viva de como os DJs têm o poder de fazer um megahit sem gravadora aqui, sem rádio tocando, sem nenhum crítico babando em cima.

Ice MC é o inglês Ian Campbell, Esquire (os iniciais I,C, e E, pegou?), nascido em 65, em Nottingham. Seu produtor é Roberto "Robyx" Zanetti, de Florença, o homem que conhece um hit de pista quando vê um, tanto que nos deu alguns grandes batidaços como Piano Negro e Raimunda Navarro. Ice, esta é sua vida. Largou a escola com dezesseis, trabalhou de carpinteiro e acabou desempregado. Montou uma equipe de break e se apresentou em clubes na Europa.

Quando estavam na Itália, Ice resolveu ficar, sentindo a presença de melhores oportunidades. Dançou em clubes por um tempo, mas parou por sentir fortes dores nas pernas e dedicou-se então a aprender os ofícios de DJ e rapper.

Em 88, cruzou com Zanetti, que o convidou para fazer o rap numa faixa que estava gravando, chamada "Don't Cry Tonight", creditada a Savage. Em abril de 89 lançaram "Easy", na época um hit na França, Espanha e Alemanha. Depois colocaram mãos à obra e gravaram todo um LP, *Cinema*.

O ouvinte mais atento fará a conexão entre o western de "OK Corral", o terror de "Scream", a love story açucarada de "Easy" e o hit-tema "Cinema". E quais os outros deletes de seu tempo livre?

"Gosto de dance e rap, obviamente. Mas não é só isso. Curto muito reggae, soul e jazz também." E depois que tantas influências louváveis estão fermentando na sua mente, e você tem que transformar isso em produto dançável... Quais as etapas?

Ice: "Bom, o primeiro é o ritmo, o groove..." Roberto: "E as batidas no tempo apropriado! Sacar o tipo de beat que os pessoas estão querendo ouvir..."

Ice: "Um pedacinho de melodia, algo que grude na cabeça, um... gancho (*hook*), como gosta de dizer Vanilla Ice"

E falando no seu xará, o que você acha dele? "Não gosto. Mas tem um lado positivo. Está introduzindo rap a um público que não conhece e que, possivelmente, pode se interessar pelo rap mais autêntico."

E você considera o seu som puro dance ou rap "mais autêntico"?

"Eu gosto de Public Enemy, NWA, mas não é a minha intenção fazer algo do gênero. Penso que com meu rap mais leve, em cima de dance music acessível, posso introduzir as pessoas ao gênero e com o tempo elas começarão a ouvir também coisas mais radicais."

CAMILO ROCHA

PULSO

A coluna onde Port-Au-Prince, Haiti, é mais cool que Prince... • A revista americana *Beat*, de reggae e étnicos em geral, fez uma edição especial sobre Brasil. Margareth Menezes, Gil e Milton (bicho...) estão na capa de abril. Nossa angelina de plantão, Ana Maria Bahiana, contribui • Compilação (importada) do mês é *Two Friends: Tins And Tins*, pelo selo Greensleeve, que representa na Inglaterra o profícuo Music Works, da Jamaica. Só torpedos dancehall como Cocoa Tea, Cutty Ranks e Home T • Ele estava perdido em algum buraco da Itália, plantando azeitonas, quando John Lydon o descobriu para a gravação do *Album* do PIL. O resultado é que o baterista Peter "Ginger" Baker, em pleno vigor cinqüentão, já entregou duas pérolas da sua nova fase solo. Sempre associado ao produtor e baixista Bill Laswell, o ex-membro da santíssima trindade do Cream lança agora *Middle Passage* (Axiom/Island), onde atualiza seu gosto pelas levadas fortes de bateria combinadas com sopros e percussões africanas e hindus. O baixista Jah Wobble, o guitarrista Nicky Skopelitis, o tecladista Bernie Worrell e os percussionistas Aïyb Dieng, Mar Gueye e Magette Fall comparecem. É quase o mesmo time de *Horses And Trees*, lançado no Brasil em 88, onde também bordavam o violinista Shonkar, Foday Musa Suso e o nosso Nana.

JAH WARDO

CARTÃO BAMERINDUS JOVEM. DE PAI PRA FILHO DESDE A INDEPENDÊNCIA DO MAURÍCIO.

A vida de Maurício ficou muito mais fácil desde que ele ganhou de seus pais um Cartão Bamerindus Jovem. É que agora ele pode movimentar o seu dinheiro como bem entender

Afinal, o Cartão Bamerindus Jovem fica vinculado à conta titular, mas tem seu próprio limite de crédito.

E permite o acesso imediato a toda tecnologia Bamerindus: terminais de caixa, Caixas Automáticas, Bancos 24 Horas e Rede Fácil.

Cartão Bamerindus Jovem. Um cartão adulto para você também fazer a sua declaração de independência. Peça o seu.

BAMERINDUS

Desde cedo, o cliente em primeiro lugar.

PAU NA MORAL

Ilustração de capa do LP do grupo

Jello Biafra e o Ministry: duas forças da América livre engajadas na brigada Lard

Jello Biafra disse a física clássica "A toda ação, corresponde uma reação". Nos EUA, este princípio universal revela-se atualmente na luta entre dois blocos antagônicos. De um lado, estão os que pregam o neoconservadorismo, escudados pelos atos da fam gerada pelo PMRC. Do outro, aqueles que resistem à implantação da censura às artes, caso do Lard — uma anarquia cool são hardcore-noise-thrash industrializada, que reúne o ex Dead Kennedys Jello Biafra ao núcleo da banda cyberpunk Ministry.

Como líder do DK, Biafra sempre externou suas (polêmicas) opiniões com máxima franqueza, algo pelo qual veio a pagar um preço bem alto. Em 87, ele e o grupo viram-se acusados pelo governo de expor adolescentes a material pornográfico (o encarte do LP *Frankenchrist* mostrava a obra *Penis Landscape*, de H.R. Giger). Ao fim do processo, todos foram inocentados, mas o DK ruiu definitivamente.

Tal golpe foi duro, mas não o bastante para calar Biafra. Desde então, ele vem fazendo palestras — em nome da entidade No More Censorship — em colégios e universidades, nas quais aborda as circunstâncias de seu julgamento e o recrudescimento do puritanismo. Simultaneamente, ele tem gravado discos sobre os mesmos temas, como *No More Cocoons* e *High Priest Of Harmful Matter*, ambos — pasmem! — totalmente falados.

Num esquema similar, mas tendo música como moldura, os registros de dois grupos canadenses de hardcore plasmaram-se há pouco com o verbo corrosivo do artista. *The Lost Scream Of The Missing Neighbors*, com o D.O.A., e *The Sky Is Falling & I Want My Mommy*, com o Nomeansno. Estes parceiros são a sequência de um trabalho iniciado na trilha do filme *Terminal City Ricochet*, no qual Biafra interpreta o corrupto assessor de um apresentador de TV que enveredа pela política.

Todavia, o maior trunfo do cantor em sua campanha contra a hipocrisia oficial é o citado Lard. Com um EP (*The Power Of Lard*) e um LP (*The Last Temptation Of Reid*) para o Alternative Tentacles, o projeto une a iconoclastia de Biafra ao som pulverizante de Al Jourgensen, Paul Barker e Jeff Ward, todos militantes do Ministry — um grupo cujos membros também atuam em diversos fronts. O Revolting Cocks (com Luc Van Acker), o Acid Horse (ao lado do Cabaret Voltaire) e o WELT (junto a Nivek Ogre, do Skinny Puppy) são alguns.

A idéia do Lard surgiu em 88, quando Biafra e Jourgensen geraram o (ainda inédito) Christian Lunch. Disposto a enfrentar os inimigos com todas as armas disponíveis, o grupo não se esquiva sequer dos tópicos mais objetos. Exemplos? As faixas "Pineapple Face", que liga o ex-general Noriega à CIA, e "Sylvestre Matuschka", que faia de um boneco que dinamitava trens para poder se masturbar. A censura ironicamente achou um osso duro de roer.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

ELECTRO

Chris & Cosey, membros fundadores do Throbbing Gristle, preparam uma tour pela Europa após um longo afastamento do público. O repertório está centrado no novo álbum da dupla, *Pagan Tango* (PIAS), cujo primeiro single, "Synaesthesia", foi mixado por Daniel Miller, o patrão da Mute Records • Por falar em remix, Tony Garcia, conhecido por seu trabalho com o Nitzer Ebb, é o responsável por seis versões de Parallax View, faixa extra do último álbum do A Split Second, *Kiss Of Fury* • Marck Ickx, um dos integrantes dessa banda, alias, está em um dos dois novos projetos de Marc Verhaegen (Klinik). Ickx participa dos vocais do X10 em seu primeiro registro, "Repulsion". Outros convidados de Marc são a banda alemã Die Form, no projeto alcunhado D. Sign, que gravou "Burning Cells". Ambos os singles são da Antler • Khomand 45 é um novo nome para a body music nacional. Formado por Marc Rhiley (Tek Noir) e Porps, abusa de samples extraídos de filmes como *1984*, *O Império Do Sol* e diversos documentários de guerra. Álbum em breve • Mais dance do que nunca, os mortos-vivos do Cabaret Voltaire vão cada vez mais longe em sua atual fórmula descartável, e concebem o pior disco techno do ano, segundo seus antigos fãs *Body And Soul* Crepúscule.

ENEAS NETO

VIDA APÓS VIDA

"Ele é quente, ele é sexy e está [illegible]". Assim a *Rolling Stone* anunciava, em setembro de 81, [illegible] matéria de capa sobre o emergente culto aos Doors — mais especificamente a JIM MORRISON — celebrado por uma nova geração de fãs. Dez anos depois, a ressurreição ganha proporções inéditas quando chega às telas sua biografia filmada por Oliver Stone, com Val Kilmer totalmente possuído pelo espírito do Rei Lagarto

Para alguem que nao desejava a eternidade e vivia como se o minuto seguinte fosse uma probabilidade remota, Jim teve um destino irônico: vinte anos depois de sua morte ele está mais vivo do que nunca. Mais uma vez as canções dos Doors, que nunca estiveram, aliás, fora das rádios americanas, voltam ao esquema de rotação máxima. Mais uma vez, as lojas de souvenirs desfraldam camisetas e posters — no bairro de Venice, onde Morrison se transformou em MORRISON' e o mito nasceu, sua figura apolineamente dionisíaca está lado a lado nas livrarias esotéricas e nos bares fedorentos dos motoqueiros, o que quer dizer alguma coisa, com certeza. Há um filme em cartaz nas telas do mundo, dirigido por Oliver Stone, estrelado por Val Kilmer e Meg Ryan — e, aqui em Los Angeles, a "cidade anônima", a "cidade da noite", cantada por Morrison tantas vezes, há também uma peça, uma temporada da banda de covers Wild Child e uma cornucopia de aparições oportunistas dos três ex-Doors, orquestrada pelo eterno, supremo *groupie* profissional da banda, o biógrafo/empresário Danny Sugerman (cujo ticket para a celebridade e quase ter morrido ao tentar acompanhar o estilo de vida sexo/drogas/rock n roll de Jim).

Na verdade, esta é apenas mais uma página na estranha saga da vida & vida & morte & morte de Jim Morrison: Morrison já nasceu e morreu diversas vezes, clinicamente, através das décadas, num ritual que ele mesmo deve achar — se é que ele está em posição de achar alguma coisa — não desprovido de humor e alguma sabedoria.

O primeiro nascimento de Jim Morrison é o que está escrito em sua certidão de nascimento: a 8 de dezembro de 1943, em Melbourne, Flórida, filho mais velho de pai militar (almirante da marinha americana, algo que sempre chocou e repugnou Jim — ao ponto de, oficialmente, ele ter sempre declarado que era órfão). Sua infância e adolescência são algo que tanto Jim quanto suas dúzias de biógrafos têm tido cuidado em tumultuar com doses adequadas de mito: Jim gostava de contar que, certa vez, ao presenciar um acidente de estrada, a alma de uma das vítimas, um velho índio, havia penetrado em seu corpo (a história aparece, em diversas formas, em textos de Morrison, e é narrada por ele mesmo no álbum de canções e poemas *An American Prayer* (que gravou antes de embarcar para o auto-exílio em Paris, de onde jamais voltaria). Stone, que está mais interessado na mitologia que na biografia de Morrison, escolheu este incidente metafórico como prólogo de seu filme — e sólatra menção à infância de seu herói.

Sob o mito, encontra-se provavelmente muitos anos solitários, migrando de cidade em cidade ao sabor dos destacamentos de seu pai, tendo livros e filmes como única companhia constante. "Uma amiga minha que o conheceu no ginásio, em Nova Jersey, disse que ele era igualzinho ao Jim que conheci aqui: só que gordinho e tímido", me disse Eve Babbitz, a primeira namorada que Jim teve depois de se transformar em JIM MORRISON. "Ou seja, era o mesmo garoto com mania de Rimbaud e Baudelaire, só que não era famoso. Nem bonito.

Jim "morreu" e "renasceu" pela primeira vez quando veio estudar cinema na UCLA (*Universidade da Califórnia*), no início dos anos 60. Cinema, lembra Babbitz em seu ensaio mordaz e brilhante para a revista *Esquire*, era a coisa mais careta do mundo nos anos 60 — algo que só valia a pena praticar se você fosse Jean-Luc Godard e tivesse uma idéia na cabeça e uma câmera na mão, e não um diploma da UCLA. Jim, crisálida de um outro Jim que "nasceria" alguns anos depois, era tímido, gordinho e careta o suficiente para estudar cinema — e, no intervalo entre as aulas, trabalhar na biblioteca da faculdade onde, aparentemente, tentava em vão impressionar as garotas com seus papos-cabeça sobre Dionísio e xamanismo.

> "A fala do filme está absolutamente correta: cabaré, Bertolt Brecht, rock'n'roll. Os Doors eram tudo isso para mim", diz Paul Rothchild, produtor de quase todos os discos do grupo

Ao contrário do que o filme de Stone indica, Morrison formou-se na UCLA — mas manteve seu nome registrado para diversos cursos de pós-graduação, para fugir do serviço militar — e "morreu": durante mais de um ano ele sumiu de circulação, morando de favor num apartamento em Venice, lendo, escrevendo, tomando peiote e mescal no deserto. Seu colega de faculdade Ray Manzarek, encontrou-o por acaso na praia e levou um susto: "Era outra pessoa. Ele tinha perdido uns quinze quilos e até eu não pude deixar de pensar 'Meu Deus, que homem lindo.' Morrison transformara-se em MORRISON, o anjo sexual do rock n roll que hoje adorna eternamente as fachadas das lojinhas do calçadão de Venice. Exatamente em frente ao point onde, numa manhã de 66, ele leu para Manzarek o poema "Moonlight Drive". Esta parte do mito, livros e filme capturam na exatidão: onde havia Baudelaire via Los Angeles, Manzarek viu rock n roll. E assim nasceram os Doors.

A fala do filme está absolutamente correta: cabaré, Bertolt Brecht, rock n roll, os Doors eram tudo isso para mim", diz Paul Rothchild, produtor de quase todos os discos dos Doors e que aparece no filme duas vezes — ele mesmo no papel de um seboso executivo e um jovem ator fazendo seu papel nos idos de 66. Rothchild viu os Doors em um de seus primeiros shows, no clubinho London Fog, em Sunset Strip. O primeiro show da noite foi um desastre. O segundo mudou a vida da banda, de Rothchild e do visionário dono do selo Elektra, Jac Holzman: em janeiro de 67 era lançado o álbum *The Doors*, puxado pelo single "Break on Through".

A carreira, digamos assim, real de Jim Morrison à frente dos Doors durou muito pouco, cinco anos, entre o lançamento do primeiro LP em janeiro de 67 e o single "Riders On The Storm" (extraído do LP *L. A. Woman*) em junho de 71, quando a banda já estava virtualmente desfeita e Jim tinha apenas um mês de vida. Significativamente, são estes cinco anos que, na consciência do público, ficaram registrados como "os anos 60", auge de um ciclo de excessos, onde o pêndulo da história voou, doido, para todos os extremos e onde principalmente a América, tão ciosa de lei e ordem, pareceu enlouquecer, inebriada de prazer e descontrole. O filme de Stone, suponho, será visto no Brasil como uma visão "realista destes cinco anos, exatamente porque o diretor, como nós, estava longe, física e emocionalmente, de Morrison e de seus cinco "anos 60". Stone, tão careta (e bem nascido) quanto o Morrison pré-Doors, tinha se alistado para lutar no Vietnã. Nossos "anos 60", geográfica e historicamente distantes, eram um inferno de outra natureza, povoado pelos demônios da censura, da repressão política e da histeria ufanista pós-Copa de 70.

Nem nós nem Stone podemos ter a visão exata de Morrison em sua época e, por isso, talvez tenhamos a única visão possível: tudo é um grande sonho, uma grande fantasia, e nesse jardim de delírios

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

Quer ler mais? O que não falta atualmente são biografias de Jim Morrison. A mais famosa e polêmica, *No One Here Gets Out Alive*, de Jerry Hopkins e Danny Sugerman, é relativamente fácil de encontrar em sua edição portuguesa (*Daqui Ninguém Sai Vivo*), pela Assírio & Alvim — que também editou *Uma Oração Americana*, reunindo traduções de letras e poemas de Morrison.

Também foi traduzido para o português *Au Delà Des Doors*, do francês Hervé Muller, com o título *Para Além dos Doors*.

Nos últimos doze meses, incentivada pela produção do filme, surgiu uma verdadeira enxurrada de livros. Entre eles, merece destaque *Riders On The Storm*, por ter sido escrito por John Densmore, ex-baterista da banda. Os outros títulos: *Dark Star*, de Dylan Jones; *Break On Through: The Life And Death Of Jim Morrison*, de James Riordan e Jerry Prochnicky; *Mr Mojo Risin': Jim Morrison, The Last Holy Fool*, de David Dalton; e *The End*, de Bob Seymore.

Patricia Kennealy, a namorada jornalista de Morrison que aparece com destaque no filme (a feiticeira e sacerdotisa que os casou numa cerimônia pagã), hoje escreve ficção científica, que define como "lendas celtas transportadas para o espaço sideral". Ela não gostou do filme ("não reflete o homem gentil, bondoso, tímido e apaixonado por literatura que conheci. É sempre Jim, o escroto") e promete para breve sua versão da história, já batizada de *Strange Days*. Enquanto isso, anuncia-se que Albert Goldman — notório por suas polêmicas biografias de Dylan, Elvis e Lennon — já está trabalhando em cima do Rei Lagarto.

Quanto à poesia de Morrison, *The Lords & The New Creatures* reúne os dois volumes publicados quando ele ainda estava vivo. Além disso, foram publicados os manuscritos inéditos encontrados em 87: *Wilderness, The Lost Writings* e *The American Night, Lost Writings Vol. 2*.

Morrison emerge como um fauno sui generis: um homem letrado num paraíso de ignorantes, alguém espetacularmente bonito num universo de medíocres, uma fusão nuclear de James Dean, Elvis Presley, Rimbaud e Marilyn Monroe ("ele dizia que Marilyn era sua avó espiritual", diz Eve Babbitz). Como um anjo das *Mil E Uma Noites*, ele podia ser muitas coisas e tomar a forma de qualquer desejo: o poeta, reluzente no meio das banalidades pop, para a turma-cabeça; a mais perfeita *pin up* para as ânsias da carne. Há quem, até hoje, procure ressonâncias musicais neste primeiro ato do mito Jim Morrison. Sinto decepcioná-los, mas ele não tinha a ver com música: ele tinha a ver com desejo, que é uma das formas mais duradouras e familiares da poesia. ("Pense em nós como políticos eróticos", disse Morrison à *Newsweek* em 68).

Jim) começaram a pagar tributo ao Rei Lagarto. O filme de Francis Ford Coppola, *Apocalypse Now* — que usa abundantemente "The End" — lançado em 79, e o livro de Jerry Hopkins e Danny Sugerman, *No One Here Gets Out Alive*, publicado em 80, sacramentaram o novo "nascimento". A música dos Doors que, desde a morte de Morrison (de causas ainda indeterminadas e em circunstâncias dúbias, no dia 3 de julho de 71) havia estado fora do ar — e que, durante sua vida, nunca fora um constante hit nas paradas ou uma grande vendedora de discos — voltou espetacularmente. Na verdade, a partir de 81, os Doors venderam mais discos do que enquanto estavam juntos e Jim, vivo.

É dessa época a origem do projeto de retomar Morrison ao seu *Medium* de escolha, o filme. Ironicamente, o fato de as complicações legais, profissionais e familiares envolvendo os herdeiros de Morrison (seus pais, já que sua mulher Pamela Courson morreu três anos depois, em 74) terem impedido que o filme fosse rodado na época apenas gerou mais um ciclo de renascimento.

'Você teve uma boa morte? O suficiente para fazer um filme sobre ela?'' (Jim Morrison)

E foi pelo desejo que ele ressuscitou pela primeira vez, na alvorada dos anos 80, quando, dez anos após sua morte, os míticos "anos 60" estavam longe o suficiente para serem lembrados, talvez como devam: como um sonho. Vista de longe, como a América dos blues e de Elvis para um par de gerações anteriores, a América dos "anos 60" de Morrison parecia um conceito perfeito demais para ser ignorado pelas bandas inglesas — para quem um conceito perfeito é infinitamente mais importante que qualquer outra coisa, incluindo música.

Nos últimos 70/primeiros 80, exaustas da desconstrução punk, as bandas inglesas procuravam modelos, ainda que fora do centro. Quem mais fora do centro que Morrison, que usava calças de couro e era sexualmente explícito, enquanto o resto dos "anos 60" (com algumas exceções notáveis: Hendrix, Jagger...) andava de bata e era cosmicamente vago; que havia sido preso e processado por obscenidade (após ameaçar baixar as calças num concerto em Miami, em 69) e que, dizem, era fichado no FBI; mas que, sobretudo, era tão eternamente LINDO (e jovem para sempre, já que convenientemente morto aos 27 anos), tão repleto de estilo, tão perfeitamente autodefinido entre Rimbaud e Bardot.

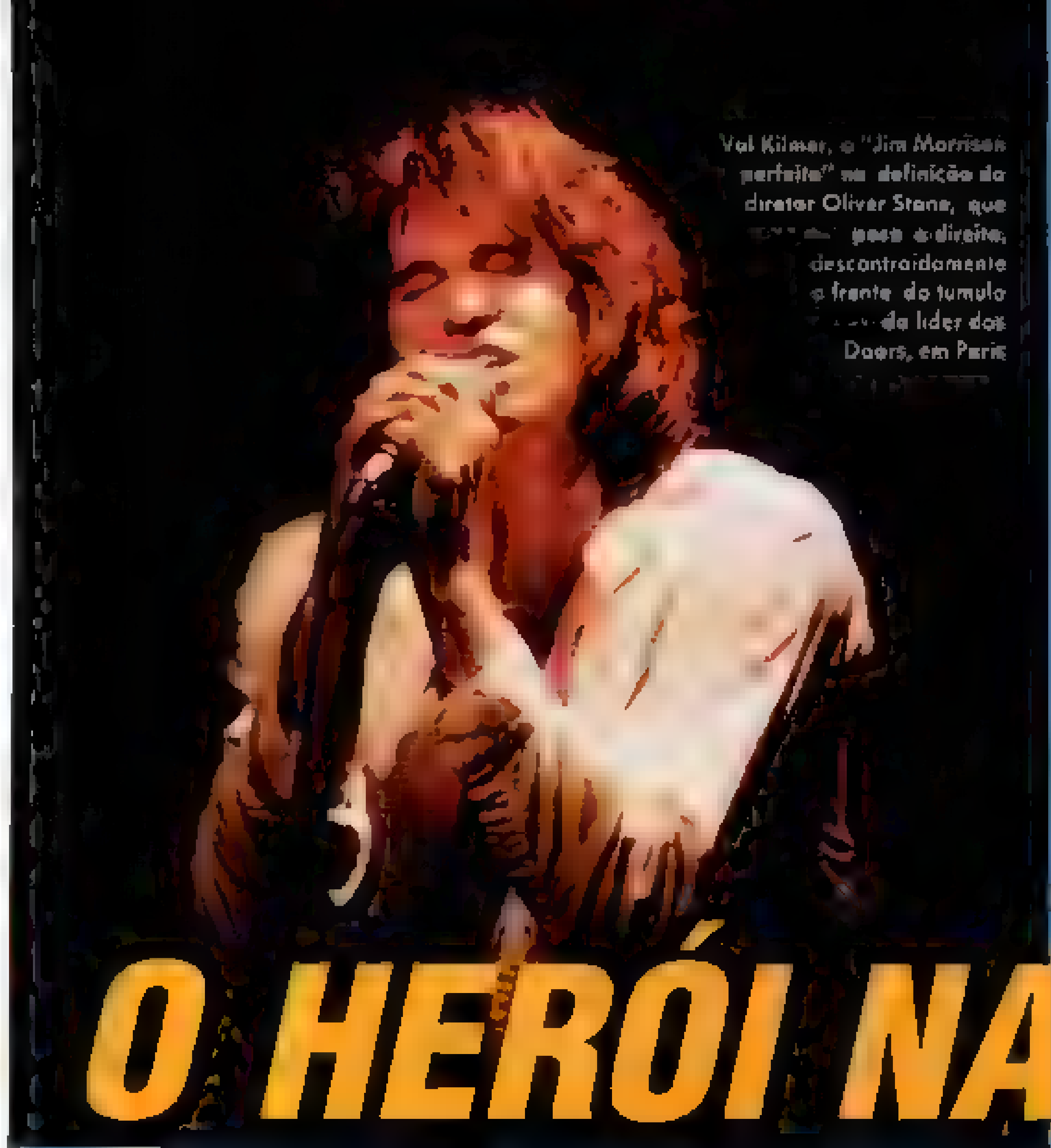
Uma a uma, em diferentes medidas, as bandas da nova geração, de Echo and The Bunnymen a U2 ("Bono Vox faz um Jim Morrison tão perfeito que sempre pensei nele para o papel", disse o produtor Sasha Harari, que há dez anos já tinha os direitos para uma biografia filmada de

Dormitando durante a metade final dos anos 80, Morrison ressurge agora, quando os excessos dos 60 são tão longínquos e absurdos que é até possível ter saudade deles — e o ímpeto autodestrutivo de Morrison pode ser mitificado, ungido e consumido seguramente na tela do [illegible] ("Você teve uma boa morte? O suficiente para fazer um filme sobre ela?", ele diz em *An American Prayer*, num texto-fala que Stone escolheu para abrir seu filme e que a cada nova audição parece mais repleto de ironia).

Agora, quando a música finalmente acabou e tudo é reciclado/sintetizado e não há experiência a ser feita que te ponha na cadeia ou no hospital. Agora que poesia são quinze segundos na MTV e o perigo não está nas mãos de um bando de garotos universitários de classe média, mas nas multidões da subclasse americana que não podem sequer entrar para uma universidade — e, por exclusão, enriquecem à força de crack e uzis. Agora que a América finalmente ganhou a guerra e o apocalipse ficou administrável e nada heróico — lixo e gasolina, salvar a Terra antes que a Terra acabe — e que o sexo exige manual, código de ética e proteção, agora que Jim Morrison está mais anacrônico do que nunca, ele renasce mais uma vez.

Deve ser a força da ironia. Ou do desejo.

ANA MARIA BAHIANA



Val Kilmer, o "Jim Morrison perfeito" na definição do diretor Oliver Stone, que ... posa à direita, descontraidamente, à frente do túmulo ... do líder dos Doors, em Paris

Columbia/Tri-Star

O HERÓI NA TELA

"Acho que venci pelo cansaço" diz Oliver Stone à guisa de explicação para o fato de, após dez anos de marchas e contramarchas, envolvendo uma lista de nomes que já parecia uma lista telefônica de Hollywood, ele ter acabado como o diretor de *The Doors*. "Ou eu tive muita sorte, ou apareci na hora certa: as pessoas estavam meio cansadas de brigar entre si e resolveram concordar com o meu nome."

"As pessoas", no caso, eram os três Doors remanescentes Ray Manzarek, John Densmore e Robbie Krieger, os pais de Jim Morrison e de sua mulher, Pamela Courson, os autores do livro *No One Here Gets Out Alive*, Jerry Hopkins e Danny Sugerman (que, só para complicar as coisas, também é empresário de Manzarek, Densmore e Krieger) e uma farândola de advogados e outros representantes da fauna & flora hollywoodiana.

Em diferentes momentos da saga, diretores tão díspares quanto Brian de Palma e o próprio Ray Manzarek estiveram associados ao projeto, e pessoas tão desconexas quanto John Travolta, Bono Vox e Michael Hutchence (do INXS) estiveram escalados para um dos papéis mais ambiciosos da praça — o de Jim Morrison.

Finalmente, quando a poeira assentou, Oliver Stone — um fã distante dos Doors, que ele diz ter ouvido pela primeira vez quando estava acampado com seu pelotão, próximo à fronteira do Cambodja, em 67, mas um especialista em fazer a crônica dos anos 60 ("enquanto eles forem relevantes para se entender a América de hoje, é claro que vou continuar interessado nos anos 60") — era o nome com quem todos, ao menos no papel, concordavam.

Fora do papel, a voz dissonante mais estridente era de Ray Manzarek, que tinha ambições próprias de escrever e dirigir um filme sobre os Doors e que, após algumas semanas de trabalho, no set, como consultor, abandonou as filmagens ruidosamente queixando-se a torto e a direito que o filme de Stone era "histórica e misticamente incorreto", que ele tinha uma "visão distorcida" de Morrison e que o filme "brincava com coisas muito sérias, mexia com energias muito pesadas".

No papel, também, Stone tinha um "roteiro" muito peculiar a limitar sua atuação: uma série de exigências colocadas, principalmente pela família de Pamela, que o impedia de mostrar ou especular sobre muitas coisas, inclusive e principalmente o papel de Pamela na morte de Jim (ela teria lhe administrado uma overdose fatal? Teria participado de uma conspiração para forjar sua morte?).

Uma vez definidos estes parâmetros, Stone escolheu o essencial: um ângulo, um tom de voz. E um Jim Morrison.

O ângulo, ele deixou bem claro desde o início: "Eu vejo Jim Morrison como um herói e é assim que vou mostrá-lo. Um herói que inventou uma trajetória mitológica para si mesmo. Alguém que nunca estava satisfeito, que queria chegar ao fundo, ao âmago das coisas, que queria chegar ao outro lado".

O protagonista, ele achou ao ver um filme que, aparentemente, não tinha nada a ver: a saga infanto-juvenil *Willow*.

"Val Kilmer me pareceu o Jim Morrison perfeito", diz Oliver Stone. "Um herói cool. E muito inteligente também."

Orquestrar os 60 em plenos 90, e colocar Jim na pele de Kilmer (e os outros Doors na pele de Kevin Dillon/Densmore, Kyle McLachlan/Manzarek e Frank Whaley/Krieger), foi tarefa que incluiu desde repintar as fachadas dos clubes de Sunset Strip em suas cores psicodélicas (e com letreiros que anunciavam: "Hoje! The Byrds! Love. E uma nova banda de Venice: The Doors!") quanto achar alguém para fazer uma ponta como Andy Warhol

A PAJELANÇA

A origem do xamanismo se estende da Sibéria até a Ásia Central, mais de três mil anos antes de Cristo. Na língua tunguso-manchuriana, o "xamã" quer dizer "aquele que sabe". Curandeiro e sacerdote, detentor de "técnicas de êxtase", capaz de comunicação com os espíritos dos mortos, ele possui correspondentes — como o pajé dos índios brasileiros — em culturas ancestrais de vários continentes. Segundo a *Encyclopaedia Britannica*: "O 'vôo' do xamã, durante a iniciação ou sacrifício ritual, pode ser considerado a mais antiga expressão mística conhecida. Mas ele não é apenas um místico. É igualmente guardião (e em grande parte criador) da tradição folclórica da tribo. As narrativas de suas aventuras na descida aos infernos e na ascensão ao paraíso constituem a poesia épica de muitos grupos étnicos".

JIM MORRISON

(Crispin Glover, quase irreconhecível, acabou na tela) e ensinar três mil garotos com idade entre dezesseis e 22 anos a dançar como se fazia em 68 (para algumas das cenas mais emocionantes e envolventes do filme: os concertos/celebração dos Doors). "Ninguém tinha a menor noção do movimento corporal da época — solto, fluído", diz Stone. "Os garotos dançavam aos pulos, como se estivessem ouvindo MC Hammer."

Colocar os Doors e Morrison, de fato, na tela, representava também colocá-los com igual detalhismo na trilha sonora. Problema número um: a não ser McLachlan, músico amador, nenhum dos outros sabia sequer segurar um instrumento. Trazido a bordo do projeto, Paul Rothchild, estudou uma estratégia com Stone: Dillon, McLachlan e Whaley iam aprender, gesto a gesto, a fazer mímica de cada uma das canções dos Doors escolhidas para cenas do filme. As gravações originais (em muitos casos, reeditadas para servirem aos propósitos da cena) serviriam de trilha — e os atores seriam capazes de ouvi-las enquanto dublavam, graças a sofisticados fones de ouvido, moldados na medida exata de cada um deles.

Uma das cenas tecnicamente mais difíceis foi, justamente, quando os Doors "compõem" "Light My Fire". Rothchild gravou novamente esta parte da trilha, com Manzarek, Densmore e Krieger tocando propositalmente "errado" até "acertarem" e comporem a canção.

Mas, acima de tudo, o que fazer com a voz de Jim Morrison? O público aceitaria Val Kilmer em vez de Morrison? "Para mim, a pergunta era justo o oposto", diz Rothchild. "Será que o público aceitaria Val Kilmer dublando, obviamente, Jim Morrison? Não ficaria falso, destoando de todo o resto da sua performance?"

Ele estava certo: após meses vendo "cada milímetro de filme ou vídeo com a imagem de Jim", como ele gosta de dizer, Kilmer estava além da performance — estava possuído pelo Rei Lagarto (um bilhete colocado na porta de seu trailler pedia que o pessoal da produção só se dirigisse a ele como "Jim" e não "Val"). Vencendo a relutância inicial de Stone, Rothchild e Roy Carr, produtor musical do filme, arquitetaram um sofisticado sistema: através dos fones de ouvido, Kilmer recebia a trilha instrumental original dos Doors, sem a voz de Morrison; e cantava por cima, ao vivo. "Não havia outra maneira, na verdade", diz Rothchild. "Uma parte essencial do personagem que Val estava vivendo era sua voz, e ele precisava usar sua voz para acabar de compor o personagem."

A.M.B.

Val Kilmer/Morrison abraça singelamente Meg Ryan/Pamela. Abaixo, junto a seus companheiros de grupo (a partir da direita, Kyle MacLachlan/Manzarek, Frank Whaley/Krieger e Kevin Dillon/Densmore) nos primeiros tempos e depois sozinho, entregue aos excessos no final de sua trajetória

LIVRARIA DO ROCK

Rock in Books

A Livraria do Rock continua trazendo para você o brilho das grandes estrelas do rock e pop mundiais.
Tudo em incríveis encadernações, super ilustradas e importadas diretamente dos Estados Unidos e da Inglaterra.
São biografias, letras, poster books, songbooks, documentários fotográficos e livros específicos na área de música rock e pop para piano, teclados, violão, guitarra, bateria, percussão, saxofone e trompete, entre outros.
Uma livraria onde o papel do rock está em cartaz.
O seu papel é participar também deste show.
Confira.

A-HA POSTER BOOK
Livro Tamanho Gigante com 20 posters destacáveis exclusivos
Cr$ 5.500,00

A-HA DIARY

The Doors Poster Book
Livro tamanho gigante com
12 posters destacáveis exclusivos.
Temos outros títulos:
THE BEATLES, BON JOVI, THE CURE, ELVIS PRESLEY, GEORGE MICHAEL, GUNS N'ROSES, JAMES DEAN, LED ZEPPELIN, MADONNA, MARILYN MONROE, MICHAEL JACKSON, PINK FLOYD E U2
Qualquer título
Cr$ 5.500,00

TEMOS MAIS DE 2.000 TÍTULOS IMPORTADOS DA INGLATERRA E DOS ESTADOS UNIDOS EM CONSTANTE RENOVAÇÃO. ESCREVA-NOS SOLICITANDO A LISTA DOS SEUS ARTISTAS PREFERIDOS.

ENVIE-NOS SEU PEDIDO, ANEXANDO CHEQUE NOMINAL À SBS-Special Book Services OU VALE POSTAL.

SBS Special Book Services

LIVRARIA DO ROCK
SÃO PAULO
Rua Augusta, 1206
(Consolação) CEP 01304

PORTO ALEGRE
Rua Riachuelo, 836, Cj. 2
(Centro) CEP 90010

RIO DE JANEIRO
Rua Francisco Serrador, 2, Sala 903
(Cinelândia) CEP 20031

O Papel do Rock

ELVIS A TRIBUTE TO HIS LIFE
Edição de luxo abrangendo toda a vida do grande Elvis Presley. O livro mais completo sobre Elvis altamente ilustrado.
Cr$ 26.050,00
Temos mais de 30 títulos sobre Elvis Presley

PRINCE
A DOCUMENTARY
sobre toda a carreira do grande showman Prince, até 1990
Cr$ 6.920,00

ERIC CLAPTON: A VISUAL DOCUMENTARY
sobre toda a carreira de Clapton.
Cr$ 9.670,00
Temos mais de 20 títulos sobre este grande músico

AEROSMITH AN ILLUSTRATED BIOGRAPHY
A história altamente ilustrada da banda Aerosmith, que faz 20 anos.
Cr$ 5.050,00
Temos outros títulos

BEATLES - THE COMPLETE BEATLES LYRICS
Livro com todas as letras das músicas que os Beatles gravaram e discografia completa. Imperdível!
Cr$ 8.650,00
Temos mais de 50 títulos

GENESIS: KNOW WHAT LIKE
Uma biografia altamente ilustrada da grande banda
Cr$ 8.650,00
Temos mais de 20 títulos

IRON MAIDEN: WHAT ARE WE DOING THIS FOR
A História ilustrada desta grande banda
Cr$ 8.650,00
Temos vários títulos de Iron Maiden, inclusive revistas

MICHAEL JACKSON: LIVE
Um documentário altamente ilustrado da tour "BAD" de Michael Jackson.
Cr$ 3.440,00
Temos vários títulos além de revistas importadas sobre Michael Jackson

GUNS N'ROSES LOWLIFE IN THE FAST LANE
Um livro completo altamente ilustrado, sobre esta fantástica banda
Cr$ 6.060,00

GUNS N'ROSES: APPETITE FOR DESTRUCTION
Songbook do disco.
Cr$ 6.660,00

GUNS N'ROSES: THE WORLD'S MOST OUTRAGEOUS HARD ROCK BAND
Cr$ 4.350,00
Temos mais de 15 títulos, inclusive revistas importadas

MADONNA
Documentário fotográfico da tour "Virgin"
Cr$ 3.440,00

MADONNA - KARAOKÊ
Livreto e fita com os grandes sucessos da Madonna
Cr$ 5.180,00

MADONNA - IN HER OWN WORDS
A vida de Madonna contada por ela própria com muitas fotos
Cr$ 6.050,00
importadas

NEW KIDS ON THE BLOCK. STEP BY STEP
Songbook com as 12 músicas do disco
Cr$ 5.180,00

NEW KIDS ON THE BLOCK. SCRAPBOOK
Livro com reportagens que saíram na imprensa mundial sobre os New Kids.
Acompanha adesivo com os New Kids, formato 22x15,5 cm
Cr$ 3.650,00

NEW KIDS ON THE BLOCK - BIG FUN KARAOKÊ
Livreto e fita cassete com os maiores sucessos
Cr$ 5.180,00
Temos vários títulos sobre os New Kids

THE DOORS - THE ILLUSTRATED HISTORY
Biografia completa, altamente ilustrada dos The Doors
Cr$ 11.270,00

THE BEST OF THE DOORS
Letras e partituras dos maiores sucessos dos The Doors com fotos
Cr$ 8.660,00

THE DOORS
A História dos legendários THE DOORS, ilustrada.
Cr$ 6.920,00

Temos mais de 20 títulos dos "The Doors", incluindo livros específicos altamente ilustrados sobre "Jim Morrison"

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 10/07/91

CLAMOR DO SEXO

Forte candidato a filme do ano,* Truth Or Dare: In Bed With... *examina e expõe sem restrições a intimidade do furor sexo/música/comportamento/imagem. O Festival de Cannes, território de Godards e Wenders, caiu de quatro (opa) e trouxe Madonna como convidada especial

Diante da câmera, em super *close-up*, Madonna abre a boca em preto-e-branco. Ouve-se uma voz vinda de um canto, com a clássica instrução: "Diga aaah", Madonna faz *aaah* e, de outro canto do quarto, em off, outra voz resmunga: "Alguém disse isso a você? Que isto é uma maluquice? O quê? Isto! Um exame médico diante da câmera!

A câmera, talvez nervosa com a menção do seu nome, vai procurar o dono da voz: é Warren Beatty, cansado e de mau humor, jogado numa poltrona. Agora é a voz de Madonna que está em off: "Eu disse a você, meu bem, que era tudo diante da câmera. Tudo. TUDO!" Beatty abana a cabeça desconsolado: "Ela é um caso perdido. Ela não tem vida fora da câmera". Talvez não seja totalmente verdade, mas é quase. Pelo menos em *In Bed With Madonna*, o documentário encomendado, em regime de total carta branca, ao estreante (e bonitinho — "Foi um fator de distração o fato de ele ser TÃO bonitinho", disse ela) Alek Keshishian. A cantora/atriz/celebridade/empreendeuse se põe, virtual e figurativamente, a nu diante da câmera. Pode ser que o público não veja tudo, TUDO, como Madonna alega, mas vê bastante: além do exame de garganta (ela está com edema nas cordas vocais, é o diagnóstico), uma sessão de quiropraxia, ao menos uma troca de roupas com visão total e frontal de seus alvos seios, longas trocas de confidências com seus dançarinos e assistentes e uma interessante série de conversas com seu pai ("Eu faço algumas coisas meio apimentadas neste show, pai, tem certeza que você quer vir me ver?"). E se não vamos para a cama com Madonna e Warren Beatty, com ela, ao menos, nos temos alguns minutos a sós. Ou quase: cercada por seus dançarinos, Madonna, de pijama, brinca de jogo da verdade. As histórias são inocentes, escabrosas, tristes ou divertidas, mas o tom não é escandaloso: é como uma daquelas festas de improviso que crianças fazem quando vão dormir na casa de um colega.

O que, aliás, é o tom de todo o filme — inclusive da famosa cena da garrafa, em que Madonna, pagando uma prenda no jogo da verdade, demonstra seus talentos (impressionantes) para o sexo oral numa garrafa de água mineral.

Eu sei que Madonna não ficará satisfeita com mais um documentário pseudo-atrás-das-cenas", diz Keshishian, 26 anos, formado em Harvard (sua tese de graduação foi uma versão pop de *O Morro Dos Ventos Uivantes* com músicas de, entre outras pessoas, Madonna). "Por isso que pedi a ela carta branca total, acesso total, para que eu pudesse mostrar todos os detalhes da vida na estrada." Que Keshishian tenha pedido não é nada demais. Que tenha conseguido é algo notável. Como nunca, desde *Don't Look Back*, o documentário de D.A. Pennebroker sobre as turnês inglesas de Bob Dylan em 65, um pop star esteve nu diante das câmeras. De certa forma, *In Bed With Madonna* parece um filme de outra época: de uma época em que o conceito de manipulação da mídia apenas engatinhava, e não havia uma horda de assistente, divulgadores e agentes para acolchoar (leia-se obliterar) a relação entre um astro e o público. As câmeras de Keshishian, num preto-e-branco propositalmente granular (para conferir uma certa seriedade documental ao filme), detem-se — durante a turnê *Blond Ambition*, de 90 começando no Japão e terminando na Europa — nos momentos mais íntimos que uma artista do porte de Madonna pode oferecer. Público e mídia certamente se lembrarão das cenas mais escandalosas, mas são as mais singelas que, na verdade, revelam algo substancial sobre Madonna: que ela tem mania de arrumação e recolhe copos e esvazia cinzeiros alheios em sua suíte; que, com toda sua fama de deusa do sexo, ela tem fome de carinho e reage muito mal à rejeição (no caso, do ator espanhol Antonio Banderas, por quem tem tesão até o momento em que o descobre muito e bem casado); que ela sente mais falta de sua família do que está preparada para admitir — o foco do filme é a relação maternal da cantora com seus dançarinos. A volta de Madonna a Detroit, sua cidade natal (e ao túmulo de sua mãe, que também se chamava Madonna), é um momento particularmente revelador.

Porque Madonna optou por se desnudar assim já são outros quinhentos. Seria por que, como um enciumado (da câmera) Warren Beatty resmunga, ela não tem outra dimensão em sua vida a não ser a pública? Ou seria por que essa é a estratégia de carreira que ela domina melhor: escândalo e revelação como obras de arte, strip-tease existencial, tumulto como meio expressivo, agit-pop para incomodar uma América puritana, rígida e chata?

ANA MARIA BAHIANA

Pop Stars
uma espécie em extinção?

Artistas como Elvis ou os Beatles, que apresentam vendas constantes ano apos ano, sao o ideal de toda gravadora. Elas estão apostando cada vez mais em velhos nomes, ao perceber, com desconforto, que desde a metade da decada passada não tem surgido novos nomes em condições de perdurar.

Na Inglaterra, o single mais vendido em 90 foi "Unchained Melody" com os Righteous Brothers, uma gravação com 25 anos de idade ressuscitada atraves da trilha sonora do grande estouro hollywoodiano, *Ghost*. Foi, até hoje, o maior triunfo na comercialização do pop retrô e um final adequado para um ano em que as paradas se tornaram uma inesperada fonte de renda para roqueiros aposentados.

Em artigo de primeira pagina, a *Variety* — revista americana que cobre o mercado de *showbiz* — zombou da Inglaterra e sua "repentina onda de hits reciclados". "Se você quiser chegar ao topo das paradas inglesas, não seja original", dizia a frase inicial. Simplesmente "... cante um clássico dourado ou ate uma brincadeira dos anos 50/60 como 'Itsy Bitsy Teeny Weeny Yellow Polka Dot Bikini' (O 'Biquini De Bolinha Amarelinha' O Bombalurina chegou ao segundo posto com uma versão house da musica)

As provas realmente condenam. Exemplos: "Blue Velvet", de Bobby Vinton, chegou ao topo das paradas inglesas depois de 27 anos, com a ajuda do creme Nivea enquanto "The Joker", de Steve Miller (73), seguiu a mesma trilha puxado pela máquina de fazer hits, que são as propagandas da Levi's. Os Righteous Brothers deram sequencia ao seu hit de 25 anos com uma gravaçao um ano mais velha. "You've Lost That Loving Feeling" — musica que, estranhamente, deslanchou sem um gancho na TV ou no cinema. Ela simplesmente atendeu ao gosto de um publico-alvo adolescente que não precisa mais ser empurrado pela midia na direção do inflado catalogo de velhos classicos pop.

Junto ao surto de relançamentos, apareceu nas paradas toda uma safra de covers; Jimmy Somerville cantou o hit de 67 dos Bee Gees, "To Love Somebody"; os Proclaimers homenagearam Roger Miller com "King Of The Road", tambem de 67 e, numa jogada combinando direcionamento de produto, uma cover infalivel de status megaestelar, Tina e Rod estrangularam o hit de 67 de Marvin Gaye e Kim Weston, "It Takes Two", em prol da Pepsi. Se voce quisesse escolher uma musica-tema para 90, teria de ser "Yesterday Once More" ("Ontem Mais Uma Vez"), dos Carpenters, mas, a esta altura, os direitos provavelmente já foram capturados para uso num anuncio de pão integral.

Em termos de venda total de discos, 90 foi um ano ruim para a industria musical britânica: o pior, na verdade, desde 79. Um fato estranho, porque 89 foi um ano recorde. Os poderes constituidos do meio fonografico mantem as aparências e se recusam a encontrar algum elo entre a onda de pop retrô e a repentina queda nas vendas de discos. Mas e so raspar a superficie das gerências corporativas que o desconforto, cada vez maior e mais difundido, fica evidente. O que mais preocupa a industria musical é o futuro.

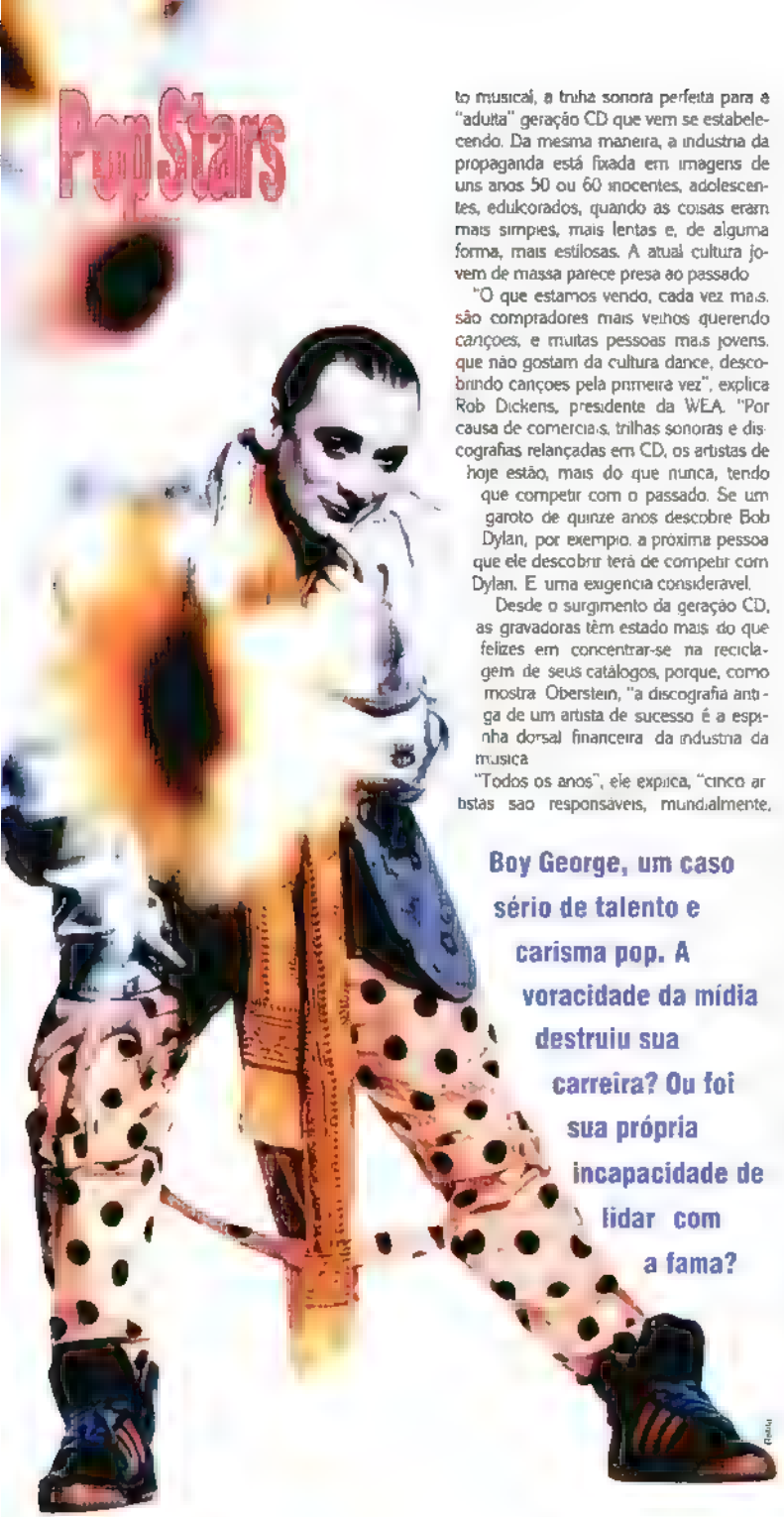
Devemos considerar 90 como um divisor de aguas devido à falta de novos talentos britânicos", disse à *Variety* o presidente da Polydor, David Mumms. "Eu sinto que os sons dos anos 70 vao dominar os 90."

Mumms não é o unico. Paul Conroy, diretor-executivo da Chrysalis Records, mesmo depois de ver um de seus artistas (Sinead O'Connor) estourar em 90, está extremamente cetico quanto ao rumo que a industria este tomando. "Dizem que 90 foi um caso atipico, mas acho que vamos ter mais alguns anos como este, pela simples razão de que a industria deu um tiro no proprio pe. A industria musical inglesa descansou sobre os proprios louros um pouco demais. Recentemente, introduzimos toda essa molecada em uma musica velha e segura — gente com dezoito anos de idade indo ver shows de Eric Clapton e comprando caixas do Led Zeppelin. O que estamos dizendo é que o passado e o futuro.

Isto por si só, parece muito bom e certamente, serve aos interesses dos grandes selos, que podem reciclar velhos hits a custos promocionais minimos. Um single de pop retro pode reativar o interesse por toda a discografia de um artista, especialmente aquelas coletâneas de "Maiores Sucessos" reembaladas às pressas. Muitas das principais gravadoras estão seguindo o exemplo da PolyGram, que — segundo o diretor Maurice Oberstein — tem um departamento inteiro "oferecendo direitos para agências de propaganda, TVs e produtoras de cinema", atualmente os apoios promocionais mais seguros e baratos para um lançamento de pop retro.

Ha, claro, um elemento de manipulaçao da nostalgia em tudo isso: a geração dos trinta e poucos (ou já seriam quarenta?) está recriando no cinema seu apogeu nos anos 60, completo com acompanhamen-

Pop Stars



to musical, a trilha sonora perfeita para a "adulta" geração CD que vem se estabelecendo. Da mesma maneira, a indústria da propaganda está fixada em imagens de uns anos 50 ou 60 inocentes, adolescentes, edulcorados, quando as coisas eram mais simples, mais lentas e, de alguma forma, mais estilosas. A atual cultura jovem de massa parece presa ao passado.

"O que estamos vendo, cada vez mais, são compradores mais velhos querendo canções, e muitas pessoas mais jovens, que não gostam da cultura dance, descobrindo canções pela primeira vez", explica Rob Dickens, presidente da WEA. "Por causa de comerciais, trilhas sonoras e discografias relançadas em CD, os artistas de hoje estão, mais do que nunca, tendo que competir com o passado. Se um garoto de quinze anos descobre Bob Dylan, por exemplo, a próxima pessoa que ele descobrir terá de competir com Dylan. É uma exigência considerável.

Desde o surgimento da geração CD, as gravadoras têm estado mais do que felizes em concentrar-se na reciclagem de seus catálogos, porque, como mostra Oberstein, "a discografia antiga de um artista de sucesso é a espinha dorsal financeira da indústria da música.

"Todos os anos", ele explica, "cinco artistas são responsáveis, mundialmente, por 80% das vendas totais da PolyGram. Daqui a dez anos, os cinco artistas podem ter mudado, mas a proporção continuará a mesma. E por este motivo que as gravadoras buscam a longevidade, porque precisamos de artistas de LPs de primeira grandeza — os U2s, George Michaels, Elton Johns, Madonnas. Nosso objetivo principal é descobrir artistas que durarão para sempre." É a razão pela qual, após uma década de hits dance e da nostalgia do pop retrô, a preocupação está ficando mais aguda. Onde, perguntam os paxás da indústria musical britânica e americana, estão os Michael Jacksons, Phil Collins, George Michaels e Madonnas de amanhã?

Os últimos grandes pop stars produzidos pela Inglaterra e pelos EUA foram, respectivamente, George Michael e Madonna. Ambos começaram com o advento da cultura dance/club da década de 80 e fizeram sucesso mundial durante a última metade da mesma década. Desde então, a América tem jogado na arena alguns poucos monstros de hard rock (Bon Jovi, Guns N'Roses), um fenômeno infanto-juvenil autêntico (New Kids On The Block) e uma multidão de artistas rap-soul megavendáveis — Bobby Brown (lembra?), MC Hammer, Vanilla Ice. Mas o processo de fabricação de estrelas empacou com Prince, Michael Jackson e Madonna.

Na Grã-Bretanha, a história é quase a mesma. Houve, pós-George Michael, alguns importantes cultos jovens (acid house, indie rock, Manchester), uma série de surpreendentes discos dançantes, um surto de empreitadas coletivas inspirado no Soul II Soul e uma possível concorrente a super star, a irlandesa Sinead O'Connor. Excetuando o sucesso de Sinead, 90 não ofereceu esperanças — a menos que você encare Betty Boo como um investimento a longo prazo.

Boy George, um caso sério de talento e carisma pop. A voracidade da mídia destruiu sua carreira? Ou foi sua própria incapacidade de lidar com a fama?

O que aconteceu, então? Bem, para começar, dance music. "Estamos tendo dificuldade em transformar pessoas que trabalham de um modo brilhante no estúdio em artistas de palco", admite Maurice Oberstein. "Estamos enchendo a bola da dance music, em vez de tornar artistas conhecidos. Mas veja bem, eu não tenho problema nenhum com isso. Eu pego meu dinheiro sem me importar de onde ele vem." Sim, mas o que você havia mencionado, Maurice, sobre "longevidade ser a espinha dorsal da indústria", sobre depender de "artistas que durarão para sempre"?

Rob Dickens, da WEA, não concorda exatamente com a abordagem pluralista de Oberstein. "Basicamente a dance music está nos dando grandes momentos em vez de grandes artistas. Além disso, é veiculada em singles e, hoje em dia, singles são os campeões do prejuízo. A verdadeira economia na indústria musical baseia-se em vendas de LPs.

No geral, os nomes de dance não se traduzem com sucesso para o formato LP. "Ride On Time", do Black Box, foi o single mais vendido do ano na Inglaterra em 89, um transe tecnopop enfaticamente modernista, um mundo — e duas décadas — distante das melodias pop orgânicas de velha-guarda dos Righteous Brothers.

Os singles do Black Box vendem na velocidade do som, mas o LP não passou das duzentas mil cópias. Nos termos econômicos de indústria musical, é uma má notícia, como explica o diretor da Virgin, John Webster: "O Black Box teve quatro hits no *Top 20* inglês e o LP só vendeu isso. É realmente uma piada. Teoricamente, o cálculo é de que um single de sucesso equivale, grosseiramente, a cem mil LPs vendidos, e daí para cima. O fato é que o público não os vê como artistas, como personalidades, como pop stars. A maioria das pessoas pensa: 'Quem é o Black Box? Quem é o Snap?' E por isso que a era das revistas de ídolos como a *Smash Hits* acabou — por causa do falecimento da personalidade pop.

E é por isso que as grandes gravadoras estão pouco excitadas com a mabalavel ascensão da cultura dance. Rob Dickens, da WEA, vai mais longe: "A dance music desagradou muita gente, na mesma medida em que manteve muita gente muito feliz. As pessoas querem cantores, canções. E por isso que os Righteous Brothers conseguem ter um segundo hit sem empurrão de um filme ou da TV. Neste momento, estamos produzindo muitos discos de sucesso. Sempre existirão hits, porém, talvez, não haja mais tantos artistas.

Se as gravadoras culpam a dance music pela morte do pop star, os motivos são puramente econômicos. A estrela de rock e/ou estrela de *showbiz* de Elvis a Madonna, tem sido a principal fonte de renda da indústria. Ela ainda está tentando entender a natureza coletiva do sucesso de um Soul II Soul, por isso ainda vai demorar um pouco para que consigam copiar esse modelo. E enquanto o rock definha numa prolongada crise de meia-idade — a linguagem em si tem quarenta anos de idade — os métodos tradicionais de marketing que o serviram estão tendo problemas em adaptar-se à rápida e progressiva força motriz da cultura dance.

A indústria ainda procura pelo grupo de rock ou pop tradicional porque existe um grande ponto de interrogação sobre o poder de permanência de muitos dos atuais nomes de dance", diz o diretor da Chrysalis, Paul Conroy. "Mas a triste realidade é que há uma escassez aguda de bons otheiros, e isto deve estar pesando nessa ausência aparente de grandes talentos. Além do que está mais difícil sobreviver nos dias de hoje. Para nós, o custo de contratar, promover e manter um grupo foi para as nuvens. Um excesso de advogados insistindo em um excesso de adiantamentos absurdos. E, para o artista, a pressão para dar certo é maior do que nunca — vídeo, satélite e a MTV significam que, assim que você faz algo novo, isto é projetado para todo o planeta em questão de segundos. A mística por trás do artista se foi porque, ironicamente, a máquina de fazer estrelas trabalha rápido demais. Há um excesso de velocidade."

Esta análise é apoiada pela ascensão e queda, monitorada pela mídia, de Boy George, que deveria, e podena, ter sido a maior megaestrela da Inglaterra — um George Michael acrescido de estilo *showbiz* e credibilidade como compositor. O Boy George reconstruído de hoje é um indivíduo mais feliz do que a estrela/vítima dilacerada que ocupou as páginas dos jornais sensacionalistas alguns anos atrás, mas o mundo tornou-se um lugar menos interessante desde que ele deixou o primeiro escalão.

Ao menos uma vez eu me encontro concordando com a voz poderosa da mídia, o radialista Jonathan King — um homem que sabe algumas coisas sobre o processo pop. Ele, recentemente, observou: "Nos anos 60, quando produzimos a maioria dos nossos principais super stars britânicos, um hit era um evento de peso, um grande acontecimento. Garantia uns três ou quatro anos de celebridade. Hoje, quem se lembra do Bros (que, na Inglaterra, teve vários Top 10, entre 87 e 89?) Atualmente, a mídia e todo o processo pop se movem com tanta rapidez que, na verdade, acabam matando o verdadeiro talento. A celebridade mata o talento. Olhe para Boy George — que eu honestamente acreditava ter o potencial para se tornar um grande artista, talvez até o maior artista pop britânico dos últimos anos. Ele foi morto pela fama antes que pudesse se desenvolver."

Mas a Inglaterra ainda tem George Michael. Será mesmo? Procure por ele no vídeo de 'Freedom 90', e procurará em vão. O último grande pop star britânico sumiu de vista. Literalmente. E não há ninguém para substituí-lo. *SEAN O HAGAN*

Eles deixaram o pessoal com a pulga atrás da orelha ao entrar para uma grande gravadora. Agora, a ex-maior banda independente dos EUA reage com *Out Of Time*, um álbum surpreendente.

Tempo ao tempo

Foram dois anos longos, calmos, proveitosos.

Exaustos e, nas palavras de Bill Berry, "um pouco assustados" depois da turnê-monstro de *Green*, o R.E.M. decidiu que havia lotado sua cota de paciência com o esquema "normal" de se fazer uma carreira.

"Foi uma decisão que tomamos já enquanto gravávamos *Green*", diz Berry, o baterista de olhos grandes que é o mais falante dos R.E.M. "Iríamos fazer uma turnê bem longa para promover o disco e depois parar. Usar a turnê como uma forma de comprar o que mais precisávamos: tempo e calma para fazer um trabalho. E aí, gastar o tempo que quiséssemos para fazer o próximo disco. E não excursionar para promovê-lo. Porque estávamos entrando na rotina, num padrão em nossas carreiras: compor, gravar, excursionar. Queríamos ver o que aconteceria se rompêssemos esse padrão."

O que aconteceu foi excelente: *Out Of Time*. É um disco tão repleto de possibilidades que é quase como se o R.E.M. estivesse começando tudo de novo — mas com a maturidade que dão onze anos de estrada e a firme determinação de permanecer independente e vigilante. Desde a voz do rapper KRS 1, o *master mixer* da Boogie Down Productions e amigo pessoal de Michael Stipe, que abre o disco, até a notável ausência das guitarras tilintantes que sempre foram assinatura da banda, as novas idéias se acumulam. Passam até pelas letras quase confessionais de Stipe — usando a palavra "eu" pela primeira vez, e deliberadamente ("Michael queria explorar essa possibilidade", diz Berry. "Ele diz que as letras são ficcionais, até queria chamar o disco de *Fiction*, mas eu não acredito. Pelo que conheço de Michael, tem muito dele nas canções"). *Out Of Time* é um álbum de anotações e experiências.

Este é o disco que queríamos fazer que sempre quisemos fazer", diz Berry sem hesitação. "Acho que os dois anos que empregamos para realizá-lo aparecem claramente no cuidado com os arranjos, no fato de estarmos usando outros músicos (além de KRS 1, *Out Of Time* tem Kate Pierson, do B-52's nos vocais, o velho amigo Peter Holsapple nos teclados e guitarras, mais as cordas da sinfônica de Atlanta e diversos músicos nos sopros) e fazendo com que isso funcione como uma unidade."

A suave ruptura com o som e o conceito que os tornou ilustres foram tão deliberados quanto a estratégia de não excursionar e devotar quanto tempo fosse necessário à gravação: "Estávamos quase num impas-

se", diz Berry, com sua franqueza habitual. "Aqui estávamos nós, em plenos anos 90, e rotulados como 'a banda de guitarras dos anos 80' Queríamos romper com isso. Para começar trocamos propositalmente de instrumentos. Mike (*Mills*) foi para os teclados — na verdade, a maior parte das canções foi composta do ponto de vista dos teclados, daí a necessidade de cordas para complementá-las — e eu para o baixo. Peter não queria usar guitarras, então acabou tocando muito bandolim.

Para manter o frescor que sempre foi um dos elementos essenciais do R.E.M. — Peter Buck chegou a dizer, certa vez, que se eles não conseguiam chegar a uma interpretação satisfatória de uma canção no terceiro *take*, eles simplesmente a abandonavam, porque não acreditavam em retoques — as canções eram gravadas "o mais ao vivo possível", no estúdio Beatsville em Nova York, com overdubs de sopros e cordas acrescentados depois, em Atlanta (*o disco foi mixado nos estúdios Paisley Park , de Prince, em Minneapolis*). "Este processo foi novidade para nós. Confesso que, no início, ficamos meio impacientes", diz Berry. "É meio frustrante ter uma idéia e ter que esperar semanas para ouvi-la com uma complicada troca de faxes e fitas para lá e para cá no meio. No nosso próximo disco estamos pensando em chamar ainda mais músicos convidados, mas ensaiar primeiro e depois colocar todo mundo junto no estúdio e gravar ao vivo.

É bom lembrar que *Out Of Time* é o segundo disco do contrato entre o R.E.M. e a Warner, que começou com *Green* e a turnê-monstro, e que deixou muitos dos fãs da banda assustados com a possibilidade de um *sell out* por parte deste verdadeiro bastião da independência criativa. Berry ri animadamente diante da idéia — e da possibilidade de que a direção da companhia tenha ficado nervosa ou exercido pressão quando o R.E.M. trancou-se no estúdio durante dois anos. "Eles nos conhecem. Eles sempre souberam o que estavam comprando. Eles sabem onde traçamos o limite. Na verdade, tivemos outras ofertas de contrato onde havia mais dinheiro envolvido, mas menos autonomia. Assinamos com a Warner não pelo dinheiro, mas pelas excelentes condições que eles ofereciam ao nosso trabalho. E não tivemos a menor sombra de pressão durante estes dois anos. Nós é que nos pressionamos. Nós fomos nossos patrões mais exigentes.

Por que, então, a turnê-monstro, — que colocou o R.E.M. muitas vezes em flagrantes situações de desconforto, — em ginásios onde, em geral, as bandas metal-lame vendem seu peixe? Berry suspira: "Não foi fácil. Mas foi uma escolha nossa. Queríamos nos estabelecer nacionalmente. Queríamos ver se éramos capazes de tocar em ginásios. Queríamos empurrar nossos limites". Berry faz uma longa pausa e depois acrescenta, rindo: "Todo mundo tem essa fantasia de ser um astro de rock, não é? Essa turnê foi nossa fantasia. Fomos astros de rock não por quinze minutos, mas pela duração da turnê. Foi divertido, mas também exasperante. No final, estávamos exaustos.

No início da carreira do R.E.M., relembra Berry, "tudo o que fazíamos era tocar ao vivo". E isso não interferia na produtividade da banda: "Saíamos de um show e ficávamos no ônibus a noite toda, conversando, tocando, compondo. Mas... aah, a juventude! ... Não temos mais 23 anos, temos 33. Ninguém aguenta mais esse ritmo.

No final da turnê, em 89, o combinado era que Michael, Peter, Bill e Mike não iriam nem se falar até maio de 90, para se recuperarem daquilo que Berry chama de "desgaste natural" de uma excursão deste tamanho e intensidade. "Mas foi difícil. Em fevereiro já estávamos nos telefonando. E era aquilo: Eu, por mim, estou a fim. Se você topar, eu topo.

O "retiro" — embora curto — e o longo processo de criação e produção de *Out Of Time* recarregaram as energias da banda. "Foi curioso", diz Berry. "No início de nossa carreira, tocar ao vivo nos energizava. Desta vez, foi a experiência do estúdio que nos trouxe de volta ao nível normal de energia.

Causa — ou consequência? — desta energização" é o muitado bom humor que tem acometido Michael Stipe, famoso, até então, por sua sombria instabilidade emocional. "Michael anda tão bem-humorado que às vezes fica até meio bobo", diz Berry. "Sabe 'Shiny Happy People' (*uma ensolarada canção de* Out Of Time, *cantada em dueto com Kate Pierson*)? Aquilo é bem Michael, ele levou aquela música super a sério. Ultimamente Michael tem estado muito próximo de sua família, e isso tem feito bem à cabeça dele, eu acho.

Para os próximos anos, o R.E.M. já tem a agenda cheia. Em julho começam a gravar o próximo álbum — "O difícil vai ser selecionar o material. Temos tanta coisa: só de sobras de *Out Of Time* já tem um disco completo". A seguir, preparam-se para voltar à estrada, "começando por onde não somos tão conhecidos, a Europa, onde podemos tocar em lugares pequenos, como nos gostamos.

Mais tarde, nos Estados Unidos, o R.E.M. também voltará ao seu antigo esquema de auditórios de universidades e clubes, de volta ao público que realmente nos conhece, e não aos garotos que compraram o último disco e só conhecem a canção que está na MTV.

Duas canções do R.E.M. também estarão na trilha do novo filme de Wim Wenders, *Till The End Of The World* ("Low", de *Out Of Time*, e "uma outra que Wim ainda não escolheu"). E ainda existe a lendária possibilidade de um EP só com músicas dos Troggs, um dos fetiches da banda — principalmente do guitarrista Peter Buck. "A gente fala sobre isso há tanto tempo que até pode ser que vire realidade", diz Berry, às gargalhadas. "Já tocamos 'Love Is All Around' em nossos shows — é a melhor música dos Troggs, não é?"

Se o R.E.M. deixou de ser *cult* e está entre os grandes nomes do rock americano, em termos não apenas de importância mas também de popularidade e poder, isso não parece incomodar a banda. "Eu não aguento esses garotos de Hollywood que ficam famosos e começam a reclamar de como é difícil a vida depois que se é famoso ", diz Berry. "Isso é um saco. E não é verdade: a vida fica mais fácil, e não mais difícil. Estamos imensamente gratos porque nosso trabalho nos trouxe até aqui. Para o público pode ser chato — não somos mais o 'segredo particular de alguns fãs. Mas todo artista almeja o sucesso, do contrário não trabalharia. Essencialmente nenhum de nós mudou. Acreditamos nas mesmas coisas, e doamos o mesmo tempo e energia às mesmas causas."

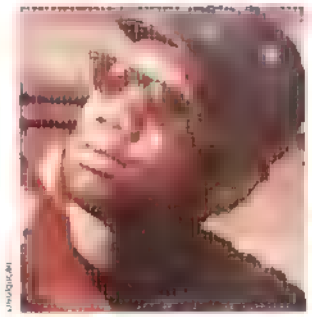
A cidade de Athens, Georgia, onde a banda começou e onde eles ainda moram, mudou bastante, diz Berry. A escola de arte onde se fogaram as carreiras de bandas como R.E.M., o B-52's e o Pylon ainda existe, e ainda atrai "as pessoas certas — gente com sensibilidade e que não tem saco para ir à aula. Foi assim que o R.E.M. surgiu. Mas aquilo que Berry define como "uma certa pureza, talvez ingenuidade", se perdeu. "As pessoas agora planejam suas carreiras com toda uma estratégia", diz Berry. "Nada é espontâneo, tudo tem uma razão profissional. Não era assim. A gente punha o equipamento no caminhão e tocava. Mas, também, toda a música hoje está muito estranha. Está sintética, plástica, formulaica. Por isso mesmo, num futuro imediato, eu vejo uma grande renascença. Ninguém aguenta plástico muito tempo.

ANA MARIA BAHIANA

TRÊS CONVIDADOS MUITO ESPECIAIS

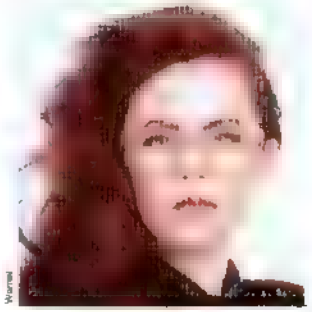
Divulgação

PETER HOLSAPPLE
Um dos articuladores da *guitar band* The dB's, junto ao também guitarrista Chris Stamey. Tocou com o R.E.M. na turnê do LP *Green* e colabora ativamente em *Out Of Time*



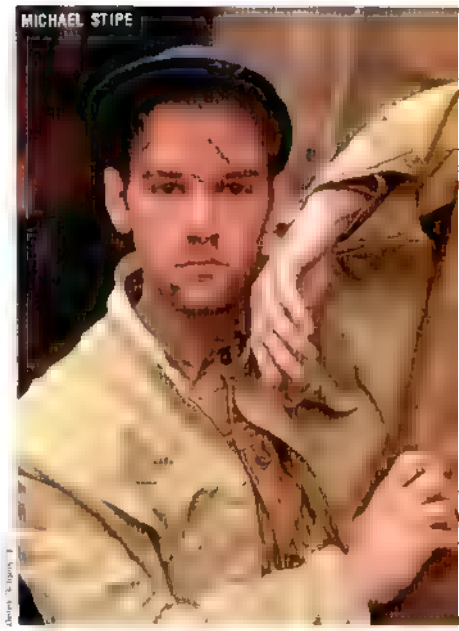
Divulgação

KRS-ONE
A cabeça do ariete sonoro do Boogie Down Productions. Seus vocais rap pontuam a faixa "Radio Song"



Warner

KATE PIERSON
Integrante de outra célebre atração de Athens, Georgia: The B-52's. Faz vocais em três canções do disco



MICHAEL STIPE

HINDU LOVE GODS

DEUSES MEIO-PERÍODO

Em 87, três quartos do R.E.M. — o baterista Bill Berry, o baixista Mike Mills e o guitarrista Peter Buck — foram visitar o velho amigo Warren Zevon em Los Angeles, onde o menestrel siderado gravava seu novo álbum, *Sentimental Hygiene*. Sem ensaio prévio, os quatro se atracaram com um repertório eclético, interromperam a produção de *Hygiene* e decidiram registrar para a posteridade suas versões de clássicos de Robert Johnson ("Traveling Blues") e Woody Guthrie ("Vigilante Man"), mais covers de hits recentes ("Battleship Chains", do Georgia Satellites, e "Raspberry Beret", de Prince).

O resultado da sessão-de-um-dia-só — sem overdubs, exceto um solo de guitarra — virou um álbum singular, cru e extremamente divertido. Pelo repertório de *Hindu Love Gods* — nome da banda instantânea — se reconhece as influências dos músicos envolvidos, uma panorâmica no blues que inclui desde Muddy Waters ("Mannish Boy") e Willie Dixon ("Wang Dang Doodle") ao pai de todos, Robert Johnson (também representado por "Traveling Riverside Blues").

Numa entrevista à *Rolling Stone*, Warren Zevon explicou que *Hindu Love Gods* era, acima de tudo, um projeto amicado. "Quando você se esmera em fazer discos obsessivamente perfeccionistas", disse ele, "preciso de muito fé para lançar um álbum de primeiros *takes*". De fato, a maior parte de *Hindu Love Gods* é composta por gravações "de primeira", feitas imediatamente após um ou outro ensaio da canção, nunca mais que isso. A única vez que se pôs uma faixa foi quando adicionaram guitarra e gaita à faixa "Walkin' Blues".

PETER BUCK, BILL BERRY, MIKE MILLS E WARREN ZEVON

Os caminhos do R.E.M. e de Zevon haviam se cruzado anos antes, em 84, quando Warren saiu de Athens, Georgia, levando debaixo do braço o gênese do parceria com Mills, Berry e Buck — faixas gravadas no QG da banda e mais tarde atribuídas a uns tais Hindu Love Gods (ninguém explicou até hoje o porquê do nome do batismo) que chegaram às lojas sem mais alarde, sob a forma de um compacto com "Narrator" e "Good Time Tonight", lançado em 86.

Com o R.E.M. oficialmente fora da estrada após o lançamento de *Out Of Time*, é mais do que provável que os Hindu Love Gods venham a excursionar, embora Zevon, Buck, Mills e Berry tenham garantido que o álbum era uma brincadeira *one-shot*, sem planos de repetição.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

Rap

A HISTÓRIA

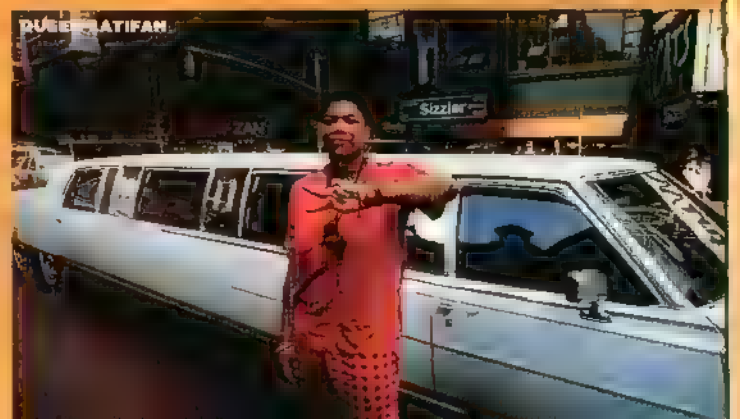
Uma fascinante tour através de mais de quinze anos de rap. De Grandmaster Flash à Tribe Called Quest, sem pausa para respirar

Foi da Jamaica que vieram as duas influências essenciais para que o rap surgisse. O *toast*, uma modalidade vocal existente na ilha desde os anos 50, eram rimas ritmadas improvisadas em cima de uma base instrumental. Os toasters geralmente eram DJs que comandavam os *sound systems*, aparelhagens de som móveis que tocavam música nas áreas urbanas pobres.

A música do rádio não dizia nada para os moradores de favelas e guetos. Eles se identificavam com o que o *sound system* rolava.

Além disso, existe a tradição de fala sincopada, cheia de rimas, dos afro-americanos. DJs, apresentadores e artistas nos EUA vez por outra falavam/cantavam em cima de música. Gente como Gil Scott-Heron e Last Poets faziam poesia em cima de ritmos. Tirando de tudo isso, o rap acabou virando gênero próprio.

O rap nasceu nos guetos de bairros nova-iorquinos, como Harlem, Brooklyn, Queens e Bronx. Por volta de 75/76, gangues/equipes de som rapeavam em cima de trechos de discos desconhecidos mixados (os "breakbeats") e dançavam em ruas e parques, competindo entre si. A moleca da negra e hispânica que não se identificava com a disco vigente aderiu apaixonadamente. É unanime apontar os seguintes moradores do Bronx como os "padrinhos" do rap: os DJs Kool Herc, jamaicano, e Afrika Bambaataa, descendente.



NASCE UMA ESTRELA

Além dos dois citados acima, Grandmaster Flash, Spoonie Gee, Funky 4 + 1, Younger Generation e outros nomes foram se destacando. Para o vinil foi um passo. A cantora e compositora Sylvia Robinson e seu marido, Jim, montaram o Sugarhill, um selo independente.

Em 79, saiu o primeiro registro de rap em vinil: "Rappers Delight", do Sugarhill Gang, com vários rappers se revezando em cima do instrumental de "Good Times", do Chic. Foi também o primeiro hit.

Logo vieram outros: "The Breaks", de Kurtis Blow e "Adventures On The Wheels Of Steel", do DJ Grandmaster Flash e sua equipe Furious Five, com o rapper Melle Mel à frente. Esta última foi a primeira faixa contendo as técnicas que os DJs executavam ao vivo, mixando um groove contínuo, fazendo scratch e emendando pedaços de outros discos. Essa foi a infância do rap, chamada de "old school".

KRAFTWERK NO BRONX

Em 82, veio "Planet Rock", de Afrika Bambaataa e Soul Sonic Force (a primeira produção de Arthur Baker), um groove eletrônico com efeitos espaciais. A tecnologia se estabelecia como o braço direito do rap, inaugurando a fase conhecida como *electro*: uso massivo de baterias eletrônicas, *vocoders* e teclados especiais com forte influência do tecnopop europeu, basicamente Kraftwerk. Havia um forte enfoque temático em videogame/quadrinhos de terror e ficção científica.

Revelou nomes como Jonzun Crew, Newcleus, Planet Patrol e Whodini. O *electro* ficou sendo o primeiro instrumental próprio do rap. Os ensinamentos do *electro* foram levados adiante nos dois primeiros álbuns do Mantronix e em alguma coisa da fase inicial da house.

O ATAQUE DOS NERDS

Intraduzível termo da gíria do rap. Representa ao mesmo tempo um estado *nerd* de bobeira e a última tendência que agita nas ruas. Segue uma tradição do funk, de gente como George Clinton, de *nonsense* linguístico puro, referências a ícones como o Patolino, a ficção científica e terror barato. Obrigatórios são efeitos sonoros engraçados. *Stupid Fresh* no rap e "The Show", de Doug E. Fresh; "Nightmare On My Street", de DJ Jazzy Jeff & Fresh Prince; "Bang Boom Let's Go", de Real Roxanne And Hitman Howie Tee; "Jam On It", do Newcleus, e "The Humpty Dance", do Digital Underground.

RIFFS AO PONTO

O metaleiro Rick Rubin e Russell Simmons, irmão de Run, do Run DMC, fundaram o selo Def Jam para abrigar apenas formas musicais radicais. O Run DMC nunca foi do cast da Def Jam, mas iniciou a nova mutação do rap que foi abraçada por nomes do selo, como LL Cool J e Beastie Boys. O estilo agora era diferentes estruturas na rima e uma nervosa e barulhenta colisão de rap com rock, via riffs de guitarra heavy. A agressividade era fundamental. Surgia o termo hip hop.

O Run DMC, com *King Of Rock*, arrebatou o primeiro disco de ouro do rap. Com "Walk This Way" e seu LP *Raisin Hell*, produzido por Rubin e Simmons, o rap vendeu como nunca. Atingiu em larga escala tanto o público branco (roqueiro) como negro. O rap, a partir daí, começava a ter êxito contínuo e crescente.

FASE PÓS - DEF JAM

O rap começava a ensaiar passos de megaestrela. Nomes e variações pipocavam para todos os lados.

O Public Enemy protagonizou o rap de barulho extremo, radicalmente político; Mantronix foi longe com o experimentalismo eletrônico; Kool Moe Dee, com seus conselhos e beats mais acessíveis, ganhou popularidade; Eric B & Rakim, EPMD, Cash Money, a linha ostentativa de correntões de ouro, carrões e roupas caras. Com eles o sample obrigatório passa a ser James Brown (batida, gritos, metais) e/ou funk dos anos 70.

DJ Jazzy Jeff & Fresh lançam o primeiro duplo do gênero, *He's The DJ, I'm The Rapper*, que vendeu horrores. Marley Marl se firma como um produtor de prestígio com seus trabalhos para Roxanne Shante e Biz Markie. Young MC e Tone Loc despontam para a fama, os primeiros nomes de expressão a sair de Los Angeles. Rob Base & DJ E-Z Rock, uma das parcerias mais criativas de 88; de Miami, com 2 Live Crew à frente, vem o bombástico *miami bass*, com muito baixo e muita baixaria; o rap "cabeça" do Boogie Down Productions e KRS-One faz escola; os flertes jazz-funk do Stetsasonic deixam suas pistas, seguidas pela nova escola e pelo jazz-rap.

SELOS E MAIS SELOS...

O Sugarhill foi o selo fundamental do nascimento do rap. Além de haberes no marketing e vendagem, contavam com uma excelente banda, que tocou em muitos lançamentos. Incluía Doug Wimbush no baixo e Keith Le Blanc na bateria, que ▶

depois moldaram o funk-noise Tackhead.

Na esteira do Sugarhill, vieram o Tommy Boy e o Enjoy, este último experimentando um boom na fase *electro*. O Def Jam simbolizou uma outra fase

O Profile abrigou talentos como Run DMC e Rob Base & DJ E Z Rock. O Cold Chillin', via nomes como Biz Markie, Big Daddy Kane, Kool G. Rap & DJ Polo, revelou as produções de Marley Marl. O Sleeping Bag, selo de dance underground, o 4th & Broadway e o Delicious Vinyl, californiano, foram outros nomes freqüentes.

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE VOCAL

A primeira mulher a registrar um *rap* em disco foi Sylvia Robinson, dona da Sugarhill, em "It's Good To Be The Queen". A segunda foi Debbie Harry, em "Rapture", mas aqui entramos no território do crossover. O rap, há um bom tempo, deixou de ser visto como um Arizona musical, inclusive com muitas rapisas ridicularizando e dando o troco para o lado sexista "eu como todas" de muito rapper. O talento de damas como Roxanne Shanté, Sequence, Anquette, Salt'N'Pepa, Sweet T & Jazzy Joyce, MC Lyte, Cookie Crew, Wee Papa Girl Rappers, Queen Latifah, Monie Love e Isis estão aí para provar.

O QUE ELES DIZEM...

Até há alguns anos, com honrosas exceções, o rap tinha um assunto básico: propaganda pessoal abordando sexo, dinheiro e carros. O importante era a habilidade de rimar e o estilo, não qualquer conteúdo ideo-psicológico.

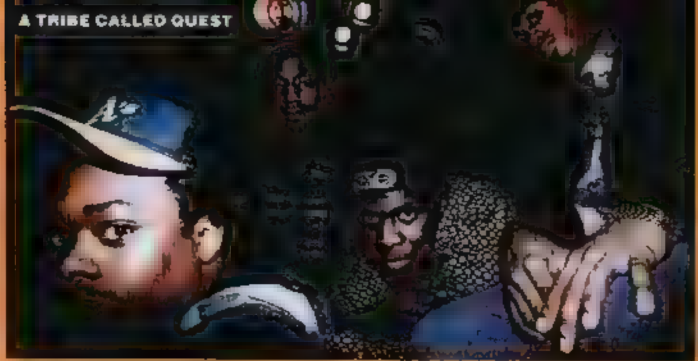
O leque temático é bem mais largo hoje, mas há um forte favoritismo quanto a temas sócio-políticos. A razão é que o rap é visto por muitos como veículo de uma nova consciência da América urbana e negra. A herança cultural africana sofre hoje uma valorização de fazer inveja aos blocos afro de Salvador. São broches, cores (vermelho, amarelo, verde), roupas, chapéus, ícones, mapinhas da África em todo lugar, colares e nomes.

"The Message", de Grandmaster Flash & The Furious Five, um longo discurso sobre a ingrata vida do gueto, foi o primeiro grande rap político. Kurtis Blow também merece crédito como um dos primeiros propagadores de mensagem sociais.

O cotidiano de ultraviolência, batalhas de gangues e tráfico de drogas foi narrado por nomes como Schooly D, Scott La Rock, Ice T, NWA, Just Ice e Public Enemy. São acusados de glorificar a violência.

O racismo é outro tópico favorito. O Public Enemy embarcou numa vertente anti-civilização branca, pregando a separação das raças como solução. KRS-One, Kool G. Rap & DJ Polo e movimentos de artistas como Stop The Violence e Blackwatch optam por uma linha mais sensata.

O sexo adquiriu uma nova dimensão em certas bocas como 2 Live Crew. Com insinuações de duplo sentido no começo, a coisa hoje mais se parece a narrações detalhadas de um bom vídeo de Tori Welles.


A TRIBE CALLED QUEST

MISTUREBA

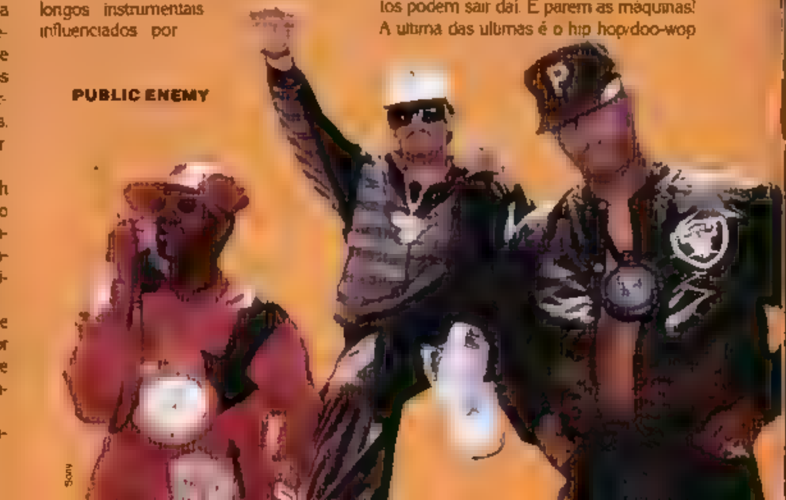
O rap foi galinhado por todo mundo. Com os primeiros hits no início dos 80, houve um breve boom de rap no pop. Wham!, Captain Sensible (ex-Damned), Tom Tom Club, Soft Cell, Adam & The Ants, Blondie e o farejador de hypes Malcolm McLaren estão entre os nomes do pop que foram com sede ao pote. McLaren foi mais longe e jogou música africana e merengue, entre outras coisas, no hip hop. Seus Lps *Duck Rock* e *Do Ya Like Scratchin'* são o produto final. De uns anos para cá, o rap virou membro efetivo do clube pop e não mais convidado ocasional.

Em Washington, floresceu desde o início dos 80, o go go, um funk bruto com longos instrumentais influenciados por Funkadelic/Parliament. Bandas de muitos membros como Trouble Funk, Chuck Brown & The Soul Searchers e The Junkyard Band passearam com freqüência pela praia do rap. Um bom exemplo é "Party Time", onde Kurtis Blow e os músicos do Trouble Funk arrebentaram no groove.

O raggamuffin, o rap reggaeficado, foi como uma volta do gênero à sua matriz jamaicana. O dancehall, pelo uso da tecnologia e do ritmo, deve bastante ao hip hop. Após uma dúzia de tentativas meia-boca, Shinehead realizou a fusão ideal. Foi seguido por dezenas. Hoje, quase todo álbum de rap inclui um raggamuffin.

O híbrido hip house também provou ser extremamente frutífero e popular. Quem descobriu o ovo de colombo foram os Beatmasters em 87, com "Rok Da House". O rap ficava a cargo da Cookie Crew. A saga continuou com os Jungles Brothers em "I'll House You" e a moçada de Chicago, Tyree, Fast Eddie e Mr. Lee, em inúmeras faixas. Atualmente, qualquer parada dance do mundo tem hip house a rodo.

A última das mesclas é o jazz-rap. Dream Warriors, Gang Starr, Galliano, entre outros aspirantes, provam dever tanto a Charlie Parker como a James Brown. Muitos podem sair daí. E parem as máquinas! A última das últimas é o hip hop/doo-wop do grupo Rappin' Is Fundamental. Aqueles vários tons vocais subindo e descendo com um ritmo forte no subsolo.


PUBLIC ENEMY

Sony

E O QUE VEM A COTÊ?

Não foi só da música que o mundo usou informações do universo rap.

No vestuário, tênis para todas as ocasiões (Adidas, cano alto com língua-monstro, sem cadarço, escolha o seu); bonés de times de beisebol; roupas esportivas como abrigos, moletons com capuz etc. (o *look* B-Boy); chapéus Kangol (tipo golfista); anéis grandes; correntões ou coisas chamativas penduradas no pescoço; indumentária de inspiração africana ou islâmica. A função, além da estética, é o conforto de movimentos.

Passos de dança como o double dutch e o step, e aquela que foi uma febre planetária, o break. Grafiti coloridíssimo com letras gráficas. Gírias e termos como *yo!*, MC (originalmente mestre-de-cerimônias, mas também usado como *mike controller*, controlador de microfone), *chillin* (adjetivo: excitante), *dis* (verbo: detonar, falar mal) etc. — até os New Kids usam palavrório de rapper hoje em dia. Carregar rádios-gravadores paquidérmicos (*ghetto blaster*, *boom box*) no ombro etc. etc.

JUNGLE BROTHERS

NOVOS GAROTOS DO QUARTEIRÃO

Primeiro veio o LP *In Full Gear*, do Stetsasonic. Por cima do denso estofo rítmico, sutis e sofisticadas coberturas de jazz-funk, uma franca oposição melódica ao *noise* vigente no hip hop daquele ano de 88. No mesmo ano apareceram os Jungle Brothers com papos como afrocentrismo, mais diversão e menos raiva.

O ponto básico é que o rap precisava destravar e relaxar. O De La Soul, de Long Island, NY, pegou a dica e lançou *3 Feet High And Rising* (produzido por Prince Paul, do Stetsasonic). Estava tudo lá: mãe África, positividade, símbolos da paz, refrões pop, leveza e samples que iam de Steely Dan a Daryl Hall & John Oates. Além disso, nenhum sinal de machismo ou exibicionismo nos raps. Uma bagunça feliz que tinha tudo a ver com os discos de George Clinton.

Do outro lado dos EUA, em San Francisco, veio o Digital Underground carregando a bandeira do "Doowutchyalike" (uma corruptela do inglês para "faça o que você quiser"). Sua pauta política inclui conscientização afro-americana e a batalha pelos direitos iguais. A "nova escola" foi ganhando corpo com Queen Latifah, A Tribe Called Quest, Monie Love, X-Clan, MC Buzz B e vários outros.

VIVA A TECNOLOGIA!

O rap introduziu o DJ como criador e produtor de música e as pick-ups como instrumentos musicais, através de técnicas como o scratch, a sobreposição de trechos e o back-to-back. A prova de purismos, o rap lançou o conceito de emprestar música de outros discos (trechos, refrões, timbres, bases rítmicas).

O DJ tem uma vasta bagagem musical mas não o conhecimento técnico, por isso a tecnologia dos samplers e das baterias eletrônicas foi ostensivamente utilizada. O caminho foi aberto para uma geração de amantes de música fazer música. Sem precisar saber um acorde.

ULTRA-MAR

O que há de comum entre Ice MC, Dream Warriors, Thayde, Toni Scott e Cookie Crew, além de todos fazerem rap? Simples, nenhum é americano (a saber: Itália, Canadá, Brasil, Holanda e Inglaterra). O rap derruba fronteiras planeta afora.

Mas é, sem dúvida, na Inglaterra onde ele se revela mais inovador, produtivo e particular. É compreensível, já que os ingleses, inicialmente nos clubes underground e depois nas paradas, sempre demonstraram uma forte queda pelo rap.

Com Derek B a produção britânica deu a largada. Mas o que começou como mero xerox das produções americanas logo ganhou maturidade e poder de criação suficientes para competir com o outro lado do Atlântico. Cookie Crew, Monie Love, Coldcut, Merlin, MC Buzz B, Definition Of Sound, Wee Papa Girl Rappers, MC Tunes, Ruthless Rap Assassins, Kiss AMC, definitivamente não são rappers para inglês ver.

CAMILO ROCHA

E PARA AQUELA FITINHA...

A coletânea de rap, por excelência, deve conter *ao menos* algumas destas faixas. Se alguém sentir falta de algo, reclamações para a redação.

"Rappers Delight" *Sugarhill Gang*
"Christmas Rappin'" *Kurtis Blow*
"Spoonin' Rap" *Spoonie Gee*
"That's The Joint" *Funky 4 + 1*
"Drop The Bomb" *Trouble Funk*
"Adventures On The Wheels Of Steel" *Grandmaster Flash & The Furious Five*
"The Message" *GMF & FF*
"Planet Rock" *Afrika Bambaataa & Soul Sonic Force*
"Looking For The Perfect Beat" *AB & SSF*
"Play At Your Own Risk" *Planet Patrol*
"Rock The House" *Pressure Drop*
"Magic's Wand" *Whodini*
"Rock Box/Sucker MC" *Run DMC*
"Buffalo Gals" *Malcolm McLaren*
"Play That Beat Mr. DJ" *G.L.O.B.E. And Whiz Kid*
"Party Time" *Kurtis Blow*
"White Lines Don't Do It" *Grandmaster Melle Mel*
"Hey DJ" *World's Famous Supreme Team*
"Rock The Bells" *LL Cool J*
"Bassline" *Mantronix*
"Who Is It" *Mantronix*
"The Show" *Doug E. Fresh*
"Paid In Full" *Eric B & Rakim*
"Push It" *Salt'N'Pepa*
"Roxanne Roxanne" *UTFO*
"Bang Zoom Let's Go" *Real Roxanne And Howie Tee*
"Go See The Doctor" *Kool Moe Dee*
"Faith" *Wee Papa Girl Rappers*
"It Takes Two" *Rob Base & DJ E-Z Rock*
"I'll House You" *Jungle Brothers*
"Walk This Way" *Run DMC*
"Fight For Your Right To Party" *Beastie Boys*
"Rebel Without a Pause" *Public Enemy*
"Fight The Power" *PE*
"Me Myself And I" *De La Soul*
"Females" *Cookie Crew*
"Talkin' All That Jazz" *Stetsasonic*
"I Come Off" *Young MC*
"Roxanne's Revenge" *Roxanne Shanté*
"Express Yourself" *NWA*
"Ladies First" *Monie Love & Queen Latifah*
"Bonita Applebum" *A Tribe Called Quest*

GRANDMASTER FLASH & THE FURIOUS FIVE

ESTILO BIZZ

TOPETES

Do "rabo de pato" inicial de Elvis a seus vultosos sucessores, o topete teve seu primeiro momento de glória nos anos 50 com a explosão do rockabilly através de mestres como Eddie Cochran e Gene Vincent.

O renascimento viria vinte anos depois, com o culto da new wave aos anos dourados do rock'n'roll. De punks como Joe Strummer aos revivalistas Stray Cats, toda uma geração recuperou a arquitetura capilar — às vezes com toques futuristas de forma e cor.

New Wave

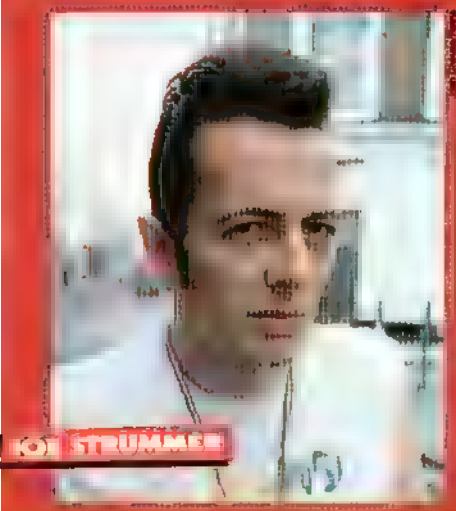
A ousadia está na cabeça

ESTILO BIZZ

New Wave A ousadia está na cabeça

Hoje o vale-tudo não conhece fronteiras. Se Chris Isaak é — em som e imagem — totem retrô em grande estilo, o rapper Vanilla Ice explora o design "cadete do espaço".

STRAY CATS


JOE STRUMMER

MARK WHITE (ABC)

CHRIS ISAAK

VANILLA ICE

New Wave

A ousadia está na cabeça

WELLA

Cabeça raspada, cara pintada e o coração transbordando de felicidade.

O Guia do Estudante mostrou que não é de ficar embaçando.

Reuniu as questões que rolaram no último vestibular nos exames da Fuvest, Unicamp, Unesp, Cesgranrio e nas Universidades Federais mais concorridas do país, e lançou o Vestibular 400 Testes.

Você só precisa encarar essa prova de fogo para saber se já está bem preparado em física, química, biologia, matemática, história, geografia, gramática e inglês.

Além de dicas para fazer uma redação nota dez.

Vestibular 400 Testes.

Para ajudar você a ficar com astral de quem está em paz com Deus e o mundo, igualzinho ao pessoal aí da foto.

Mas veja os testes que eles tiveram que encarar.

PHIL SPECTOR

Orquestras, instrumentos dobrados, fartura de eco e reverberação — esta era a célebre "Muralha de Som". Ela encorpava "pequenas sinfonias para a garotada", como o grande produtor definia seus hits, que — com grupos como Ronettes e Crystals — monopolizaram as paradas entre 62 e 65

Depois de Phil Spector, todo produtor teve de se confrontar ou ser comparado ao "Cecil B. de Mille do Rock". A fase anterior ao seu próprio selo, Philles, quando o "Wall Of Sound" estava sendo gestado, é tão rica em histórias e personagens que a detalhamos neste *Jukebox*, para compreensão do universo "spectoriano" e da evolução pop entre o final dos anos 50 até meados dos 60.

Ele começou produzindo um *single* ao custo de quarenta dólares, com seu próprio grupo vocal. The Teddy Bears, formado com dois colegas de ginásio, Annette Kleinbard e Marshall Leib, lançaram "To Know Him Is To Love Him"/"Don't You Worry My Little Pet", um dos maiores hits de 58, pelo selo Dore (Los Angeles). Um ano depois, os Teddy Bears estavam gravando pela Imperial. Só que Spector, exaurido pelas intermináveis excursões, desfez o grupo em 60, depois de editar um LP e mais três *singles*. Estes lançamentos não fizeram sucesso, mas foram fundamentais para a criação do seu "Wall-Of-Sound" — produzidos e editados em estéreo, os discos da Imperial padeciam das imperfeições que a gravação estereofônica tinha em seus primórdios. Daí a decisão de produzir, no futuro, sempre em dois ou mais canais, para depois comprimir tudo em um só na edição final, acrescentando todo o eco possível. Foi o que acabou instigando a falsa lenda, que Spector sabia gravar tão bem em mono que dispensava as técnicas modernas da gravação estereofônica!

Lester Sill, veterano produtor foi o primeiro a reconhecer seu gênio, e o recomendou a Jerry Leiber e Mike Stoller, então produtores na mitológica Atlantic de Nova York. Phil passou a assistente da dupla, além de tocar guitarra nas sessões de gravação de diversos artistas.

Esta foi a época em que introduziram — no som pesado do rhythm & blues — a sutileza das cordas e o exotismo do acento rítmico do baião brasileiro. Phil iria se apropriar desses dois elementos na montagem do seu som. Em pouco tempo, ele estava efetivado como produtor, além de ter suas composições gravadas pelos artistas da casa — quatro delas pelo astro Ben E. King, incluindo o hit "Spanish Harlem".

Ainda em 60, formou The Spectors Three, com Russ Tieltman (hoje produtor da WEA) e Annette Merar (com quem se casaria), para a gravação de dois *singles* pela Trey (selo de L. Sill). Como *free-lancer*, produziu Ray Peterson e Curtis Lee para a Dunes; Johnny Nash para a ABC; The Paris Sisters e Billy Storm para a Gregmark; Arlene Smith, Karen Lake e o grande Sammy Turner para a Big Top; Troy Shondell, Bobby Sheen e Obrey Wilson para a Liberty; Connie Francis para a MGM. Sua melhor produção nessa fase foi Gene Pitney para a Musicor quando realmente inventou o "Wall-Of Sound" no *single* "Every Breath I Take / Mr Moon, Mr. Cupid And I". Na Atlantic, produziu Billy Storm, Top Notes, Ruth Brown, Jean Du Shon e Lavern Baker. Em 61 começava a produzir para o selo Philles, criado em sociedade com seu protetor Lester Sill e Helen Noga. Um ano depois comprava as partes dos sócios e iniciava uma revolução no mercado fonográfico. Mas esta já é outra história, para uma outra vez.

RENE FERRI

Capa do LP dos "ursinhos do pelúcia"
Da esquerda: Marshall Leib, Annette Kleinbard e Phil Spector

JUKEBOX

DISCOGRAFIA SELECIONADA

LP *Phil Spector — The Early Productions* (Rhino, EUA/83)
CD *Twist & Shout* (WEA, Alemanha/89)

(O LP compila gravações dos Teddy Bears, Gene Pitney, Curtis Lee, Spector's Three e outros. O CD reúne as produções de Phil para a Atlantic.)

BOA SAÍDA

DISCOS

Mar Cavalari

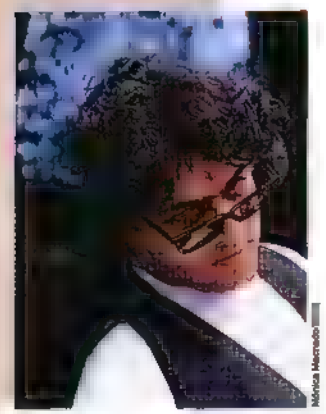
Misture, no mesmo vinil, "Kashemir" do Led Zeppelin, "Jóia" de Caetano Veloso e "O Canto do Cisne Negro" de Villa-Lobos, além de algumas composições inéditas. Some-se a isso tudo as influências dos músicos — que passam pelo samba, choro, maracatu, rock, música afro, Caribe, Índia etc., etc. Esta é uma parte da fórmula de *Contos*, segundo LP do grupo instrumental **Aquarela Carioca**, lançado pelo selo independente Visom e distribuído pela BMG-Ariola.

O quinteto, formado em 87, teve seu primeiro LP *(Aquarela Carioca)* distribuído em vinte países europeus e listado entre os dez melhores discos brasileiros de 89 pela revista norte-americana *Beat*. O álbum lhe rendeu ainda uma participação no Free Jazz Festival nesse mesmo ano.

Contos é uma evolução, um disco mais denso e tão irreverente quanto o álbum de estréia. Ao conseguir manter a homogeneidade em um repertório tão variado, a banda prova que tem, no mínimo, estilo. Este é resultado dos arranjos coletivos, que procuram explorar da melhor maneira a formação de guitarra (Paulo Muylaert), baixo (Paulo Brandão), percussão (Marcos Subang), sopros (Mário Seve) e cello (Lui Coimbra).

EDUARDO FEIJÓ

BELO HORIZONTE


Mônica Mercado

A cena local nunca foi pródiga na revelação de bons valores solo, mas, quando um talento bruto como o de **Bauxita** irrompe pelos palcos, tal escassez torna-se plenamente compensada. De timbre fuligi-noso, algo a meio caminho entre Eric Burdon e os ícones da Motown, a voz do cantor mais parece brotar de um dínamo embutido na garganta, tal o ataque que ele imprime às suas modulações.

Até o segundo semestre do ano passado, Bauxita ainda era pouco conhecido. Uma série de shows arrasadores, acrescidos a duas canjas nas apresentações dos Blues Etílicos e de André Christovam, tratou de consertar a situação. A maior exposição confirmou como ele se mostra à vontade, tanto em canções de sua autoria — caso de "Táxi", um funk correto — quanto em material alheio (números de Junior Wells, Don Nix, Ray Charles, Chaka Khan, Prince). Vale lembrar que o toque pessoal nas reinterpretações é suficiente para afastá-lo do terreno das cover bands. Se ele continuar nessa trilha, o sucesso há de vir, com certeza.

ARTUR G. COUTO DUARTE

DEMO MTV

Se você já sonhou em ver um clip da sua banda na MTV, pode arregaçar as mangas. A partir de julho, entra no ar o programa *Demo MTV*, composto exclusivamente por clips de bandas iniciantes. Para participar, o grupo deve mandar seu clip (pode ser em VHS, Super VHS e U-Matic), acompanhado de endereço e telefone para contato. Todos os clips serão assistidos por uma comissão interna da MTV, que escolherá os melhores. Os escolhidos assinarão um contrato com a emissora, recebendo um pagamento correspondente aos direitos do videoclip. Em cada programa *Demo MTV*, será eleito o melhor clip, que receberá um prêmio especial, além de entrar na programação normal. Mande sua fita para: Programa *Demo MTV*, Av. Professor Alfonso Bovero, 52, CEP 01254, São Paulo, SP.

P. ALEGRE

Alguns meses atrás falei de leve nesta coluna sobre o **N.S.U.** Pois, é o seguinte: eles continuam detonando os palcos dos maiores moquifos gaúchos com violência trash (sem "h" no meio e muito pouco a ver com metal), e andam se autoproclamando descendentes de Stooges, Them, Booker T., AC/DC, Who e Led Zeppelin. Santa e sagrada mistura! Eles são uma das bandas mais surpreendentes que já apareceram pelo sul e, na boa tradição porto-alegrense, uma cambada de vagabundos que perambulam pelas calçadas notumas da Av. Oswaldo Aranha com garrafas de cerveja na mão e minhocas na cabeça. Encucados intelectuais do lixo etílico. Six, Dead Joe, Moog e Chico definem o N.S.U. em três palavras: sexo, morte e delinos. Seria legal se dessem um jeito de registrar em vinil tamanha balbúrdia sonora, para chutar algumas bundas de pretensos roqueiros invocados que andam por aí.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

UMA GAROTA PODE CHEGAR AO ORGASMO SÓ COM CARÍCIAS?

O que acontece no corpo quando a gente fica excitada? Uma menina pode perder a virgindade se masturbando? Qual é a hora certa para se fazer amor? Tudo o que você queria saber sobre sexo e não tinha para quem perguntar está na revista SEXO SEM DUVIDA.
Uma Edição Especial da revista CARICIA que traz mais de 240 perguntas e respostas que mostram o lado natural do sexo
Sem duvida.

EDITORA AZUL
JÁ NAS BANCAS.
EDIÇÃO ESPECIAL
caricia

DANCE MUSIC

DMC UK

MASSIVE

Massive devia ser massivo. Se você não sabe do que estou falando, acompanhe este retrospecto. Sabe aquela luz que fez Jazzie B e Nellee Hopper juntarem um beat enxuto de hip hop, um baixo de reggae e uma doce linha vocal soul em cima, traduzindo em miúdos, "Keep On Movin'" e "Back To Life"? Bem, sua origem está num single de 86 do Wild Bunch, chamado "The Look Of Love", uma cover de Burt Bacharach e Hal David.

O Wild Bunch era um *sound system*, no esquema das discotecas sobre rodas da Jamaica, tocando de funk a reggae, formado por quatro rapazes, um dos quais era Nellee Hopper. Sediados em Bristol, oeste da Inglaterra, cidade com grande comunidade jamaicana, suas atividades abrangiam discotecagem, rap, dança, grafitti e sessões de estúdio. Em meados dos 80, já eram famosos no circuito underground de clubes. Chegaram até a excursionar para o Japão.

Em 87, Hopper deixou Bristol e o Wild Bunch, para se juntar ao Soul II Soul, em Londres, onde sua bagagem contribuiu de forma evidente.

O som da formidável dupla de produtores Smith & Mighty, também de Bristol, bebeu claramente na fonte do Wild Bunch. Assim como o Bomb The Bass, com seu sub-100 BPM 'I Say A Little Prayer', também uma composição de Bacharach & David.

O Wild Bunch decidiu mudar o nome para Massive Attack. Depois de um rápido entra-e-sai de membros, estabeleceu-se a formação atual, três fanáticos terminais por música e videogames: Daddy G, 3D e o DJ Mushroom, com direito a convidados ocasionais. Com o novo nome lançaram "Any Love", uma melodia clássica com carrocena rítmica de cair de quatro. O Massive Attack depois montou um selo, sob a tutela da Virgin, reaproveitando o nome Wild Bunch para batizá-lo.

No começo deste ano, a Guerra do Golfo fez o Massive tirar o Attack de seu nome, por razões de boa educação e sensibilidade. Em seguida, chegou ao décimo posto na Inglaterra com "Unfinished Sympathy", com a cantora Shara Nelson. O primeiro LP, *Blue Lines*, lançado em abril, por sua qualidade e diversidade, não recebeu mais elogios por falta de espaço e de palavras. Uma faixa pode ter um formato tecno minimal e outra, uma orquestra de quarenta músicos.

A música do Massive não é superdançante nem superacessível. Mas traz todas as características dançantes e acessíveis como hip hop, reggae, soul e rock para apresentar algo que não vai deixar ninguém sob queixo.

ESTIVERAM POR AQUI...

• Os suecos do CLUBLAND, aparecendo para a MTV e discotecando em casas noturnas, incluindo o abominável Columbia de São Paulo.

• Um clássico ame-ou-odeie ICE MC e seu produtor, Roberto Zanetti, um homem por trás de vários projetos, (*ver mais no Fast Forward*).

• Do departamento do dance hall, FRIGHTY & COLONEL MITE. — Bem antes, em janeiro (só que ficamos sem espaço para anunciar), integrantes do THE BRAIN CLUB. O Brain é uma coletividade de Londres que abrange clube/DJs/músicos e excursiona pelo mundo. Promoveram festas-apresentações em alguns clubes, divulgadas praticamente só no boca a boca.

CLUBLAND

AVENTURAS NAS RODAS DE AÇO

A final mundial do campeonato de DJs do DMC, em Londres, foi no início de abril. O alemão David Fascher repetiu o êxito do ano passado e arrebatou as duas Technics folheadas a ouro e um bom prêmio em cash. Entre o desfile de figurinhas carimbadas da dance, houve 56 apresentações ao vivo, incluindo 808 State, Lisa Stansfield, Maxi Priest, Adamski, Shabba Ranks, Black Box, C + C Music Factory, Snap!, Seal, Technotronic, Rebel MC, A Tribe Called Quest e LL Cool J.

Sem shows ou atrações extras, a final brasileira foi um evento estritamente para fãs de peripécias e truques técnicos. O DJ Cuca novamente ficou em primeiro lugar. E, acredite se quiser, na final mundial ficou no mesmíssimo décimo lugar de 90.

Ya Kid K "Awesome"
Sai Jo Bogaert e entra Danny D (D-Mob) nos controles. O rap continua legal, mas a produção não foge muito do padrão Danny D: um mix de Philadelphia/garage house/soulpop.

Cathy Dennis "Touch Me"
Mais Danny D. Agora com mais um single da vocalista inglesa lançada em "C'Mon Get My Love", do D-Mob. Cathy é hiperpopular nos EUA. Isto já toca horrores mas é normalzinho.

FPI Project "Everybody (All Over The World)"
Brilhante ataque italo de quem já estava mandando bem na primeira fase do gênero ("Going Back To My Roots").

Black Box "Strike It Up"
Outro "veterano" italiano que enche pistas sem parar desde 89. Uma faixa de *Dreamland* que desesperadamente pedia um remix.

Musto & Bones "Dangerous On The Dancefloor"
Os ravers nova-iorquinos lançam um hip house sólido como uma rocha. Repare os sons de videogame no meio.

CATHY DENNIS E DANNY D

Xpansions "Move Your Body (Elevation)"
Itália (de novo) em versão minimal. Diversão ignóbil.

Innocence "Let's Push It"
Para esfriar um pouco. Mais um single do ótimo LP de estréia do grupo inglês *Belief*. Um sax suave e um ritmo house *mellow* dão o tom cool.

CAMILO ROCHA

SEAL

PARADAS

EUA (Billboard) 20.4
"Here We Go"
C + C MUSIC FACTORY (Columbia)
"Strike It Up"
BLACK BOX (RCA)
"Where Love Lives"
ALISON LIMERICK (Arista)
"Anthem"
N-JOI (RCA)
"People Are Still Having Sex"
LATOUR (Smash)

INGLATERRA (CIN Gallup) 13.4
"Wickedest Sound" REBEL MC feat. TENOR FLY (Desire)
"Anthem"
N-JOI (DeConstruction)
"Quadrophonia"
QUADROPHONIA (ARS)
"Where Love Lives"
ALISON LIMERICK (Arista)
"Footsteps"
FRANCES NERO (Debut)

EUROPA - 14 países (European DJ Federation) Abril
"Gonna Make You Sweat"
C + C MUSIC FACTORY (Columbia)
"3am Eternal" KLF (KLF)
"(I Wanna Give You) Devotion"
NOMAD (Rumour)
"My Heart, That Beat"
D-SHAKE (Cooltempo)
"Ice Ice Baby"
VANILLA ICE (SBK)

DJ EDUARDO HERRERA (Occidente, Porto Alegre) NÃO toca nem sob ameaça de morte
"Step By Step" NEW KIDS
"Pump Up The Jam"
TECHNO TRONIC
"Use It Up And Wear It Out"
PAT & MICK
"Listen To Your Heart" SONIA
"Love Is About To Change"
DONNA SUMMER

LIVING COLOUR

Divulgação Sony Music

UNIVERSAL AMPHITHEATER (LOS ANGELES)

O chefe de polícia de Los Angeles, Daryl Gates, havia acabado de cair em desgraça. Foi logo após a coça televisada de Rodney King, um negro espancado pela polícia, que Vernon Reid subiu ao palco do Amphitheatre com a cara de quem ia aprontar alguma.

O show já rolara uns bons quarenta minutos no momento que Reid pegou o microfone para falar: "Eu estava louco para chegar aqui em L.A.", disse Reid, ajeitando suas dreadlocks. "E vocês sabem que eu não poderia ficar calado" (*a malta urra*). "Fuck the police, man", Vernon berrou. "Ainda bem que está dando essa confusão. Esse tipo de problema acontece no país inteiro mas ninguém sabia... até agora."

Sem maiores elucubrações, Reid engatilhou sua guitarra e iniciou a canção mais adequada ao momento: "Funny Vibe", transformada numa apavorante revisão dos sentimentos antinegros que comandaram o abuso de poder exercido pelos subalternos de Gates. Em nenhum outro show do Living Colour — e este foi o quarto visto por quem vos fala —, soou tão urgente e relevante.

Talvez por causa do "affair Rodney King", talvez pelo entrosamento que somente os anos de estrada podem trazer, esta passagem do Living Colour por Los Angeles foi a mais memorável de todas as visitas da banda à cidade. Se no passado o Living Colour apenas ocasionalmente deixava de produzir no palco uma maçaroca amorfa, estridente e cansativa, agora a banda faz jus à dinâmica de seu repertório, organizado ao longo do show com equilíbrio suficiente para enfatizar a música quando ela não necessita de pauleira para ser entendida, mas com o ataque de um peso pesado em ponto de bala.

Corey Glover, o vocalista, é quem demonstra maior desenvolvimento artístico, ao substituir seus antigos uivos monocromáticos por vagidos plenos de nuances e emoção.

A nova fase do Living Colour, "mais musical", é instantaneamente perceptível nas canções mais melodiosas e, portanto, mais difíceis de se atacar ao vivo, como "Love Rears Its Ugly Head" e "Open Letter (To A Landlord)". Emerge de sob a massa compacta e pulsante de riffs e ritmos um domínio de harmonia e melodia que simplesmente inexistia.

O Living Colour aprendeu também a conviver em paz com o lado mais leve do rock, com a realidade de que a banda faz parte de uma coisa chamada *showbusiness*. Assim, agora eles sabem entreter e divertir, têm o senso de humor e o jogo de cintura para transformar a já hilariante "Elvis Is Dead" numa sequência leve, puramente divertida.

E é com sabedoria que a banda decidiu encerrar o show em velocidade reduzida, despedindo-se com a tranquila e hipnótica "Solace Of You", um hig-life balançado e, sobretudo, ultramelodioso.

Se continuar nesse caminho, o Living Colour cumprirá, de fato, as promessas sugeridas por seus discos: uma síntese do metal com a riqueza de ritmos e harmonias da tradição pop negra.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

JANE'S ADDICTION

MARQUEE (LONDRES)

O show de abertura provoca reações estranhas: os Chicksaw Mud Puppies (cujo disco *8 Track Stomp* foi produzido por Michael Stipe do REM e por aquela verdadeira lenda do blues, Willie Dixon) são dois caras, um andando pelo palco com seu violão, outro cantando e tocando sua gaita numa cadeira de balanço. Seu country-blues desvairado é interessante, mas é outro tipo de estranheza que a platéia quer... É a vez de Jane's Addiction.

Dizem que Perry Farrell é viciado em heroína. Dizem que Perry Farrell tem AIDS. Dizem que Perry Farrell está se acabando. Mas Perry não gosta de causar controvérsia... ele é controvérsia. Quando aparece esta noite, ele parece querer confirmar todos esses boatos e criar outros novos, mais interessantes. Ele raspou suas tranças coloridas, descartou de vez a maquiagem negra ao redor dos olhos e um enorme casaco cobre o seu corpo esquelético. O resto da banda — o guitarrista Dave Navarro, o baterista Stephen Perkins e o baixista Eric A. — fornece o fundo musical. Mas a figura central do espetáculo é Farrell, o *performer*. Como toda grande personalidade, é impossível sentir uma coisa só por ele. Quando tem seu ataque pseudo-epilético durante algum momento particularmente intenso, desperta admiração. Quando faz declarações desnecessárias e piadas sem graça (ou será que fui a única a não rir?), provoca uma irritação inesperada.

Musicalmente... bem, o que se pode dizer? A voz tipo Mickey Mouse/Pato Donald de Farrell se casa admiravelmente bem com a guitarra que vem em ondas sobre nossas cabeças. Há pompa e circunstância, mas sem constrangimento. As letras são estranhamente autobiográficas ("Sou pele e osso/Tenho um nariz pontudo/Mas isso me faz tentar/E vou te dizer por que: não há certo ou errado/Há apenas prazer e dor", ele declara em "Ain't No Right"). Ou heréticas ("Jesus erótico se deita com suas Manas", em "Three Days"), ou simplesmente honestas ("Fui pego roubando uma vez/Quando tinha cinco anos/É simples: eu gosto de roubar/Se gosto de algo, não quero pagar por isso", Farrell confessa em "Been Caught Stealing"). De novidade, há uma violinista no palco, que torna "Then She Did" e "Of Course" ainda mais belas. Os *stage divers* abraçam e beijam Perry Farrell, antes de serem novamente engolidos pela multidão de camisetas coloridas e jaquetas de couro. O resto de nós tenta dançar naquele aperto, e a banda vai nos massacrando com tudo, tudo do LP *Lo Ritual De Lo Habitual* — Farrell é obcecado por tudo o que é mexicano — e quase nada do LP anterior, *Nothing's Shocking*.

Perry Farrell diz querer ser negro, mexicano, mulher. É pretensioso, alguns dizem... É verdade que às vezes ele quase chega lá. Mas é fácil perdoar os pecados de alguém abençoado com uma visão tão brilhante.

ANAMARIA G. DE LEMOS

J.M. Giboux/Lollapalooza

COCTEAU TWINS

PROJETO SP (SP)

Não funcionou. Para tristeza dos fãs, desconsolo dos admiradores e irritação geral, os Cocteau Twins mostraram que, no palco, a única emoção forte que conseguem provocar é o tédio.

Houve até alguns momentos em que foi possível vislumbrar aquela beleza sublime que fez de *Treasure* um dos LPs mais encantadores dos anos 80. Nos agudos de Liz em "Aikea-Guinea", na cadência de "Cherry-Coloured Funk" ou na delicadeza das guitarras de "Wales Tails", o público era convidado a entrar num transe hipnótico — que jamais, porém, se concretizava.

Não foi por falta de boa vontade. A platéia que lotou o Projeto SP, sedenta por uma atração internacional (depois da longa abstinência pós-Rock In Rio), estava disposta a se divertir. Aplaudiu músicas que nunca ouvira (a maioria de *Heaven...*, o último LP, e *Blue Bell Knoll*, o anterior), e vibrou com os dois únicos hits (??): o mais recente, "Cherry...", e "Lorelei", a única de *Treasure*. Mas era impossível disfarçar a irritação com o que parecia ser uma única música, estendida por longos e intermináveis minutos. Nada das sutilezas timbrísticas só perceptíveis em disco, ou da força da voz de Liz — ao vivo, incapaz de segurar os agudos. O que sobrava era o som embolado de três guitarras (Robin mais os recém-integrados Ben Blakeman e Mitsuo Tete) incapazes de reproduzir, no palco, a riqueza das texturas criadas por Simon e Robin em estúdio. "Se você acha isso, devia ter ficado em casa ouvindo os discos", diria Robin mais tarde, ao ouvir minha opinião. Sábias palavras...

MARISA ADAN GIL

SEMANA REGGAE

ASWAD

PROJETO SP (SP)

Durante anos, no Brasil, a tenaz comunidade do reggae clamou por shows internacionais. Parece que as rezas bateram lá em cima, todas de uma vez, gerando uma profusão de acontecimentos à altura de todas as velas acesas. Em dezembro e janeiro, Jimmy Cliff desfilou sua arte nas principais capitais do país. Em março, um minifestival com Andrew Tosh, Black Uhuru, Dennis Brown e The Wailers. No começo de abril, São Paulo viveu um salve-se-quem-puder: Aswad, Yellow Man e a dupla Frighty & Colonel Mite trombando-se no calendário, com shows em lugares diferentes, para sufoco e desespero da geral.

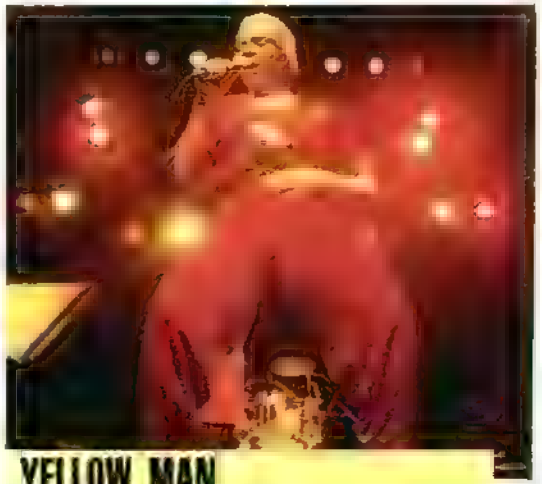
É, no mínimo, motivo de diversão o que vem acontecendo no Brasil em nome da chamada "explosão do reggae". Verdadeiras patuscadas. Essa de agendarem shows que se encavalam na folhinha é mesmo de matar. Ainda tem a de um jornal paranaense que deu foto de meia página para Junior Marvin, líder dos Wailers, com uma legenda sublime: "Lee Marvin, dos Wailers". Merecia um Oscar. O Black Uhuru — Don Carlos, Garth Dennis e Duckie Simpson — vem sendo festejado lá fora exatamente porque recuperou sua formação original, a mesma que deu início à epopeia do grupo no início dos anos 70. Os promotores e a imprensa, no entanto, gastaram muita saliva e vários parágrafos tentando explicar a ausência de Michael Rose e Puma Jones, "que faziam parte da formação original do grupo" (Puma Jones, aliás, morreu ano passado, vítima de câncer). E por aí foi, e por aí vai.

A irmandade rasta, que por excelência é adepta do despojamento e do naturalismo, ficará perplexa no show do Aswad, no Olympia, em São Paulo. Entre carpetes e cortinões dourados, um telão gigante fazia propaganda de uma casa de carnes com um facalhão talhando uma posta semicrua de picanha. Por sorte entrou rápido o Cidade Negra, que abriu a noite em grande estilo, com naipe de metais e *whisky & bow*, mostrando que o reggae da casa tem peso e estatura.

O Aswad começou na Inglaterra em 75, inspirado nas batidas fundamentais da música jamaicana e apoiando sempre um estudado trabalho de pesquisas rítmicas e melódicas. A base é a de um *harmony trio*, hoje liderado por Tony Gad, Drummie Zeb e Brinsley Forde, que têm as gargantas tão polidas quanto nos gloriosos tempos do disco/show *Live and Direct*, responsável direto pelo sucesso do grupo em todo o mundo. O Aswad faz atualmente um trabalho único, que mistura toda essa tradição aos mais incríveis recursos tecnológicos (para entender melhor, recorra ao LP *Too Wicked*, lançado recentemente no Brasil).

O que distingue o Aswad de outros nomes do reggae é a absoluta sintonia com o moderno, o supernovo. Em outras palavras, eles nunca perdem o bonde — ao contrário, são os primeiros a subir. O dancehall reggae, o som da Jamaica de hoje, nada mais é do que uma aplicada reinterpretação da música popular jamaicana com o auxílio luxuoso de samplers, sintetizadores e baterias eletrônicas. O Aswad mostrou como isso funciona, como dá boa liga com instrumentos "normais" (baixo elétrico, guitarra, violão de doze cordas).

A apresentação começou com poderosos riffs de metais, recuperando alguns sucessos de *Live and Direct*. Bem antes de mostrarem "Don't Turn Around" (talvez a mais conhecida por aqui), o público já rasgava o gogó em tudo que era refrão: "African Children", "Confidential", "Next To You", "Old Fire Stick", "Feelings", "Tradition" e "Fire" (esta última com participação especial — via sampler — do MC Shabba Ranks, o mais festejado superastro da Jamaica nos anos 90).



YELLOW MAN

OLYMPIA (SP)

Não muito longe dali, entre as massacrantes paredes do Projeto SP, o albino Yellow Man iniciava sua temporada verde-amarela ao lado da banda Sagittarius. Apesar de não figurar mais nas paradas do reggae, superado que foi pela agilidade dos novos DJs da ilha, o carismático Mr. Winston Foster surpreendeu a massa com alguns de seus hits eternos — "Jamaica Nice", "Boys And Girls", "Love Letter" e "Disco Reggae".

No rádio e no jornal, Yellow Man foi apresentado como "o criador do canto-falado jamaicano"... Baleia: o pai da criança é U. Roy, que por sua vez achou inspiração entre os anônimos disc-jockeys da Jamaica dos anos 60. O grande mérito de Yellow Man foi ter internacionalizado o estilo *toasting*, com o LP *King Yellowman* (já lançado no Brasil). Neste disco, produzido pelo ex-Material Bill Laswell e com participação de Afrika Bambaataa, Yellow Man consegue uma síntese perfeita da mais pura e criativa linguagem de rua da ilha. Lançada em 84, não demorou muito para que a obra-prima da dance music jamaicana fosse ultrapassada pelas novidades futuristas que começavam a espirrar nos estúdios de Prince Jammy, proto-célula do dancehall reggae. Porém, a garotada que lotou os shows de Yellow Man por aqui não sabe (e talvez nem precise saber) disso: foi embalo e energia de ponta a ponta.

FRIGHTY & COLONEL MITE

ROSAS DE OURO (SP)

Felizmente, o reggae traz em sua essência o condão da universalidade, o poder de comunicação com todos os tipos de público. Não é música das elites, embora os promotores no Brasil insistam em criar eventos como esses, com preços proibitivos. Ninguém se preocupa com a massa — que, astutamente, veremos, também não se preocupa com ninguém: corre por fora, e bem.

Há coisa de dois anos, o dancehall reggae vem ganhando projeção junto à poderosa multidão que lota salões e clubes na periferia de São Paulo. Através das ondas da Bandeirantes FM, emissora que catalisa o movimento, equipes de baile como Chic Show, Black Mad, Zimbabwe Circuit Power, Musicália e Hot Gang, entre inúmeras outras, atualizaram os *beats* de pista, sintonizando as paradas blacks de Nova York e Londres, já impregnadas pelo novo estilo da música jamaicana. Hoje, na caixa de discos dos DJs da massa, ao lado de MC Hammer, Public Enemy, Boogie Down Productions e outras estrelas do hip hop, figuram nomes como Tiger, Ninja Man, Shabba Ranks, J. C. Lodge e Cutty Ranks.

A dupla Frighty & Colonel Mite estourou nos bailes daqui quase que ao mesmo tempo em que ganhava as paradas lá fora. A música "Life", do LP de mesmo nome, transformou-se num dos dos hits de maior sucesso das últimas temporadas (o disco não saiu oficialmente no Brasil, mas já tem pelo menos quatro de suas faixas circulando em versões piratas).

O circuito de shows da dupla, que se apresentou apenas com a ajuda de um gaiato nos toca-discos, não poderia ser mais underground: Clube Floresta de Osasco, Clube House de Santo André, Terraço de Campinas e Quadra da Escola de Samba Rosas de Ouro. Não deu em jornal, não saiu na revista, nenhuma emissora de TV foi cobrir. E pelo menos cinco mil pessoas assistiram a cada show sem baderna, sem fantasia, sem fuzue.

Está na cara que o reggae vai continuar sendo assunto por aqui. Por isso, vacine-se: evite conversas com estranhos junto aos carrinhos de pipoca, duvide dos entendidos de última hora e recuse tanto gatos como lebres. *OTAVIO RODRIGUES*

DORSAL ATLÂNTICA

TEATRO IPANEMA (RJ)

Rock é bom na pressão. E o clima no teatro Ipanema prometia. Sem espaços para tocar na cidade, Dorsal Atlântica e Tubarões Voadores haviam se juntado e bancado o aluguel do lugar. Esbarraram no preconceito otário (acentuado talvez pela data — o show foi no dia 1º de abril) e tiveram que pagar adiantado, sendo obrigados também a arcar com um esquema especial de segurança. E ainda engoliram uma advertência: "Se a platéia se levantar ou o *mosh* começar fim de papo".

Os Tubarões Voadores, primeiros a tocar, trouxeram de Itaboraí (40 km do Rio) seu *thrash/hardcore* com descaídas brasileiras, mas não cumpriram as promessas. Não houve a anunciada participação de Luciene Adami cantando "Não Me Mande Flores", do DeFalla. Dadá Figueiredo, ídolo surfista carioca, que faz *backing vocals* no disco dos Tubaroes, chegou atrasado e não cantou, e o campeão brasileiro de skate, Lucio Flávio, também fez *forfait*.

Começando com "Hermeto Paschoal", *hardcore* verde-amarelo da nova safra do grupo, os Tubarões acabaram angariando a antipatia da platéia, quase toda composta de fãs do Dorsal. Apesar da amizade das bandas (Carlos Vândalo, guitarra e vocal do Dorsal, produziu o LP dos Tubarões), o público radical não quis entender o som do pessoal de Itaboraí. Lá pela segunda música, os mais descerebrados bradavam "mais rápido, mais rápido" e pediam Napalm Death. Prejudicados pelo clima, os Tubaroes não souberam sair do atropelo. Faltou presença de palco e coragem para calar os pirralhos linguarudos. Ainda assim, tiveram bons momentos em "Tempo" e "Mundo Louco".

A noite seria do Dorsal. Há seis meses sem tocar para seu fiel séquito carioca, o grupo tinha à frente uma platéia que implorava por sua presença. Nove anos de carreira, dois LPs lançados lá fora, o Dorsal tem tudo para seguir os passos do Sepultura. Seus integrantes podem não ter cabeleiras tão bonitinhas quanto às dos mineiros, mas sua mentalidade é outra. Carlos Vândalo é um dos poucos músicos do gênero que tem a lucidez de dizer que a inteligência não é a principal característica dos aficionados.

No palco, o Dorsal mandou quase todo o último LP (a ópera-*thrash* "Searching For The Light") e acendeu a massa. Carlos teve que pedir para os mais excitados se comportarem, mas não evitou que durante "Tortura" dois garotos em estado demencial fizessem um discreto *mosh* por cima das cadeiras. Mesmo assim, foi pouco para fazer esquecer a impropriedade do local e o cerceamento das liberdades. Ouvir tudo aquilo sentado e quieto foi heavy metal.

PEDRO SÓ

CAETANO PURO

Domingo
(com Gal Costa) - 1967
nº catálogo CD 838 555-2

Caetano Veloso 1968
nº catálogo CD 838 557-2

Caetano Veloso - 1969
nº catálogo CD 838 556-2

Caetano Veloso - 1971
nº catálogo CD 838 561-2

Temporada [illegible]
(Com Gil e Gal) - 1974
nº catálogo CD 848 452-2

Jóia 1975
nº catálogo CD 838 559-2

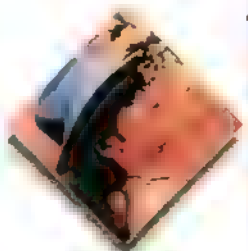
Qualquer Coisa - 1975
nº catálogo CD 838 558-2

Doces Bárbaros/CD Duplo (Caetano
Gal, Gil & Bethânia 1976
nº catálogo CD 842 920 2

Maria Bethânia & Caetano
Veloso Ao Vivo - 1978
nº catálogo CD 838 560-2

Cinema Transcendental - 1979
nº catálogo CD 838 289-2

Outras Palavras - 1981
nº catálogo CD 838 465-2



Cores Nomes - 1982
nº catálogo CD 838 464-2

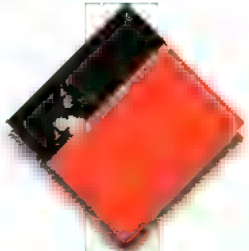
Totalmente Demais - 1986
nº catálogo CD 830 145-2

Caetano - 1987
nº catálogo CD 832 938-2

Personalidade - 1987
nº catálogo CD 832 219-2

Estrangeiro - 1989
nº catálogo CD 836 297-2

COMO CAETANO.



nº catálogo CD 838 511 2

Caetano e Chico Juntos
e Ao Vivo 972
nº catálogo CD 8 2 522 2

Araçá Azul 1973
nº catálogo CD 824 691-2

Bicho - 1977
nº catálogo CD 838 562-2

Muitos Carnavais 1977
nº catálogo CD 838 563-2

Muito Dentro da Estrela
Azulada) - 1978
nº catálogo CD 836 012 2

Uns 1983
nº catálogo CD 812 747-2

Velô 1984
nº catálogo CD 824 024-2

Caetanear 1985
nº catálogo CD 826 [illegible]-2

Sem Lenço,
Sem Documento - 1989
nº catálogo CD 836 528-2

Caetano Veloso - 1990
nº catálogo CD 846 916-2

A Arte de Caetano Veloso - 1975
nº catálogo CD 836 [illegible]-2

A PolyGram juntou a pureza da voz, da melodia e da sensibilidade do Caetano Veloso com a pureza da mais alta tecnologia do som. Resultado: 28 compact discs imperdíveis, para você ouvir como se Caetano estivesse ao seu lado. A PolyGram se orgulha de ter no seu elenco um artista com uma coleção tão completa. E faz tudo para você sentir ao máximo o que o talento e a qualidade técnica são capazes de produzir.

PolyGram

* * * * * * * * * * * *

CDs que valorizam talentos.

REGGAE: O RITMO, O MITO, A HISTÓRIA.

Só podia ser um super-especial da revista Bizz: o reggae, das origens até hoje. Com biografias completas dos maiores ídolos, incluindo o mito Bob Marley, mais vivo que nunca dez anos depois da sua morte. E entrevistas com os grandes: Yellowman, Black Uhuru e Aswad.

A Jamaica está toda nas páginas de *Reggae*: uma história completa de sua música e religião, contando como surgiu e como é o rastafarianismo. Mas o Brasil não fica de fora: o reggae aqui está com tudo, e a revista mostra como ele fica cada vez mais forte no país.

Você curte o reggae. *Reggae* foi feito pra você. Você é super especial para a Bizz.

EDITORA AZUL

N A S B A N C A S

DISCOS

OUT OF TIME — R.E.M. (WARNER/WEA)

Embora as vertentes da filosofia neguem a possibilidade, místicos e iniciados nas prospecções psicofarmacológicas afirmam que nos é possível romper com a vivência do tempo. E daí — sustentam eles — que se constitui a experiência da eternidade como suspensão do tempo, como *nunc stans*. Nos ataques de sonambulismo nos êxtases beatíficos ou nos estados artificialmente alterados da consciência, passado e futuro tornam-se presente. Foi em meio a esta posição de extremo abandono, de interação com o ambiente que *Out Of Time* deve ter sido engendrado.

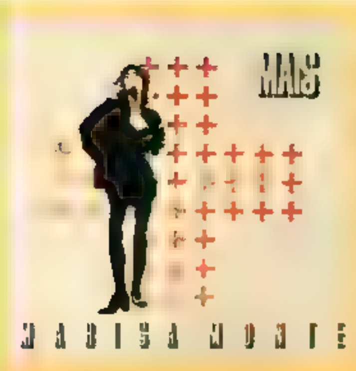
A ânsia do R.E.M. por este mergulho na intemporalidade guarda mais que um mero traço de desprezo para com o atual estado das coisas em que se encontra a música pop. Na verdade, *Out Of Time* (o sétimo álbum do grupo em sete anos) soa como um poderoso libelo antimodismos, uma bofetada na cara de uma era em que o número de BPMs emitidos a cada canção e conceitos tão voláteis quanto "imagem" e "estilo" é tudo que importa. Para conseguir seu objetivo — ainda que o resultado possa parecer absurdamente paradoxal, pois enquanto redijo este texto *Out Of Time* vai encabeçando a lista dos LPs mais vendidos dos EUA e Inglaterra —, Michael Stipe, Bill Berry, Peter Buck e Mike Mills não pouparam esforços, chegando ao ponto de alterar radicalmente seu próprio *modus operandi*.

Para começar, em vez dos habituais guitarras, a maior parte das músicas foi composta a partir de teclados. Além disso, o quarteto procurou dar vazão a vários arranjos de cordas e de sopros, ampliou o revezamento de instrumentos com que acenara em *Green* e até se permitiu introduzir outros membros à anteriormente fechadíssima contraria R.E.M. (como a vocalista dos B-52's, Kate Pierson, o *jazzman* de Nova Orleans, Kidd Jordan, o acólito de Henry Mancini, Cecil Welch e o polivalente Peter Holsapple, que os adictos em *guitar bands* se recordarão como o líder dos subestimados dB's).

Já na introdutória "Radio Song" — um número de dance music "não-dançante" por excelência — o R.E.M. desabafa toda sua ira contra a esterilidade FM: "DJ sucks!", esbravejam simultaneamente Stipe e Chris Parker (alias, KRS-1, o rapper mais antenado do planeta), fustigados por uma melodia híbrida que ousa conjugar uma levada funk, cellos, saxes, flashes de órgão *à la* Stax/Volt e uma série de riffs sobrepostos por Peter Buck. Ao longo das dez faixas restantes o tom predominante é o da melancolia. "Near Wild Heaven" é uma *surf song* escrita durante um eclipse solar. "Belong" é uma parábola travestida de balada que se deixa instilar por uma batida inexorável. "Losing My Religion" revela o esmaecido retrato de uma geração afogada na incredulidade enquanto o instrumental barroco "Endgame" (com direito a violinos em *pizzicato* e adornos tramados em violões de doze cordas) flagra Stipe como um maestro improvisado. Neste contexto, mesmo a radiante "Shiny Happy People" e o galope desabalado do country rock "Texarkana" (alguma correlação com o pistoleiro ocultista dos quadrinhos, que costumava dar as caras na revista *Heavy Metal*? têm um quê de cinismo, acrescentando uma dose extra de *nonsense*.

Alheio às fórmulas "do sucesso" e fora do alcance das ideias preconcebidas, esta surpresa chamada *Out Of Time* testemunha o R.E.M. atirando no escuro e acertando na mosca. Mais um feito da primeira e única formação metafísica do rock'n'roll.

ARTHUR G. COUTO DUARTE



MAIS — Marisa Monte (EMI-Odeon) [cassette] [CD]

Simplificando a equação: tome-se uma Marisa Monte, um Arto Lindsay e alguns Titãs e temos como resultado um LP de Gal Costa como ela era em 70, gravado nos anos 90. O toque *classy* fica por conta dos convidados: em vez do baixo pós-tropicalista de Bruce Henry, temos Ryuichi Sakamoto nos teclados — desentendido de Pixinguinha, explorando sonoridades eletrônicas em "Rosa". Arto Lindsay conseguiu o que sempre quis: fazer um disco com tudo que andou ouvindo de Caetano e seus contemporâneos, baianos ou não.

Mas, como na máxima marxista, a história se repete como farsa — Marisa *não é* Gal. Robertinho do Recife *não é* Lanny Gordin. E Marisa ainda quer compor. Elis Regina se tornou a maior cantora desta terra por interpretar canções que praticamente transformava em obras próprias. Marisa parecia ir neste sentido em seu primeiro álbum. Agora, arrisca canções fracas com versos bobinhos.

Essa poesia frágil até poderia ser esquecida em favor da melodia de "Tudo Pela Metade". Mas, infelizmente, Brian Eno já tinha escrito a canção ("Skysaw", primeira faixa do LP *Another Green World*, de 75). Marisa sai pela tangente em alguns raros momentos como "Ensaboa", de Cartola e Monsueto. Porém, em sua quase totalidade, o disco soa como um verbo conjugado no passado.

Mais teria tudo para dar certo. O álbum foi gravado em estúdios nova-iorquinos, tem a produção de Lindsay — um dos queridinhos do público alternativo que frequenta a Knitting Factory — e tem músicos de qualidade. A técnica e a tecnologia são de ponta. Mas as idéias não apontam para nada além do passado. "Diariamente", uma espécie de "o que Luzia ganhou na horta" assinada por Nando Reis, faz lembrar a frase de um compositor italiano de óperas: "Dêem-me uma lista de roupas sujas e a musicarei".

Mais poderia ser muito mais do que é. Desta vez, Marisa ficou devendo alguma coisa. De noite, na cama, ela deveria ficar pensando nisto. Mas também não é o caso de se ficar esquentando a cabeça com este disco. Como lembra Arnaldo Antunes — caetanescamente — em "Eu Não Sou Da Sua Rua", estamos aqui de passagem. E sabemos que um dia vamos morrer. De susto, de bala ou de vício. Mas que vício feio ficar psicografando os vivos. *Jimi Joe*

CORNERSTONES 1967/1970 — Jimi Hendrix (Polydor/PolyGram) [CD]

Seria impossível coletar condignamente todas as pedras fundamentais de Hendrix em dezesseis músicas. Por isso, a seleção aqui apresentada é incompleta e — mais grave — um tanto desigual. Não há sequer uma canção dos LPs *Axis: Bold As Love* (68) e *Band Of Gypsies* (70), restringindo-se o repertório a oito faixas divididas igualmente entre *Are You Experienced?* (67) e *Electric Ladyland* (68), cinco vindas de seu derradeiro álbum (*Cry Of Love*, de 71), mais duas da trilha sonora do documentário *Rainbow Bridge* (71), além de "Stepping Stone" — única canção inédita nos LPs oficiais. Valeu, mas Hendrix merece mais. *C.P.*

TYRANNY FOR YOU — Front 242 (PAS/Stiletto) [CD]

É irônico. Ao longo de dez anos o Front impôs seu irônico conceito de (anti) dança nas pistas do mundo: espasmódicas *dançarinas* (é um termo gentil demais, mas não há outro) se atiram contra um *beat* eletrônico árido, despido de qualquer noção de suingue ou clima. Se a idéia era subverter a galinhagem *disco*, emular a estética fascista não é bem o que se poderia chamar de idéia espirituosa. E agora, no entanto, os caras surgem com seu disco mais... *saboroso*! E olha que é até legalzinho. Terão eles se distraído, ou "aprenderam a tocar"? *A.A.*

KILL UNCLE — Morrissey (EMI-Odeon)

Um dos tipos mais cultuados dos 80 está reduzido, em significância, ao nível de um Paul Young. Morrissey não tem mais nada a dizer e não parece preocupado com isso. Chutou feio o pau da barraca nas letras, seu grande trunfo nos Smiths (apesar de Johnny Marr ser realmente o sal na omelete). Antes havia lamentações sarcásticas e engraçadas, e hoje só há lamentações. *Kill Uncle*, musicalmente, é frágil. Ameaça eternamente engatar numa melodia mas não entra. A melhor, "Sing Your Life", faz feio perto de qualquer lado B dos Smiths? Não, dos Sundays. Monótono e vazio, parece que foi gravado enquanto Morrissey cortava as unhas dos pés, entre bocejos. *C.R.*

A LITTLE AIN'T ENOUGH — David Lee Roth (Warner/WEA) [cassette]

Neste trabalho, o ex-Van Halen tenta voltar ao som feito pelo grupo no final dos anos 70, rotulado de *big rock* — um heavy repleto de solos e efeitos. Para isso, juntou uma banda com dois cobras nas guitarras (o badaladíssimo Jason Becker e o veterano Steve Hunter) e livrou-se do pop rock de seus horríveis LPs anteriores, conseguindo um resultado que lembra bastante a boa fase de seu ex-grupo. *L.R.*

COMA OF SOULS — Kreator (Epic/Sony)

Foram-se os tempos em que o Kreator tinha peso e certa credibilidade. Este LP é tão ameno que dá para tocá-lo enquanto se tira uma soneca. Sabe-se lá se a rapaziada amansou com a idade ou é por estar agora numa grande gravadora. A promessa de barbárie da capa e do vinil original americano (prensado em asquerosa cor roxa) não se cumpre nem no som nem nas letras, com os costumeiros temas apocalípticos e sonhos mórbidos. Se você quer violência, procure outras bandas. Esta não serve mais. *C.E.M.*

STAND BY ME (THE ULTIMATE COLLECTION) — Ben E. King/Ben E. King With The Drifters (Atlantic/WEA)

Sua especialidade: as baladas românticas, muitas das quais celebrizou através da voz suave e timbre personalíssimo. Tanto à frente dos Drifters como em carreira solo, Ben E. King inscreveu-se entre os grandes *soul singers* da primeira metade dos anos 60. A presente compilação centra-se neste período — com exceções como "Supernatural Thing (part 1)", primeiro hit de King em sua volta à ativa, em 75 — e traz três faixas com os Drifters, incluindo seu maior sucesso, "Save The Last Dance For Me". A seleção adentra pela trajetória solo de King, alinhando a [illegible] "Stand By Me", revisitada depois em "Don't Play That Song", "Spanish Harlem" e outras. A [illegible] notável só mesmo a de "There Goes My Baby", imputada como a primeira r&b a ter um arranjo de cordas. *C.P.*

MCMXC a.D. — Enigma (Virgin/EMI-Odeon) [cassette] [CD]

O produtor romeno Michael Cretu já tinha emplacado um hit profano, "Maria Madalena", em 85. *Dance beat* bacaninha, canto sacro e sussurros femininos em francês, o projeto Enigma penetra o mesmo terreno da dicotomia (católica) sexo-culpa. A receita funciona, tanto que o disco vende pacas e "Sadeness" (*sadness*, tristeza, com Sade, sacou?) não para de tocar no rádio. Com citações de *O Nome Da Rosa* (no clip), Freud e Blake (no encarte), e uma produção caprichada estilo ZTT (que em 83/84 fazia o mesmo: transformar uma boa idéia para um single em um LP inteiro), a coisa toda surpreende. Talvez por tocar em cordas misteriosas do inconsciente — ou ninguém aí nunca teve uma fantasia erótica herética num claustro deserto? (Eu mesmo, na catedral da Sagrada Família, Barcelona, quase agarro uma turista japonesa. *Vade retro!*) *A.A.*

THE GOSPEL AT COLONUS (ORIGINAL CAST RECORDINGS) — Vários (Elektra/WEA)

Com todo o religioso sincretismo em vigor no planeta atualmente ainda surgem alguns acasalamentos surpreendentes — como uma versão gospel (portanto pentecostal) do Édipo, de Sófocles.

Criada pelo diretor/libretista Lee Breuer e pelo compositor Bob Telson em 83, *The Gospel At Colonus* foi um sucesso instantâneo, do palco da "séria" Brooklin Academy Of Music a temporadas na Broadway, e esta já é a sua segunda gravação (ao vivo, a primeira foi registrada em estúdio).

Como, no mercado brasileiro, lançamentos de gospel são um verdadeiro ornitorrinco, esta edição assume uma importância extra — principalmente por reunir instituições que marcaram a história do gênero, como é o caso dos Five Blind Boys Of Alabama e dos Soul Stirrers, além de trazer as vozes sobre-humanas de Clarence Fountain e Jevetta Steele.

Para os admiradores do Steely Dan ainda há uma atração extra: Donald Fagen e Gary Katz aparecem como co-produtores em duas das faixas do disco. *J.A.L.*

WE GIVE A SHIT! (KICKIN' ASS 4 FUN) — DeFalla (Continental)

Novo selo, nova formação, mas a porrada sonora destes [illegible] gaúchos continua comendo solta. No mais das vezes, a teimosia do grupo em se impor apenas pelo volume leva seu esforço à beira do tédio, mas os primeiros segundos da faixa-título bastam para justificar o lançamento do disco. Após a manjada introdução do brega-hit "Era Um Garoto...", Edu K e sua trupe detonam literalmente o iê-iê-iê [illegible] de seus chatésimos conterrâneos. Corrosivamente hilário. *[illegible]*

ASTRAL WEEKS — Van Morrison (Warner/WEA) [cassette]

Para entender este disco teríamos de recorrer à própria personalidade de Van Morrison: um artista introspectivo e imprevisível ao extremo, que sempre traçou sua trajetória no *showbiz* sobre a corda bamba, equilibrando suas convicções poéticas e musicais acima de qualquer tentativa de manipulação. Uma constante no trabalho do irlandês, pois desde a ascensão e glória como *frontman* do Them — catapultado pela associação com o produtor e *hitmaker* americano Bert Berns — até Morrison deixar o grupo durante uma turnê malsucedida pelos EUA, transcorreram apenas dois anos (64/66). Mas foi tempo suficiente para se decidir a abandonar a carreira e, descontente com as mazelas do meio musical, voltar à sua cidade natal.

Foi Berns que, em 67, conseguiu convencê-lo a vir de Belfast para Nova York gravar em seu recém-fundado selo Bang. O resultado dessas sessões não chegou a entusiasmar Morrison, que contudo teve pouco tempo para reclamar, pois no fim do ano Berns seria fulminado por um ataque cardíaco. Um tanto desorientado, ele passou a se apresentar esporadicamente, acompanhado apenas de um flautista e um baixista, enquanto compunha cada vez mais. Deste período de transição, data a gênese de um dos discos mais indefiníveis de todos os tempos, gravado em apenas dois dias num estúdio de Nova York, com Morrison acompanhado por um punhado de músicos de jazz que mal conhecia ou travou contato, todos executando instrumentos acústicos.

Aquilo seria folk certo? Podia parecer, não fossem os vocais na mais pura tradição soul e impregnados com inflexões de gospel. Que dizer então das letras visionárias, abordando suas reminiscências irlandesas e colocadas em estruturas que vão do blues à valsa? Tudo sobre uma base instrumental jazzística das mais competentes, com especial destaque para o baixo de Richard Davies (flutuando através das canções e fazendo contrapontos com a voz) e a bateria de Connie Kay (em delicadas texturas e efeitos).

De resto, as oito obras-primas do disco são mais para ser ouvidas que descritas. Compre, grave, empreste, roube... Faça alguma coisa! *Celso Pucci*

[cassette] CASSETE [CD] COMPACT DISC

ALIVE, SHE CRIED — The Doors (Elektra/WEA)

A chama de uma nova *doorsmania*, reavivada pelo filme de Oliver Stone, vai trazendo em seu rastro não apenas as canções da trilha sonora, mas também relançamentos como este. Editado originalmente em 83, *Alive, She Cried* continha gravações ao vivo do grupo até então inéditas, num esquema retomado em 87, com o álbum vídeo *Live At The Hollywood Bowl*. Um aviso: só as versões matadoras de "Gloria" (Van Morrison) e "Little Red Rooster" (Willie Dixon) já pagam o disco. C.P.

THE SINGLES COLLECTION 1984/1990 — Jimmy Somerville Featuring Bronski Beat And The Communards (London/PolyGram)

O barco gay volta com uma coletânea de suas bandas anteriores e de seu trabalho solo, além de um pseudo-reggae inédito (a versão cassete e CD contém três faixas-bônus). A maioria delas não são composições próprias, mas, com o poder de seu falsete, Jimmy consegue dar conta do recado. Há altos e baixos na escolha do repertório. "Ain't Necessarily So", de Ira e George Gershwin, é um dos picos, graças à levada jazzística e aos *backing vocals* crescendo até o final. E a franca e solta de verdade no *medley* "I Feel Love/Johnny Remember Me", em parceria com Marc Almond. E.G.

TIM MAIA INTERPRETA CLÁSSICOS DA BOSSA-NOVA — Tim Maia (Vitória Régia)

A grande voz do Brasil inventou de gravar um LP com clássicos do tio de voz. É certo que Tim acerta em suas versões, mesmo escorregando numa ou noutra passagem e prejudicado pelos arranjos meio qualquer nota mais para *happy hour* de barzinho. Assim, apesar de sua presença vocal, as músicas parecem executadas por uma máquina de tocar bossa-nova. Se a idéia dele era fazer um disco para sacanear João Gilberto, conseguiu. C.E.M.

ATLANTIC CROSSING — Rod Stewart (Warner/WEA)

Iniciada em 69, a carreira solo de Rod foi de vento em popa nos anos seguintes, alternando seus LPs com grandes discos dos Faces. Com o desmantelamento do grupo em 75, o inglês atravessou o Atlântico e, sob os auspícios do lendário produtor Tom Dowd, reuniu um bando de feras do soul e r&b: Steve Cropper, Duck Dunn, Al Jackson Jr. etc. para mergulhar de cabeça em suas fontes de inspiração. Daí surgiu este álbum esperto, um lado de bom rock'n'roll e outro de belas baladas, muito diferentes da balada posterior na qual o cantor afundaria gradativamente. C.P.

PEOPLE'S INSTINCTIVE TRAVELS AND THE PATHS OF RHYTHM — A Tribe Called Quest (Jive/BMG-Ariola)

Mate a charada pelo título: a junção das viagens instintivas (aquelas sem sair do lugar) com as trilhas do ritmo. É a filosofia básica do hippie-hop do ATCQ e de nomes como De La Soul, Jungle Brothers, Queen Latifah e Monie Love, cabeças e talentos unidos na coletividade conhecida como *Native Tongues*. São considerados a "nova escola" do rap. Contêm *grooves* e climas musicais mais leves, samples fora do trivial James Brown / funk 70, incluindo desde obscuros trechos de rock psicodélico 60 ao pop negro dos mais surrados, raps tranqüilões com conteúdo que vai de mensagens sociais a historinhas cômicas, atitude extremamente bem-humorada e *up*, segundo a "positividade" que pregam: abandono dos estereótipos de machismo e violência do rap, predileção por motivos africanos, marginados e George Clinton.

O pontapé inicial dessa corrente é apontado como sendo o LP *In Full Gear*, do Stetsasonic (88), com seu senso de humor e passeios semi-jazzísticos. Prince Paul, um dos Stetsasonic, foi o produtor do primeiro LP do De La Soul, *3 Feet High And Rising*, o manifesto sonoro-estético por excelência do hippie-hop.

Mas o DLS tem se declarado amadurecido e mais agressivo, procurando novo rumo. Em meio a tantos seguidores dos caminhos de *3 Feet...*, o ATCQ, com *People's*, lançado nos EUA no meio de 90, de cara mereceu o bastão que o DLS largou e levou-o em frente.

Um LP com cara de festança animal. Nada daquela atmosfera de confronto de gangues do Bronx. Pode parecer alienado, mas o rap já tem Ice Cubes e Public Enemys demais, com excesso de carranca e mau humor. Aqui temos sorrisos debochados e não caras de mau, sexo saudável em vez de machismo bronco, perspicácia e sagacidade em rimas em vez de pretensões à análise e "denúncia" sócio-política. Hip hop para alegrar e não deprimir ou enraivecer o espírito.

Sugestões para começar: "Bonita Applebum", com sua sutil cítara, "Can I Kick It", usando o baixo de "Walk On The Wild Side", de Lou Reed, "Footprints", sampleando "Sir Duke", de Stevie Wonder, e o melhor título dos últimos tempos, "Rhythm (Devoted To The Art Of Moving Butts)" (Ritmo — dedicado à arte de mexer traseiros). Aventure-se. *Camilo Rocha*

CRAZY WORLD — Scorpions (Mercury/PolyGram)

Desde seu último álbum de estúdio — *Savage Amusement*, de 88 —, o estilo de picar destes escorpiões não mudou muito. O grupo alemão continua a misturar baladas heavy com rocks rápidos, em que as guitarras de Rudolf e Mathias soam constantemente travando longos desafios, sem apresentar nada de novo. Salvam-se poucos bons momentos, especialmente em faixas como "Tease Me Please Me" e "Hit Between The Eyes". O veneno perde sua força mortal, mas ainda escorre viscoso. C.P.

UK BLAK — Caron Wheeler (RCA/BMG-Ariola); **FIRE — Inner City** (10/EMI-Odeon)

O solo da ex-cantora do Soul II Soul traz nove produtores conceituados — dos *boss* do *dancehall* Steely & Clevie ao *Jungle Brother* Africa Baby Bam. Mas tudo isso para quê? Muito conversa bonita sobre consciência negra, ênfase na boa voz (excesso de "Ueeooaaeeh!") e drástica falta de pique e originalidade. Soul-funk-reggae malo. O Inner City, que tanto inovou em *Paradise*, seu estupendo primeiro LP, baixou um pouco a chama neste segundo. "Fire" e "That Man (He's All Mine)" são das boas: melodias soul-pop e bases tecnoglaciais. Outras, como "Till We Meet Again", embora bem-feitas, são meio acomodadas e previsíveis. C.R.

FLASHPOINT — Rolling Stones (Rolling Stones/Sony)

Aviso aos navegantes: morreu o disco ao vivo. Vida longa para o disco ao vivo. Antes criado para documentar a transformação de um artista no momento que é transportado do estúdio para o palco, agora o disco ao vivo é produzido mais como um souvenir de turnê, no geral uma recordação cujo valor equivale ao de uma camiseta que perde a cor na terceira lavada. O aspecto "revelação" das melhores gravações de shows, aqueles momentos em que o artista esgota ou transcende todas as possibilidades musicais de uma canção, isso praticamente não existe mais. A regra, agora, são os postais sonoros, que reavivam a memória de quem assistiu ao show ou alimentam as fantasias de quem não esteve lá.

Flashpoint é o quinto álbum ao vivo lançado pelos Stones, e o mais contraditório. Não induz ao sono como *Love You Live* (77), mas não tem o fogo de *Get Yer Ya-Ya's Out!* (70). Atinge picos de energia equivalente aos de *Got Live If You Want It* (66), mas impõe distância ao ouvinte. Faz você se sentir no fundo do estádio, quando a intenção deveria ser a contrária. É um souvenir das turnês *Steel Wheels* e *Urban Jungle* — e pouco mais que isso. Há repetições de músicas já (melhor) representadas em gravações ao vivo anteriores (oficiais e piratas), em detrimento de canções levadas para a estrada pela primeira vez e nunca antes disponíveis em versão *live* (onde foram parar "Undercover" e "Mixed Emotions"?). Mesmo assim, o disco é uma proposição entusiasmante: ele mostra o estágio atual de uma banda de rock que toca junto há trinta anos (por telepatia, a esta altura) e atesta a vitalidade dos Stones.

O melhor de *Flashpoint* são as novidades e as raridades — "Rock And A Hard Place", "Little Red Rooster" (com Eric Clapton solando), "Factory Girl" (pouco tocada em turnês) e "Paint It Black". Em complemento aos shows registrados no disco, os Stones incluíram duas faixas de estúdio: a superficial "Sex Drive" (um refogado de "Fingerprint File" e "Hey Negrita") e a ótima "High Wire". Esta última mostra que, enquanto os *politically correct* Sting e Sinead O'Connor calaram o bico, foram os velhotes que melhor cutucaram os mecanismos que geram guerras como a do Golfo Pérsico.

José Emílio Rondeau

NOMADS * INDIANS * SAINTS — Indigo Girls (Epic/Sony)

Emily Saliers e Amy Ray, as Indigo Girls, voltam à carga com seu country acústico de elaborados harmonias vocais. Se no álbum de estréia as garotas contaram com a mãozinha do R.E.M. inteiro, inclusive o produtor Scott Litt, o esquema se repete parcialmente neste segundo LP, com a presença de Peter Buck e do colaborador Peter Holsapple, reforçado por outros incrementos, como o baixo da ex-Gang Of Four Sara Lee e até uma sessão de cordas. Mas, infelizmente, a dupla não consegue repetir a inspiração das canções presentes em seu *debut*, apesar de louváveis exceções, como "Hammer And A Nail", "World Falls" e "Southland In The Springtime". C.P.

BONK — Big Pig (A&M/PolyGram)

Taí um bom exemplo da agilidade de nossas gravadoras. Lançado lá fora no início de 88, só agora o álbum de estréia deste sexteto australiano chega ao Brasil. Os porquês desta prática nem adianta perguntar. De qualquer modo, vale a pena averiguar o som do Big Pig, uma intrigante trama de polirritmos percussivos — três dos membros do grupo tocam bateria! —, em que o pop reina supremo. E há ainda a cantora Sherine, energizando os temas "Breakaway" e "Big Hotel". A.G.C.D.

I'M YOUR BABY TONIGHT — Whitney Houston (Arista/BMG-Ariola)

Não dá para ser parcimonioso com um projeto como este, que só reedita os maneirismos responsáveis pelas estrondosas vendagens dos dois primeiros LPs da cantora. Extremamente burocrático, digestivo e aclimatado para o gosto médio e testado, este é um disco que desperdiça a boa voz de Whitney, no qual nem mesmo se salvam as canjas de Stevie Wonder e Luther Vandross. L.C.G.

GREATEST HITS 1977/1990 — The Stranglers (Epic/Sony)

Sem lançamento nacional há dez inexplicáveis anos, eles mereciam muito mais do que este balanço (catorze faixas) de seu ascensão, apogeu e queda. Mas já é bem melhor que nada. Desde o proto-punk de "Peaches", *tour de force* dedicado aos seios das banhistas que lhes valeu o ódio das feministas e dos viadinhos ingleses, e do emblemático "No More Heroes", até a cover de "All Day And All Of The Night" (Kinks), eles mostram por que se converteram em uma das *cult bands* dos anos 80. E pau. A.A.

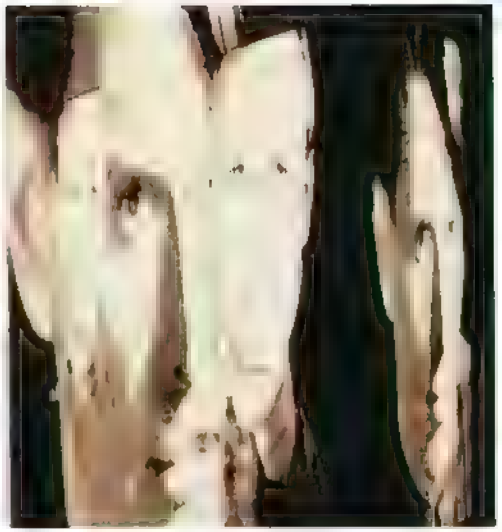
Vamos lá. Daqui em diante o tamanho desta seção irá diminuir, mas em compensação o conteúdo ficará melhor. Um início propício é o álbum **HEROES & FRIENDS (DUETS)** do *country singer* **Randy Travis**, lançado pela Warner/WEA. Já conhecido por aqui através de seu terceiro LP, *Old 8 X 10*, desta vez ele aparece cantando junto a velhos raposões (Willie Nelson, Kris Kristofferson e peruonas do estilo (Dolly Parton, Loretta Lynn), além de outras presenças insuitadas (B.B. King e, pasmem, Clint Eastwood!). O mais curioso, no entanto, é que dentro de saída tão sartida, o rapaz consegue manter a integridade e o despojamento de seu som. ● Continuando pelas sendas do country pop, há também os relançamentos de **ANTICIPATION** (71, segundo álbum de **Carly Simon** e **THE LONG RUN** (79), dos **Eagles** (ambos Elektra/WEA). O da cantora é bem recomendável aos adeptos de seu estilo sott, por focalizá-la em sua melhor fase, mas o disco do quinteto californiano não passa de uma pálida tentativa em repetir o esquema manjado que os consagrou no LP anterior, *Hotel California*, de 76. A única ressalva fica na presença da guitarra de Joe Walsh, aqui mais esperta. Já o pop pegajoso de **Seals & Crofts** – aqueles de "Summer Breeze" — aparece em um **GREATEST HITS** (Warner/WEA) que, além da dita cuja, recorre a mais nove sucessos do duo texano. ● Dois álbuns gravados ao vivo por independentes nacionais merecem menção pois, apesar de pecarem um bocado pela qualidade técnica, conseguem transmitir bem a emoção de seus registros. **RUBI** (Devil), de **Ednardo**, traz um desfile de músicas do compositor de "Pavão Mysterioso" registrados no Tuca (SP). A faixa-título e o chorinho "É Cara De Pau" provam que seu trabalho ainda desperta mais interesse que o de outras figuras do chamado "Pessoal do Ceará", como Fagner e Belchior. Mas o destaque vai mesmo para **CANTANDO COM A PLATÉIA** (*). O disco apresenta *takes* de shows que o recem-valorizado (antes tarde do que nunca) **Tom Zé** fez com o ex-Bedengó **Gereba** pelo projeto *Adoniram Barbosa*, no Teatro Caetano de Campos (SP). No farto dos violões com o público, momentos impagáveis como "Se O Caso É Chorar" — onde ele explica literalmente como compôs a música, através das colagens com versos e harmonias de canções alheias — e, "Neto (do Corinthians)" uma homenagem ao craque que é arrematada com o "Frevo Do B..." de Jackson do Pandeiro. É bom lembrar ao David Byrne de reservar um exemplar. *CELSO PUCCI*

GRAVADORAS INDEPENDENTES: [illegible]
(Vitória Régia — R. Vitória Régia, 165, Rio de Janeiro, RJ, (021) 437-84[illegible])

POR AQUI, O DISCO É SÓ DIGITAL

Prática já comum em países onde o som digital está mais disseminado, as edições exclusivas em CD, por aqui, ainda são minguadas. Excetuando-se a gravadora portuguesa Movieplay — com um vasto catálogo que vai de raridades do blues, soul e rock'n'roll até a música clássica, mas comportando também muito *muzak* —, esta especie de edição no Brasil anda muito restrita. O que é uma pena, visto que o CD possibilita melhor qualidade de reprodução e maior tempo de som gravado, vantagens que aparentemente estão sendo desprezadas pelas gravadoras em seus lançamentos nacionais (com exceções para os raros discos adicionados de *bonus tracks*).

Em meados de 89, a BMG-Ariola saiu-se com um pacote de dez CDs do selo Private Music, especializado em *new age* (ver B ZZ 47), apenas para os convictos do gênero. No ano passado foi a vez da Stiletto nesse campo, editando três discos do selo Grand: **THE WHITE ARCADES**, de **Harold Budd**, **BETWEEN TIDES**, de **Roger Eno** e a coletânea **MUSIC FOR FILMS III**. Agora, a mesma gravadora lança-se também no terreno do pop sofisticado, com um CD exclusivo do selo Opal: **WRONG WAY UP**, a magnífica colaboração entre **Brian Eno** e **John Cale**.



À direita, detalhe no encarte do CD *Wrong Way Up*, de Brian Eno e John Cale

ALGO MAIS SOBRE O ROCK IN CD

No suplemento especial de CD, encartado junto à última edição de B ZZ, existem algumas retificações e adendos a fazer. Em primeiro lugar, a Microservice não é a única fabricante de CDs no mercado brasileiro desde o fim do ano passado, quando a VAT — empresa sediada em Manaus que até então trabalhava com fitas de áudio e vídeo — começou a fazê-los também, respondendo atualmente por 5% da produção nacional. Além disso, a Sony estará em breve instalando-se para editar seus próprios CDs por aqui.

Quanto aos títulos listados, devem ser acrescentados alguns que ainda não estavam disponíveis na época do fechamento daquela edição. São três discos de **Prince** — **FOR YOU** (78), **1999** (82) e **AROUND THE WORLD IN A DAY** (85), todos Paisley Park/WEA —, o CD duplo **REMASTERS** (Atlantic/WEA) do **Led Zeppelin**, **RAGGED GLORY** (Reprise/WEA), de **Neil Young** e a compilação **WALK ON THE WILD SIDE (THE BEST OF LOU REED)** lançada já em vinil e reeditada em CD pela RCA/BMG-Ariola.

Entre os nomes citados naquele suplemento, ficaram de fora o guitarrista **Gary Moore** com seu **STILL GOT THE BLUES**, um álbum ao vivo dos **Simple Minds** (**LIVE IN THE CITY OF LIGHTS**), uma coletânea do grupo tecnopop **Orchestral Manoeuvres In The Dark (THE BEST OF OMD)** — todos discos Virgin/EMI-Odeon — e o álbum de estréia do **Deee-Lite**, **WORLD CLIQUE** (Elektra/WEA).

VOZES DO BRASIL

Alguns importantes discos nacionais vêm merecendo suas edições em CD. É o caso de **Caetano Veloso**, por exemplo, que teve sua discografia completa de 28 discos — entre álbuns individuais ou ao lado de outros nomes da MPB e coletâneas — transposta para o som digital, pela Philips/PolyGram. A mesma gravadora também resgata o antológico **PÉROLA NEGRA** (72), de **Luiz Melodia**, bem como **MANERA, FRU-FRU, MANERA** (73), disco dos tempos em que a chorosa-voz de **Fagner** ainda tinha algo a dizer. Outro lançamento oportuno é a versão digital do álbum de estréia homônimo dos **Secos & Molhados** (73), que surge via Continental.

SOM NA CAIXA

Robert Johnson, Marvin Gaye, Jimi Hendrix, The Byrds e Led Zeppelin estão entre aqueles que foram recentemente homenageados com caixas de CDs, com um saboroso apanhado de suas respectivas obras. Agora, outra companhia ilustre junta-se a esta turma. Trata-se de **THE COMPLETE STAX/VOLT SINGLES COLLECTION: 1959 - 1968**, simplesmente uma caixa de nove CDs que reúne o melhor da produção do lendário selo de Memphis em seu período áureo, em faixas de **Sam And Dave**, **Otis Redding**, **Wilson Pickett**, **Eddie Floyd** e outros tantos nomes magníficos do *cast* que celebrizou a gravadora. Uma pergunta: será que, um dia, algumas destas maravilhas aportarão por aqui?

CELSO PUCCI

As incursões no universo da "realidade virtual" já contam com a trilha sonora ideal **IN DUB** (Mute), álbum duplo — ou CD simples — urdido pelo trio londrino **Renegade Soundwave**. Traz dez temas instrumentais e extralongos que turvam a consciência por meio de linhas paquidérmicas de baixo, emissões elétro e ensaios dispersos capazes de fazer o Cabaret Voltaire atual soar como um clone do Insoc. Destinos de primeira ordem o samba digital "Bacteno", que envolve cuíca, cavaquinho e surdo (!) numa levada mântrica, o info-reggae "Black Eyed Boy" e "Holgertron", um orgasmo auricular em parceria com Holger Hiller (ex-Palais Schaumburg).

Tendo estreado há dois anos com um LP homônimo pela SST, o trio de Boston **Buffalo Tom** volta à carga com **BIRDBRAIN**, agora pela Beggar's Banquet. Para se ter uma idéia de sua sonoridade, basta dizer que o grupo está para os anos 90 assim como o Hüsker Dü esteve para o *noisecore* dos 80. No duvido, guitarras empoeiradas, melodias formuladas pelo instinto e regurgitações dos cristes meio de Neil Young tratam de pôr os pingos nos is.

Após a *trip* solo de Sonic Boom e do evangelho narcotizante do Spiritualized, **The Dark Side** constitui o mais recente dissidência do Spacemen 3. Comandado por Will "Bassman", o trio fez de seu *debut*, o álbum **ALL THAT NOISE** (Situation Two), uma estranha incursão pelos mais remotos rincões da psicodelia. Afora a dose cavalar de pedais que chapa o instrumental "Guitar Voodoo", ainda há o vaporosa "Waiting For The Angels" e a influência *floydiana* em "Love In A Burning Universe".

ARTHUR G. COUTO DUARTE

É sempre desconfiar que a principal cabeça pensante por trás do som industrial do Einstuerzende Neubauten fosse a do batedor-de-latas **F.M. Einheit**, e não a do aparecida Blixa. Isso graças à audição de trabalhos magníficos e anteriores, como *Der Western Ist Einsan*, dos Abwarts, em que Einheit pontificava nos teclados e percussão, já ao lado da baixista Marc Chung. Pois com **STEIN**, LP solo dele (Out Charge/Rough Trade), a impressão se transforma em certeza. Combinando materia "de encomenda" para teatro, balé e cinema com faixas novas (incluindo participações de Blixa e Diamanda Galas), o álbum abre com a canção-manifesto "Educação", cantada por uma garota em português de Portugal (segundo o Miranda, parece Einstuerzende com vocais de Paula Toller). Uma pedrada.

ALEX ANTUNES

John Zorn sempre foi "cabeça" juramentado. Com o **Naked City** andou amsicando o agrador malucos do calibre de Mike Patton (Faith No More), que citou o disco de estréia do grupo entre seus dez prediletos. Agora, o novo álbum de Zorn e sua turma (leia-se Bill Frisell, Wayne Horvitz, Fred Frith e Joey Baron) é realmente de entortar o cérebro e dar nos neurônios. As 42 minúsculas faixas de **TORTURE GARDEN** (Earache) — apropriadamente prensados para o uso em 45 RPM — atestam que Zorn mergulhou de cabeça no zoeira sonica. Uma mistura de jazz de restaurante surrealista com sons de galinhas e porcos batidos vivos num liquidificador. Sadomasoquismo em todos os sentidos, no mais legítimo jazz dos anos 90. Miles Davis, se ouvisse, morreria do coração.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

Uma banda de garotas vindas de Minneapolis que mistura os ruídos de um Sonic Youth com o pique frenético das extintas Slits. Assim são os **Babes In Toyland**, que no LP **SPANKING MACHINE** (Twin Tone) mostram por que já foram elogiadas por tanta gente que entende do assunto. Caíram até nos graços do DJ John Peel, que as executou em todos os seus programas por um bom tempo (especialmente sua predileta, "He's My Thing").

KID VINIL

Stamp ano 07

CAMISETA - BLUSÕES - JAQUETAS
MANGA CURTA E LONGA — DE MOLETON — ESTAMPA NAS COSTAS

100% ALGODÃO — MALHA MERCERIZADA — TAMANHOS P,M,G
CONFECÇÃO PRÓPRIA — MODELAGEM GRANDE
RECEBA PELO CORREIO
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
TEL.: (011) 299-7478 — HORÁRIO: 2ª A 6ª DAS 8:00 ÀS 17:30 HS.

PREÇOS
MANGA CURTA (MC) Cr$ 5.500,00
MANGA LONGA (ML) Cr$ 7.000,00
BLUSÃO (MT) Cr$ 10.000,00
JAQUETA (JQ) Cr$ 14.000,00
VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA BIZZ

ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO

ENTREGA URGENTE — SEDEX
— Você receberá um aviso do Correio para retirar seu pedido na agência mais próxima de sua casa num prazo de cinco dias, senão a encomenda será devolvida.
— A despesa postal será paga pelo cliente na retirada do pedido.
— O preço do Sedex varia de acordo com o peso da encomenda e localidade.
— O pedido será entregue num prazo de 24 a 48 horas após nossa postagem.
— Todas estampas estão disponíveis nos quatro modelos, Camiseta Manga Curta (MC), Manga Longa (ML), Blusão (MT) e Jaqueta (JQ).

ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ OU VALE POSTAL ☐
NO VALOR DE

REF.	TAM.	MOD.	REF.	TAM.	MOD.

NOME
END.
CEP CID. EST
ASSINATURA.
R.G. TEL.
Envie este cupom ou cópia p/ Stamp: Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156
CEP 02013 — São Paulo — SP

LETRAS

CANTE TUA VIDA

Sing your life
any fool can think up
words that rhyme
many others do
why don't you?
do you want to?
sing your life
[illegible] the microphone
[illegible] name
all the things that you love
all the things that you loathe
sing your life
all the things that you love
all the things that you loathe
oh sing your life (2x)

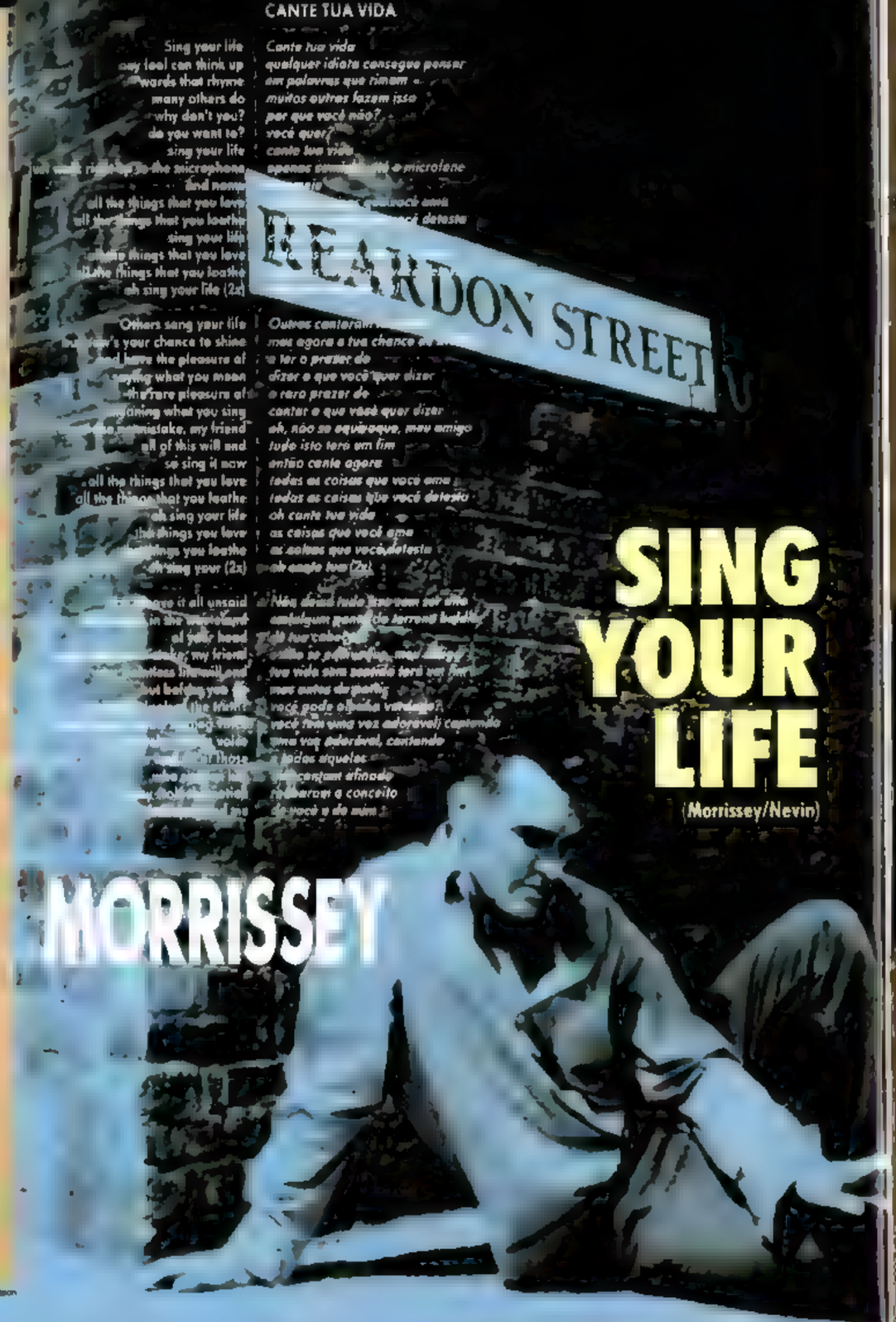
Others sang your life
now's your chance to shine
and have the pleasure of
saying what you mean
and the pure pleasure of
meaning what you sing
no mistake, my friend
all of this will end
so sing it now
all the things that you love
all the things that you loathe
oh sing your life
all the things you love
all the things you loathe
oh sing your (2x)

[illegible] it all unsaid
in the wasteland
of your head
my friend
[illegible]
but before you [illegible]
(the world)
[illegible]
[illegible]

Cante tua vida
qualquer idiota consegue pensar
em palavras que rimem
muitos outros fazem isso
por que você não?
você quer?
cante tua vida
apenas [illegible] o microfone
[illegible]
[illegible] nome
[illegible] você detesta

Outros cantaram
mas agora a tua chance de [illegible]
e ter o prazer de
dizer o que você quer dizer
e raro prazer de
cantar o que você quer dizer
oh, não se equivoque, meu amigo
tudo isto terá um fim
então cante agora
todas as coisas que você ama
todas as coisas que você detesta
oh cante tua vida
as coisas que você ama
as coisas que você detesta
oh cante tua (2x)

Não deixe tudo [illegible] em vão
ninguém ganha [illegible]
[illegible]
[illegible]
sua vida sem sentido terá um fim
mas antes de partir
você pode olhar [illegible]
você teve uma vez adorável cantando
uma vez detestável, contando
a todos aqueles
[illegible] cantam afinado
[illegible] o conceito
de você e de mim



Emi-Odeon

© Bona Retations Ltd Warner Chappell Music Ltd (Direitos cedidos para o Brasil à Warner Chappell Edições Musicais Ltda.)

BIZZ SHOPPING

DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS

VIDEOS ROCK
DOORS
JIM MORRISON
MADONNA
R.E.M.
Clips Banco Music
Mais VHS importadas
[illegible] p/todo o Brasil (SEDEX)
DISC MUSIC VIDEO
Caixa Postal 3.070 - São Paulo - CEP 01060
Fone (011) 298 2899 das 12 as 21 horas

LONDON CALLING
DISCOS E CD's
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA E EUROPA
DANCE-MUSIC- ROCK - NEW BEAT- POP- ETC...
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO PAÍS
FONE: (011) 223-5584
APOIO TRANSAMERICA
R. 24 DE MAIO Nº 116 — RUA ALTA — LOJA 15
CEP. 01041 — CENTRO — SP

UpDance Music
DISCOS & CDs
A loja de discos, acessórios, CDs e equipamentos importados (Technics MKII-1200, phones - Sony & Aiwa, cápsulas - Stanton & Sure, telão e projetor de alta definição e muito mais).
Importação e exportação. Remetemos para todo o Brasil.
Up Dance Music Rua 24 de Maio, 116 - Rua Alta, loja 37 - São Paulo - S.P. - Telefax (5011) 222.1689

Vendas por reembolso postal GANG

Você não precisa ir a melhor loja de instrumentos musicais para fazer suas compras.
Envie suas correspondências para a Caixa postal 41508 cep 05499 e receba grátis o catálogo GANG de instrumentos e acessórios nacionais e importados.
Fone: (011) 853-1728 ou 581-7519.

BIZZ
A revista Bizz atinge 658.000 leitores (Pesquisa Marplan).
Faixa etária de 15 a 19 anos - 63%
de 20 a 29 anos - 30%
Classe A B - 58%
Sexo Masculino - 51%
Sexo Feminino - 49%
Para anunciar seu produto ou serviço em INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS ligue para (011) 211-7866 r. 224 Editora Azul.

Studio Tan Compact Disc
LOCAÇÃO
- Mais de 6.000 títulos de todos os gêneros musicais (Sepultura, Jesus Jones, Fields of the Nephilin-Live, James, Paul Mc Cartney-Box, Faith No More-Live, Mr Big-Live, The Farm, Soft Cell, Captain Beyond, Metallica-Live, etc.)

VENDA
- Trabalhamos com todos os mercados (Japão, Europa, Estados Unidos, etc.)
- Coletânea Melody Maker, Deep Purple - Last Concert in Japan, Grand Funk - Live, Faces, Cactus, Atomic Rooster, e muito mais raridades.
- Aceitamos encomendas de todo país.
- Entregamos no local para São Paulo e Grande São Paulo.

Fique por dentro dos nossos lançamentos em primeira mão nos programas STUDIO TAN na BRASIL 2000 107,3 FM-SP aos Sábados às 14:00h e nas Segundas às 23:00h.

Apresentando este anúncio você ganha 70% na locação (taxa de inscrição)

Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1220 - Jdim. Paulista
São Paulo - Cep 01403 - Fone (011) 887-9082 - Fax (011) 887-6807

PARADA

Jorge Rosenberg

CONVENÇÕES

(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

Leitor! Sua participação é importante! Escreva para BIZZ — Parada Dos Leitores (Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05478, São Paulo, SP) dizendo quais os discos que você comprou este mês. Se possível acrescente seu telefone, para que voltemos a consultá-lo quando necessário

LEITORES

1	*The Real Thing* (1) **Faith No More** PolyGram
2	*Hack* (5) **Information Society** Stiletto
3	*East Of The Sun* (R) **A-ha** WEA
4	*Appetite For Destruction* (6) **Guns N'Roses** BMG-Ariola
5	*O Papa É Pop* (3) **Engenheiros do Hawaii** BMG-Ariola
6	*GN'R Lies* (14) **Guns N'Roses** BMG-Ariola
7	*The Immaculate Collection* (17) [illegible] WEA
8	*Violator* (4) **Depeche Mode** WEA
9	*Behaviour* (9) **Pet Shop Boys** EMI-Odeon
10	*As Quatro Estações* (R) **Legião Urbana** EMI-Odeon
11	*X* (2) [illegible] PolyGram
12	*Blaze Of Glory* (11) **Jon Bon Jovi** [illegible]
13	*Mixed Up* **Cure** PolyGram
14	*Arise* (7) **Sepultura** Eldorado
15	*I Do Not Want* **Sinead O'Connor** EMI-Odeon
16	*No More Games* (8) **New Kids On The Block** Sony
17	*Shut Up And Dance* (R) **Paula Abdul** EMI-Odeon
18	*World Clique* (15) **Deee-Lite** WEA
19	*The Wall (Live In Berlin)* **Vários** Sony
20	*SLA Radical...* (R) **Fernanda Abreu** EMI-Odeon

Lojas consultadas: Canhão Negro e Cogumelo Discos (...), Pop Som e Casa Coelho (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba)

LOJAS

1	*The Real Thing* (1) **Faith No More** PolyGram
2	*Mais* (N) **Marisa Monte** EMI-Odeon
3	*MCMXC AD* (N) **Enigma** EMI-Odeon
4	*João* (N) **João Gilberto** PolyGram
5	*Arise* (3) **Sepultura** [illegible]
6	*Appetite For Destruction* (2) **Guns N'Roses** BMG-Ariola
7	*GN'R Lies* (5) **Guns N'Roses** BMG-Ariola
8	*LoveGod* (10) **Soup Dragons** PolyGram
9	*Serious Hits Live* (18) [illegible] WEA
10	*Pills N'Thrills And Bellyaches* (N) **Happy Mondays** PolyGram
11	*Seasons In The Abyss* (7) **Slayer** PolyGram
12	*Skid Row* (10) **Skid Row** WEA
13	*Blaze Of Glory* (R) **Jon Bon Jovi** PolyGram
14	*Kill Uncle* (N) **Morrissey** EMI-Odeon
15	*Anarkophobia* (15) **Ratos De Porão** Eldorado
16	*Time's Up* (4) **Living Colour** [illegible]
17	*Crazy World* (N) **Scorpions** PolyGram
18	*Ghost (Trilha Sonora)* (6) **Maurice Jarre** BMG-Ariola
19	*The Immaculate Collection* (R) [illegible] [illegible]
20	*Behaviour* (R) **Pet Shop Boys** EMI-Odeon

LPs (EUA)

1 (1) **Mariah Carey** (Columbia)
2 (9) *Gonna Make You Sweat* – **C+C Music Factory** (Columbia)
3 (2) *The Soul Cages* – **Sting** (A&M)
4 (N) *Heart Shaped World* – **Chris Isaak** (Reprise)
5 (7) *Shake Your Money Maker* – **Black Crowes** (Geffen)
6 (N) *Out Of Time* – **R.E.M.** (Warner Bros.)
7 (R) **Wilson Phillips** (SBK)
8 (3) *I'm Your Baby Tonight* – **Whitney Houston** (Arista)
9 (5) *Into The Light* – **Gloria Estefan** (Epic)
10 (4) *To The Extreme* – **Vanilla Ice** (SBK)

LPs (GB)

1 (N) *Greatest Hits* – **Eurythmics** (RCA)
2 (N) *Out Of Time* – **R.E.M.** (Warner Bros.)
3 (N) *The Complete Picture...* – **Deborah Harry And Blondie** (Chrysalis)
4 (6) *Auberge* – **Chris Rea** (Magnet)
5 (N) *Vagabond Heart* – **Rod Stewart** (Warner Bros.)
6 (N) *Inspector Morse...* – **Barrington Pheloung** (Virgin)
7 (N) *Joyride* – **Roxette** (EMI)
8 (N) *Spartacus* – **Farm** (Produce)
9 (5) *Listen Without Prejudice Vol. 1* – **George Michael** (Epic)
10 (N) *Mixed Up* – **Cure** (Fiction)

LPs Independentes (GB)

1 (N) *Spartacus* – **Farm** (Produce)
2 (N) *The White Room* – **KLF** (KLF Communications)
3 (N) *Strange Free...* – **Kitchens Of Distinction** (One Little Indian)
4 (N) *Ploughd* – **Butthole Surfers** (Rough Trade)
5 (2) *30 Something* – **Carter TUSM** (Rough Trade)
6 (1) *The Real Ramona* – **Throwing Muses** (4 AD)
7 (4) *Recurring* – **Spacemen 3** (Fire)
8 (N) *8 Way Santa* – **Tad** (Sub Pop)
9 (9) *Pills N'Thrills And Bellyaches* – **Happy Mondays** (Factory)
10 (N) *Arise* – **Sepultura** (Roadracer)

Compactos (EUA)

1 (N) "I've Been Thinking About You" — **Londonbeat** (Radioactive)
2 (N) "You're In Love" — **Wilson Phillips** (SBK)
3 (7) "Coming Out Of The Dark" — **Gloria Estefan** (Epic)
4 (N) "Hold You Tight" — **Tara Kemp** (Giant)
5 (N) "Baby Baby" — **Amy Grant** (A&M)
6 (2) "One More Try" — **Timmy T.** (Quality)
7 (N) "Sadeness Part I" — **Enigma** (Charisma)
8 (N) "Joyride" — **Roxette** (EMI)
9 (9) "This House" — **Tracie Spencer** (Capitol)
10 (N) "Rico Suave" — **Gerardo** (Interscope)

Compactos (GB)

1 (N) "The One And Only" — **Chesney Hawkes** (Chrysalis)
2 (N) "Sit Down" — **James** (Fontana)
3 (N) "Rhythm Of My Heart" — **Rod Stewart** (Warner Bros.)
4 (N) "Secret Love" — **Bee Gees** (Warner Bros.)
5 (N) "Where The Streets..." — **Pet Shop Boys** (Parlophone)
6 (N) "The Whole Of The Moon" — **Waterboys** (Ensign)
7 (N) "Love And Kisses" — **Dannii Minogue** (MCA)
8 (N) "Joyride" — **Roxette** (EMI)
9 (N) "Snap Megamix" — **Snap** (Arista)
10 (N) "Let There Be Love" — **Simple Minds** (Virgin)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) "Blindfold" — **Curve** (Anxious)
2 (N) "Caravan" — **Inspiral Carpets** (Mute)
3 (9) "Loose Fit" — **Happy Mondays** (Factory)
4 (N) "Today Forever" — **Ride** (Creation)
5 (N) "Pearl" — **Chapterhouse** (Dedication)
6 (N) "Moose" — **Moose** (Hut)
7 (N) "Hyperreal" — **Shamen** (One Little Indian)
8 (4) "Over Rising" — **Charlatans** (Situation Two)
9 (N) "Playing With Knives" — **Bizarre Inc** (Vinyl Solution)
10 (N) "Happy" — **Ned's Atomic Dustbin** (Furtive)

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), Melody Maker e New Musical Express (GB) de 16.03.91 a 20.04.91 ... Para a Parada Dos Leitores, foram considerados as cartas recebidas até 8.04.9...

O VENENO DO ROCK

Na revista Letras Traduzidas deste mês você vai conferir o que o Poison diz tem veneno como o nome deles sugere? Vai ver se a sensualidade da Madonna também está nas letras, e curtir mais uma do Bon Jovi. Tem ainda Sinéad O'Connor, Phil Collins, A-Ha, Betty Boo, Soup Dragons, DuranDuran, Gary Moore, Nikka Costa e outros astros quentíssimos. Tudo pra você entender o que eles cantam e saber qual é.

BIZZ LETRAS TRADUZIDAS
O ROCK FALANDO NOSSA LÍNGUA.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

CARTAS

MARISA MONTE

Puxa! Sinceramente, fiquei chocada ao ler a matéria sobre a Marisa Monte. Não pensei que a BIZZ, uma revista tão legal, fosse dar espaço para uma coisa tão mesquinha.

Denise de Cesaro, Planalto, RS

Magnífica, única! Somente com essas palavras consigo definir a reportagem com a Marisa Monte!!

Alexandre Nimoniya,
Rio de Janeiro, RJ

Quando vi a Marisa Monte na capa não acreditei. Li a matéria do babaca do Forastieri e pensei: deve ser um puta disco. Que nada, é a mesma merda que foi o primeiro! A Marisa é para a velharia, e a maioria dos que lêem a BIZZ são jovens.

Kassius Silveira,
Caxias do Sul, RS

Essa matéria mostrou uma Marisa diferente. A imagem que eu tinha era a de uma perua, mas agora... Valeu, André.

Eufália Lima, Maceió, AL

Sr. André Forastieri, se o senhor estava a fim de ver o Sepultura, por que resolveu entrevistar a Marisa? Das cinco páginas, três são de fotos, e uma de um crítico da *Folha De S.Paulo*. Será que ela notou que o senhor não estava interessado, resolveu dizer três frases e tudo bem?

Ernani Correia, Porto Velho, RO

Sr. Forastieri, você tem um espírito crítico muito aguçado. Parabéns pela maravilhosa entrevista com a cantorissima Marisa Monte.

Gustavo Regis,
Rio de Janeiro, RJ

Marisa Monte na capa da BIZZ? É o máximo! Só que André Forastieri acabou caindo em contradição, e mostrou o quanto é incoerente. Na BIZZ 60, disse, na crítica ao LP de Adriana Calcanhoto: "É um monumento à mediocridade dos tempos e ao poder da Rede Globo que peruas sem talento como Marisa Monte e Adriana façam algum sucesso". Até que enfim você caiu em sua própria armadilha.

Luis Geraldo, Pindamonhangaba, SP

Gostaria de elogiar as excelentes reportagens, principalmente aquela com a gatérrima Marisa Monte.

Domingos Sávio, Brasília, DF

Essa foi a melhor edição da BIZZ em um ano. Adorei o "Encontro De Titãs". Outro assunto: Marisa Monte. Foi de grandiosissimo bom alvitre a reportagem.

Alessandro Victória,
Campo Grande, MS

Na BIZZ 60, vocês chamaram Marisa Monte de "perua sem talento". Agora vocês colocam ela na capa? Essa ficou mal explicada.

Diego Caletti, Porto Alegre, RS

Ao folhear uma edição da BIZZ, deparei-me com a seguinte frase: "É um monumento à mediocridade etc. etc." Algumas edições mais tarde, leio os adjetivos "inteligente e articulada", referindo-se a Marisa, e vejo que estas opiniões foram proferidas pelo mesmo crítico: sua majestade André Forastieri. Trata-se do cúmulo da hipocrisia desmedida ou o quê? Ou ele é extremamente volúvel ou segue impulsos não muito honrosos na tentativa de ganhar Ibope.

Jorge Fernandes, Rio de Janeiro, RJ

Sua majestade André Forastieri responde: Primeiro, *gracias* aos que me elogiam — *I love you all*. Basicamente: eu achava que Marisa era uma perua sem talento. Depois de conhecê-la, mudei de opinião. Sou incoerente e volúvel mesmo. Ao Jorge Fernandes: "impulsos não muito honrosos"? Você deve estar brincando. Com a minha reputação de porralouca, alguém aí tem a menor dúvida de que eu detonaria a Marisa se achasse que ela merecia?

ROCK IN RIO II, A COBERTURA

Foi uma grande decepção ver na BIZZ uma matéria superficial e pobre sobre o festival.

Carlos André Chaves,
Rio de Janeiro, RJ

Parabenizo o bom senso e a objetividade de André Forastieri na reportagem sobre o Rock In Rio.

Alexei Ferreira, São Paulo, SP

Com relação ao artigo "O Rock In Rio Que Ninguém Viu", venho elogiar a crítica construtiva e oportuna de André Forastieri.

Jocenir Santos, Feira de Santana, BA

Fiquei muito satisfeita ao ler o parecer de André Forastieri sobre o Faith No More. Até que enfim reconheceram as verdadeiras estrelas do rock.

Michelle Teixeira,
Passo Fundo, RS

Parabenizo o André Forastieri pelo belo comentário que fez sobre o Faith No More.

Danilo Veiga, Vitória da Conquista, BA

Achei ótimo o ponto de vista do sr. André sobre o Faith No More. Acho que eles foram muito melhores do que os Guns N'Roses.

Galva Assis, Mauá, SP

Adorei a excelente crítica a respeito do show do Faith No More. O grupo é realmente "o futuro do rock'n'roll". (...)

Patricia Pontes, Rio de Janeiro, RJ

Coberturazinha mixuruca essa que vocês fizeram do Rock In Rio, hein? Cruzes!!! Poucas páginas, com destaque só para alguns artistas. O que foi isso? Economia de papel?

Rosilane Malvina, Rio de Janeiro, RJ

Com certeza, a melhor matéria da BIZZ de março é a do Rock In Rio, curta e correta. O Sr. André Forastieri falou pouco, mas falou tudo.

Rinaldo Ribeiro, Santa Rosa, GO

Foi realmente lamentável a cobertura do Rock In Rio II na única revista brasileira especializada em música. Dar apenas seis páginas ao festival é revoltante.

Luis Augusto Nero, Assis, SP

Ótima a crítica de André Forastieri ao Rock In Rio II e a sua organização. Só quem estava lá, como eu, viu o estado de miséria do Maracanã.

Juliana Guerra, Varginha, MG

DANCE MUSIC

Sobre a coluna *Dance Music* desse tal Camilo Gay Rocha, tenho uma sugestão: por que você e seus DJs não abrem uma danceteria e não se tocam que não estão com nada?

Romualdo V. de Souza,
Curitiba, PR

Gostaria de fazer uma sugestão sobre a coluna *Dance Music*: acabem com ela! É, acabem para fazer uma revista inteira sobre dance music, house, tecnopop etc.

João Gustavo Garcia,
Curitiba, PR

Prezado Camilo G. Rocha, escrevo para parabenizá-lo por sua coluna. É a melhor da revista BIZZ.

Marcos Iurato, São Paulo, SP

Acho a seção *Dance Music* ótima, e quanto maior melhor. A dance music chegou para ficar. Não adianta negá-la, pois sua presença é marcante e evidente. Rock também é bom, mas não é tudo.

Juliano Nobrega, Fã Clube dos Dancemaniacos Solitários,
Rua José Maria Lisboa, 1349/11, CEP 01423, São Paulo, SP

Resolvemos escrever esta carta após lermos na seção *Dance Music* — na nossa opinião a mais fraca — que a música "I Still Haven't Found...", do U2, "outrora tediosa", tornou-se uma maravilha na versão de um grupelho escocês chamado Chimes. É uma tremenda falta de respeito com essa música, considerada um hino da juventude dos anos 80.

A. Cesar, Ibiporã, PR

Se, daqui a algum tempo, explodir o movimento sertanejo e Leandro e Leonardo gravarem "I Still...", vocês vão achar a versão do Chimes "tediosa". Tudo bem que vocês queiram seguir as modas, mas um pouco de personalidade não faz mal a ninguém.

Daniela Sylvestre, São Paulo, SP

Camilo Rocha responde: 1) Sinto, mas o U2 não lança nada decente desde "Pride". "I Still...", um hino? Vocês cantam na escola, com a mão no peito, hasteando a bandeira? Até o Bono achou a versão do Chimes melhor. 2) Romualdo: E se eu mantivesse o baixo nível e sugerisse um significado para o "V" do seu nome? Difamação não, rapaz! Aos tribunais. Aguarde a intimação judicial. 3) Aos elogios, obrigado pela força.

PEDIDO DE DESCULPAS

Fomos bastante infelizes numa declaração referente à produção dos dois últimos LPs, em meio à entrevista para a matéria sobre a história dos Paralamas. Na verdade, Carlos Savalla é um dos melhores engenheiros de som do país (especialmente em shows), nosso colaborador fiel, e está empenhado no trabalho do próximo LP dos Paralamas, a sair em setembro. Onde dissemos "ausência de produtor", leia-se inexperiência e ansiedade da própria banda. Ainda temos muito a aprender e melhorar. Desculpa, Savalla! Aproveitamos para agradecer a revista pelo espaço que nos deu e pela força ao longo destes anos. Beijos aos fãs. *See you all in september!*

Herbert Vianna,
Os Paralamas Do Sucesso

ERRAMOS

Alguns erros cometidos nas Fichas do Rock: 1) Police — Andy Summers não toca em **Animal Logic**, e Stewart Copeland tem mais dois LPs (**The Equalizer & Other Cliff Hangers**, de 88, e **Music Madness From The Kinetic Kid**, de 80, sob o pseudônimo de Klark Kent); 2) Beatles — o nome de Ringo é Richard Starkey, sem o Junior; 3) Kid Abelha — "Amanhã É 23" é faixa de **Tomate**, e não de **Kid**; 4) Iron Maiden — o nome do vocalista é Paul Di'Anno, e não Paul D'Ianno. Os erros foram apontados pelos leitores Marcelo dos Santos (Itajaí, SC), Marcos Mendes (Ponta Grossa, PR) e Francisco Lima (Recife, PE).
Na BIZZ 69, as fotos da matéria sobre os Pin Ups saíram sem os créditos. São eles: Márcio "Japonês" Jumpei (foto grande) e Chiquinho (destaque).
Na mesma edição, o ano de formação do Judas Priest saiu errado, por um erro de digitação. O correto é 1973.

FÃ-CLUBES

A-ha *Touchy A-ha Fã-Clube*, Rua Mongólia, 5, CEP 06700, Cotia — SP

Capital Inicial *Fã-Clube Gritos*, Rua Francisco Valle, 78, CEP 21370, Rio de Janeiro — RJ

Cure *Cure — Brasil Fã-Clube*, A/C Patrícia, Q.S.C. 14, Casa 5, CEP 72000, Brasília — DF

Engenheiros Do Hawaii *Fã-Clube Oficial*, Rua Ponta Grossa, 94, CEP 80310, Curitiba — PR

Engenheiros *Fã-Clube Bitolado*, A/C Fábio, Avenida Santa Cruz, 833/102, CEP 21710, Rio de Janeiro — RJ

Engenheiros *Gigantes Engenheiros*, Rua 10, Lote 15, Quadra 22, CEP 74555, Goiânia — GO

Engenheiros *Fã-Clube Alívio & Mídia*, Rua dos Psicólogos, 310, CEP 30810, Belo Horizonte — MG

Front 242 *Electronic Music Front 242*, A/C Robson, Rua Padre José Maternì, 390, CEP 02836, São Paulo — SP

Guns N'Roses *Hidden Power Guns N'Roses Fan Club*, Rua Edgard Stelfeld, 1485, CEP 82520, Curitiba — PR

Guns N'Roses *Guns N'Roses Lies*, Rua Goiânia, 361, CEP 06700, Cotia — SP

Joy Division e New Order *New Division*, Praça do Entroncamento, 50/902, CEP 52011, Recife — PE

Kid Abelha *Fã-Clube Kid Abelha Todo Nosso Ouro*, Rua Victor Meirelles, 167, CEP 09960, Diadema — SP

Madonna *I'm Crazy For You Madonna*, Rua Oliveira Ribeiro, 1086, CEP 21810, Rio de Janeiro — RJ

Skid Row *The Youth Gone Wild Fan Club*, A/C Mariane Bach, Avenida Sgt. Manoel R. Soares, 250, CEP 91500, Porto Alegre — RS

Titãs *Ó Blésq Blom Fã-Clube Oficial Titãs*, Rua João Gurgel, 2210, CEP 14800, Araraquara — SP

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457. TEL. (011) 211-7866. Telegramas: Editabril Abril-press

Rio de Janeiro
Rua da Passagem, 123, 8.º andar CEP 22290. Fone: (021) 546-8282. RJ. Telex 2122674 EDAB BR

Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone (213)474-7851

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE

Belo Horizonte: M. A. M. Public e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594

Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 342-2204, Curitiba PR

Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

BIZZ

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior.

Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista.

Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL

Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 29-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante L_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

BIZZ-71

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: Alex Antunes
Editores-Assistentes: Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Carmão Rocha (Showbuzz), Marisa Adán Gil (Conexão Brasil), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
ARTE
Diagramação: Antonio Fernando Morra, Renato Yada, Lucila Faleiros, Alexandre Matias
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Celval Heredia
Colaboradores: Jehi José, Paulo N. de Campos, Luis Claudio Gardin, Enaes Neto, André Forastieri, João do Espírito Santo, Arthur G.C. Duarte, Reinaldo Ferri, Carlos Eduardo Miranda, Leopoldo Rey, Cláudia de Souza Lima, Eduardo Feijó, Pedro Só, Luis Henrique Romanholi (textos), Jorge Rosenberg, Silvio Viegas (fotos), Alexandre Cruz Ramos (revisão)

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araujo
SP - Diretor: Romeu Andreatta Filho
Supervisor: Rosangela Cassito
Contatos: Arthur O. Neto, Lucio Zahou
RJ - Diretor: Eduardo Rosa
Contatos: Romualdo Ayres Costa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Coordenadora: Sandra C. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex: 237670, Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: 660731 ABRILPA, Fax: (00331) 42661399

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: André Felipe D'Amalio
Assistente: Patricia Grancon

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos Alberto Araujo, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Miranda Gomes

BIZZ 71 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel. (011) 211-7866, CEP 05479, Caixa Postal 66254. Cliché 05369, Telex (011) 83178, Fax (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Fax (021) 275-5347, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Arrentela dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem qual para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a reposição, em dobro, da parte do preço total paga anteriormente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Aceitam sua assinatura, exija a credencial de vendedor e pague somente com cheque nominal. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril da sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Preços especiais para revendedores

Preços válidos até a próxima edição da revista

100% algodão

Tamanhos P,M e G

FONE: (011) 280-2952

NEW ROCK

ML MANGA LONGA Cr$ 7.000,00

MC MANGA CURTA Cr$ 5.500,00

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS!

MT BLUSÃO DE MOLETOM Cr$ 10.000,00

Como comprar: pedes e cobrar (entrega urgente)

Envie o cupom acima corretamente preenchido para NEW ROCK: Rua Capote Valente, 242 - CEP 05409 - São Paulo - SP

Junto de seu pedido, deve ser enviado um "cheque nominal" à New Rock no valor de Cr$ 1.200,00 (preço médio das despesas de pedido). Este valor varia de acordo com o peso, localidade e total de compra.

O cheque mencionado será enviado junto com a encomenda.

Você tem o prazo de 5 dias corridos para retirar a encomenda no correio.

A encomenda só é paga ao ser retirada no correio.

Se as despesas do pedido forem menores que o valor do cheque, a diferença será devolvida.

Não atendemos pelo correio.

Preços válidos até 18 de dezembro de 1991

NEW ROCK Rua Capote Valente, 242 - 05409 - São Paulo - SP - Fone: (011) 280-2952

DISCOTECA BIZZ

SUICIDE

SUICIDE (1977)

Eles formavam um par esquisitão: Martin Rev (teclados) era um experimentalista que tivera lições formais com o *be-boper* Lennie Tristano, enquanto Alan Vega (voz), de ascendência hispânica e polaca, se iniciara nas artes como escultor, criando peças apenas com os estilhaços de lâmpadas quebradas. Em 71, ano da ascensão do *bitter sweet rock* e da derrocada dos megafestivais pop, a lapidar frase "the dream is over" — que o ex-Beatle acabara de enunciar — parecia justificar a criação do Suicide: um pesadelo escuro como breu que no futuro tornar-se-ia *o modelo* para 99% das bandas ligadas à eletrônica (das brigadas tecno da década passada à *entourage cyberpunk* hoje entrincheirada no selo Wax Trax, todos, sem exceção, devem tributo à dupla).

Naquela época, Vega vivia num ateliê em Manhattan — um lugar podre, aberto 24 horas por dia para um seleto bando de heroinômanos, bêbados e degenerados em geral. Um belo dia, Rev apareceu lá, simpatizou com Vega e chamou-o para ver um show do seu grupo, o Reverend V. Este tinha três baterias, três clarinetas, quatro trompetes, sax e órgão, que — óbvio — faziam um barulho terrível. Excitadíssimo com a coisa, Vega propôs a Rev um novo projeto a dois. E assim foi.

Meses depois, o Suicide estreou no Ungano, um *night club* para lá de caído, em Nova York. Conta a lenda que metade da platéia — vinte "cobaias", ao todo — fugiu espavorida no terceiro número. Esse padrão de rejeição seria uma constante na carreira do duo. Não fossem as noitadas no Mercer Arts Center e no CBGB's, ou as caóticas turnês pela Europa em 78 (junto com Elvis Costello e The Clash), eles sempre foram os alvos favoritos do público, que lhes atirava pedras, garrafas, cusparadas e outros projéteis. Também, seus *sets* jamais primaram pela acessibilidade. Na verdade, houve um tempo em que nem sequer tinham canções: tudo que havia era um zumbido metalizante inominável, de timbre, amplitude e matiz transmutados das litanias negras do Velvet Underground, das *trips* opiáceas de Albert Ayler e John Coltrane e das labaredas rock'n'roll de obscuridades dos anos 50.

Em 77, a ira punk pareceu mera traquinagem diante de seu primeiro LP, *Suicide* (do selo Red Star). Aquilo era *realmente* assustador. Suas sete faixas liberavam uma torrente de ruídos atávicos, vomitados pelo "synth" de Rev (na prática, um velho órgão Farfisa avariado). Sons bestiais, reduzidos ao básico, que impulsionavam Vega a se entregar — entre urros e gemidos — a um ritual de niilismo, autoflagelação e morbidez estertorantes.

O festim se abria aos acordes de "Ghost Rider", um *boogie à la* T. Rex (após um choque elétrico de dez mil volts!) que expunha as chagas que os *napalms* ianques deixaram no Vietnã. Em "Rocket USA", a *beat box* hipnotizava a mente em eternas reverberações, enquanto "Cheree" e "Girl" — em clima cabaré-terminal — inauguravam a trilha *nice'n'sleazy*, pela qual Soft Cell e afins seguiram anos depois. No outro lado, os dez minutos de "Frankie Teardrop" redimensionavam a tragédia grega ao minimalismo, deixando um vácuo para a irrupção da funérea "Che".

Nos anos seguintes, o Suicide continuou amargando o desdém das massas, colaborou com Fassbinder (na trilha de *In A Year Of Thirteen Moons*), registrou bissextas gravações, acabou, renasceu das próprias cinzas e, enfim, imortalizou-se.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

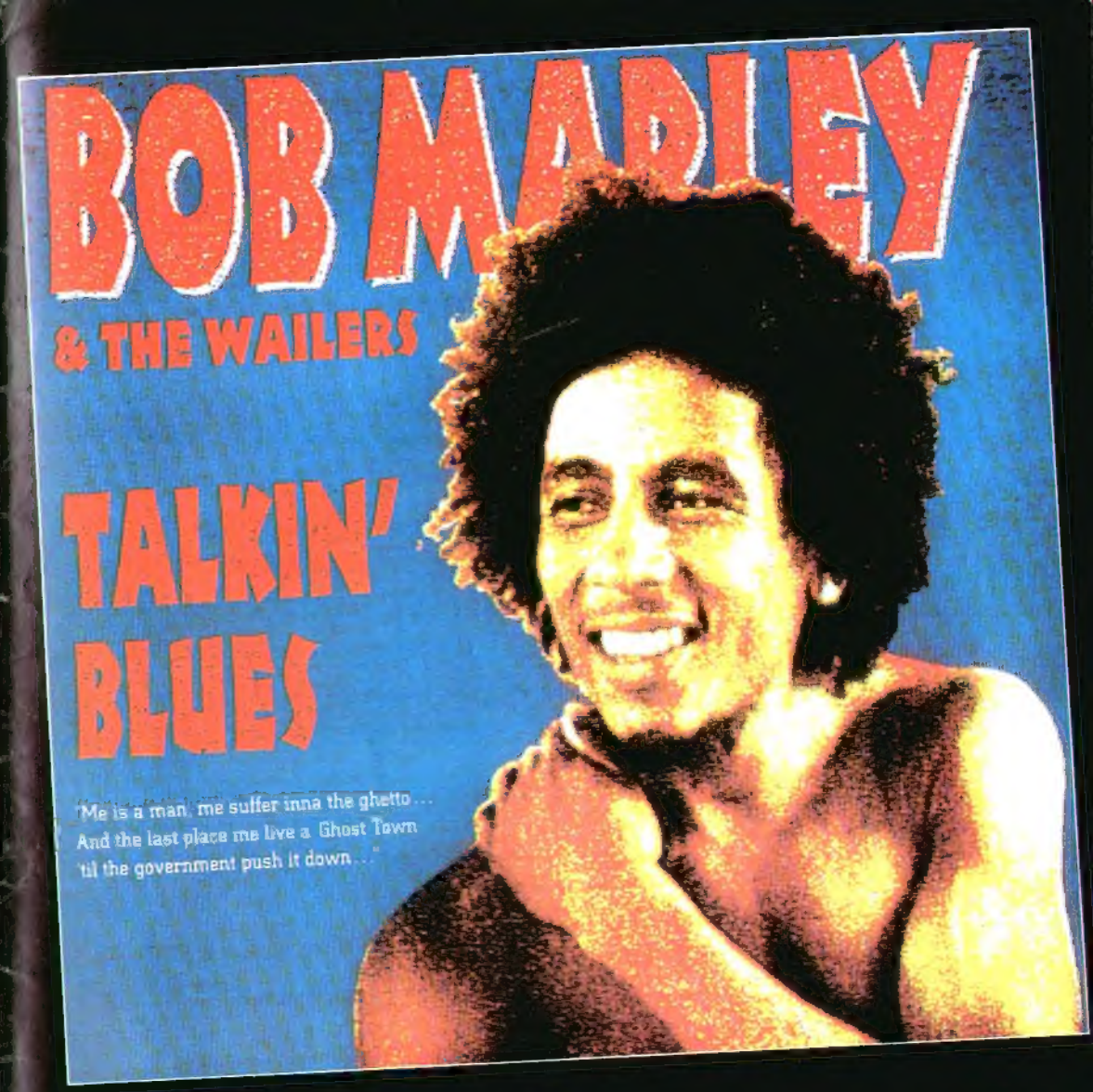
NAS ONDAS DAS ILHAS FIJI.

A sua revista Fluir deste mês visita as ilhas Fiji pela máquina do fotógrafo Sebastian Rojas, acompanhado do fera Paulo Kid, num show de cores e ondas. E mais: Bruno Alves registra o maior *swell* do inverno 90/91 quebrando em Log Cabins, na ilha de Oahu, no Hawaii. Você vai saber também como é o surfista punk Dadá Figueiredo, que está "pior do que antes" e acompanhar a viagem do nosso editor Falcão à Ilhabela, onde tudo deu errado!
E, ainda, uma homenagem a Pepê, o ídolo que se foi.

REVISTA FLUIR
SURF É FLUIR

EDITORA AZUL

NAS BANCAS



Gravações e Depoimentos Inéditos

TUFF GONG
ISLAND

Em LP, K7 e CD
PolyGram

LOJAS EXCLUSIVAS SETE SETE CINCO: INFORMAÇÕES (011) 828 4288 PRONTA ENTREGA: R. GEN. JULIO MARCONDES SALGADO 24

TRIPOLI

SETE SETE CINCO